

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

HAITY MOUSSATCHÉ
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de Pesquisa – Memória de Manguinhos

Entrevistado - Haity Moussatché (HM)

Entrevistadores - Arlindo Fábio Gomez de Souza (AF), Luiz Fernando Ferreira (LF), Paulo Gadelha (PG), Cristina Tavares (CT) e Wanda Hamilton (WH)

Data - 28/11/1985 e 17/01/1986

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração – 4h34min

Resenha biográfica e Sumário - Nara Azevedo

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

MOUSSATCHÉ, Haity. *Haity Moussatché. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória de Manguinhos*, 1986. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 62p.

Resenha biográfica

Haity Moussatché nasceu em 1910, em Smirna, Turquia, imigrando para o Brasil aos três anos. Formou-se em medicina pela Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em 1930, ingressou no Instituto Oswaldo Cruz (IOC) com estagiário, sendo contratado em 1937. Em Manguinhos, foi assistente, biólogo, professor, pesquisador e chefe da seção de farmacodinâmica. Além disso, de 1958 a 1964, chefiou a seção de fisiologia.

Seu interesse pela fisiologia surgiu nas aulas ministradas por Álvaro Osório de Almeida, na Faculdade de Medicina. No IOC, trabalhou com Miguel Osório de Almeida, desenvolvendo pesquisas em fisiologia e farmacologia comportamental, onde figuram estudos sobre epilepsia experimental; reação anafilática em animais de laboratório; propriedades farmacológicas de frações de venenos de serpentes; reatividade de músculos lisos e estriados; além de investigações com produtos naturais originários de plantas.

Inspirador da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), junto com Maurício Rocha e Silva, Haity Moussatché fez parte do grupo que planejou a criação da Universidade de Brasília (UnB).

Fundador da International Society of Toxicology e da Sociedade de Biologia do Brasil, Haity Moussatché foi membro da Academia Brasileira de Ciências, da Academia de Ciências de Nova Iorque, da Federação Mundial de Trabalhadores Científicos, da Associação Venezuelana para o Progresso da Ciência e da Associação para Criação do Parlamento Mundial.

Em 1970, Haity Moussatché teve seus direitos políticos cassados e foi aposentado compulsoriamente pelo Ato Institucional nº 5 (AI-5). Viajou para a Venezuela e foi trabalhar na recém criada Universidade Centro-Occidental Lisandro Alvarado, em Barquisimeto. Nessa instituição, além de colaborar para o desenvolvimento das atividades de investigação científica, foi professor, chefe da Unidade de Pesquisa em Ciências Fisiológicas e presidente do Conselho de Pesquisas e Serviços.

Ao retornar ao Brasil, em 1985, foi convidado para reorganizar o Departamento de Fisiologia e Farmacodinâmica de Manguinhos, uma vez que estas áreas estavam extintas desde a época das cassações. Haity Moussatché aceitou o convite, trazendo Tito Cavalcanti para auxiliá-lo, e trabalhou vários meses sem remuneração até conseguir uma bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Em 1986, foi reintegrado ao quadro de pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), quando deu continuidade às atividades do Departamento de Fisiologia e Farmacodinâmica. Haity Moussatché faleceu em 24 de julho de 1998.

Sumário

Fita 1 a Fita 3

Origem familiar; a influência das condições sanitárias do Rio de Janeiro sobre o fluxo migratório; o curso preparatório no Rio de Janeiro; a influência do professor César Salles na escolha dos estudos em biologia; a faculdade de medicina como instrumento para o estudo da biologia; o interesse pela parasitologia e os primeiros contatos com o IOC; o curso de fisiologia ministrado por Álvaro Osório de Almeida e a decisão de se dedicar à fisiologia; o pedido de Carlos Chagas para trabalhar no IOC; a inexistência de pesquisas em fisiologia no curso de medicina; o laboratório de fisiologia de Álvaro Osório de Almeida na rua Machado de Assis (RJ); a atuação como monitor de Álvaro Osório de Almeida na faculdade de medicina; os estudos de Miguel Osório de Almeida sobre o sinal de Babinsky; perfil dos irmãos Osório de Almeida; o convite de Carlos Chagas a Miguel Osório para instalar o Departamento de Fisiologia no IOC; o desinteresse pelos cursos da faculdade de medicina; a residência médica no Hospital Evandro Chagas; a opção pela fisiologia e o restrito mercado de trabalho; comentários sobre o atual ensino médico; a implantação do laboratório de fisiologia no IOC e as primeiras experiências desenvolvidas por Miguel Osório de Almeida; a saída de Miguel Osório de Almeida do IOC em 1921; o ingresso de Thales Martins no IOC; as pesquisas pioneiras em etologia desenvolvidas por Thales Martins; perfil de Thales Martins; a transferência de Thales Martins para São Paulo em 1934; a participação de Branca Osório de Almeida nos trabalhos do laboratório da rua Machado de Assis; a influência de seu pai e de César Salles na escolha da carreira profissional; o positivismo no Brasil; a precariedade instrumental do laboratório de fisiologia da rua Machado de Assis e do IOC; a habilidade técnica dos irmãos Osório de Almeida; o uso da matemática por Miguel Osório de Almeida em suas pesquisas; o trabalho com cultura de tecidos de febre amarela; o concurso para ingresso no IOC em 1941; as dificuldades de promoção no IOC; crítica aos comentários sobre a decadência de Manguinhos; comentários sobre a qualidade profissional de vários pesquisadores do IOC; a relação entre desenvolvimento socioeconômico e ciência; o movimento pela separação do IOC do Ministério da Saúde; crítica à qualidade dos produtos farmacêuticos produzidos pelo IOC; a participação na discussão sobre o uso da energia nuclear no Brasil; a evasão de pesquisadores do IOC em decorrência das cassações; a desvalorização social da ciência no Brasil; e relação entre desenvolvimento econômico em São Paulo na década de 30 e o florescimento científico; a falsa distinção entre ciência básica e aplicada; o papel da tecnologia no desenvolvimento da ciência; a luta no IOC pela liberdade de pesquisa.

Fita 4 a Fita 6

O laboratório de fisiologia do IOC como polo de atração da pesquisa básica; a pesquisa científica e o Instituto de Biofísica da Universidade do Brasil; os estudos realizados no laboratório de fisiologia do IOC por pesquisadores visitantes; o caso Arthur Moses no IOC; as disputas entre os pesquisadores na sucessão de Oswaldo Cruz; o perfil e gestão de Olympio da Fonseca no IOC; a luta pela modernização do IOC nas décadas de 40 e 50; a resistência de Henrique Aragão à criação de um conselho auxiliar para a direção do IOC; as diversas concepções no IOC quanto à orientação científica; a dificuldade de obtenção de recursos para a pesquisa básica no IOC; comentários sobre os motivos das cassações; os atuais contatos com o Ministério da Ciência e Tecnologia; a inexistência de investigação nas universidades; o retorno a Manguinhos e a reconstrução do laboratório

de fisiologia; a conservação de material e equipamentos de seu laboratório feita por antigos auxiliares desde a cassação; a prisão de Fernando Ubatuba em 1968; os inquéritos policial-militar e administrativo no período pós-1964; as divergências político-ideológicas como explicação para a cassação dos pesquisadores em 1970; o papel de Rocha Lagoa no ato de cassação; a participação na criação da UnB; o exílio e o trabalho desenvolvido na Venezuela; o retorno ao Brasil e as expectativas de trabalho na FIOCRUZ; comentários sobre o atual desenvolvimento do Brasil; a necessidade de relações científicas internacionais para o desenvolvimento socioeconômico da humanidade.

Data: 28/11/1985

Fita 1 – Lado A

PG — Eu gostaria que o Dr. Moussatché nos falasse um pouco de sua origem e trajetória antes mesmo da vida profissional. Como foi essa trajetória até chegar ao Brasil, na medida em que nós temos um nome cheio de magia — Smirna — que consta do seu nascimento?

HM — Bem, nasci no dia 21 de fevereiro de 1910, o que dá hoje 75 anos. Já é uma longa história de 75 anos, de que eu não posso nem lembrar. Dessa primeira parte, me lembro mais por memória das coisas que meus pais falavam. Sei que nasci numa cidade que, aliás, não é uma cidade propriamente, mas sim uma aldeia da cidade de Smirna. Essa aldeia, que se chamava Vourlá ou Urlá, fica justamente numa península chamada Glassoven que por muitos anos, como também Smirna, pertencia à Grécia. Por isso, naquela região o povo falava o grego e o turco, porque era na Turquia.

Nós éramos de uma colônia judia que vivia naquela região e, porque éramos judeus sefarditas¹, falávamos o espanhol. Mas eu me lembro muito pouco daquela região, porque vim para o Brasil com dois anos de idade. Assim que, realmente, sou brasileiro. Nasci lá, tenho toda essa história presente na minha memória porque meus pais se referiam a ela, mas não me lembro de nada daquilo. Simplesmente, tenho que me referir a partir da minha vinda para o Brasil, porque aqui cheguei com dois anos de idade. Meu pai antecedeu a família em cerca de um ano e depois nós viemos e aqui estamos até agora. Creio que tenha muito pouca coisa interessante a dizer dessa parte de minha vida, da chegada ao Brasil, de meus pais procurarem se integrar aqui trabalhar...

Meu pai era, vamos dizer assim, algo parecido com um rabino; não tinha a escola de rabinato, mas era um rabino, era professor de hebraico na terra dele. Era um rabino no sentido de fazer todas as coisas que se referem à religião. Nesse aspecto, ele fazia a circuncisão, a liturgia judaica... Fez por muitos anos até que, numa época determinada, ele deixou por circunstâncias sociais do mundo todo, que demonstrava orientações não mais religiosas. Ele passou a ser ateu, sem religião e nos educou, praticamente, sem religião. Não sinto falta da religião para ser quem sou, mas respeito imensamente aqueles que são religiosos. Nada tenho contra a religião, apenas não a tenho para uma explicação do mundo. Para mim, as coisas estão dentro de um ponto-de-vista chamado materialista, que acho tão espiritual quanto a crença religiosa. Quer dizer, todo esse aspecto de pensar nos problemas do mundo sem necessitar de uma explicação para certas coisas que não tem explicação prefiro deixar para quando tiver uma explicação científica.

Desde cedo, por influência do meu pai, fui uma pessoa muito dedicada aos problemas intelectuais. Ele, sem querer nos convencer de nada, nos ensinava simplesmente, até pela própria atitude, pela maneira de ser... Já que é uma entrevista e querem que me refira a coisas de um passado tão longo, quero dizer que se sou o que sou, devo fundamentalmente ao meu pai, principalmente pela sua maneira correta, séria de levar os problemas a vida toda. Um homem de recursos muito parcos, mas que fez questão que nenhum de nós seguíssemos a sua carreira que era de comerciante. Ele teve que fazer comércio porque aqui não teve outra oportunidade, como também, em parte, não teve em Smirna. Lecionava hebraico, mas também tinha que viver de alguma coisa mais, de comércio, porque lecionar simplesmente não dava para viver. Por isso ele também veio buscar um pouco aqui na América. Em 1910 muita gente buscava a América. Na verdade, ele nem pensava em vir para o Brasil; pensava em ir para a Argentina, porque as notícias que se tinham do Brasil eram de que a febre amarela matava todos que aqui aparecessem. Mas,

¹ Judeus da Península Ibérica que emigraram na época da Inquisição.

simplesmente o que não se sabia na ocasião — houve um acontecimento fundamental nessa ocasião — foi que Oswaldo Cruz acabou com a febre amarela. Essa notícia ainda não tinha chegado a Smirna e a todo aquele Oriente; toda gente que estava e vivia lá procurava a Argentina. Quando ele chegou aqui, viu que era uma terra em que se podia viver perfeitamente.

Fiz o meu curso primário e secundário em Niterói, onde nós moramos muitos anos, e ingressei na Escola de Medicina em 1928.

AF — Professor, seu nome, traduzido para o português, tem algum significado especial?

HM — Tem. Meu nome é uma adaptação que eu mesmo fiz. Meu nome, se quiserem pronunciar tal como se pronuncia em casa e muita gente assim me chama é Haiate. Nome esse tão complicado que alguns colegas meus, porque não sabiam pronunciar-lo com *h* aspirado, o trocavam por *r*, era uma complicação. Meu nome era uma complicação social no sentido de que as pessoas com quem eu lidava não conseguiam pronunciar-lo. Realmente, é uma adaptação de um nome hebraico — Haiim — que quer dizer vida, e Haiate é uma adaptação ao turco. Meu pai, apesar de judeu, era um homem que achava que a Turquia deveria progredir e ser um país que progredisse - não progrediu muito até hoje, não. Era daqueles, não digo dos jovens turcos, mas estava naquela faixa. Queria que meu nome se adaptasse um pouco ao próprio idioma turco, pensando que talvez ficasse por lá. Não ficamos. O nome Haiate também seria Água da Vida ou Vida. Eu achei que deveria mudá-lo um pouco, isso já quando eu ia para o curso secundário que, naquela ocasião, era o curso preparatório. “Ah! — eu disse — está muito complicado mesmo, meu pai. Vou botar um outro nome. Olha, vou botar Haity, porque por aqui tem uma ilha, Haiti. Vai ficar Haity mesmo, e, com isso, está liquidada tanta complicação”. Essa é a origem do meu nome, um nome hebraico adaptado um pouco ao turco e que originalmente seria Haiim, muito comum entre os judeus.

PG — Mas professor, o senhor falou que em 1928 ingressou na Faculdade de Medicina. Nós temos registros de que, em 1930, o senhor já era interno do laboratório de análise do Hospital Evandro Chagas e que, inclusive, teria residido durante dois anos, no Instituto Oswaldo Cruz. Como foi a experiência de ter residido, já no início da faculdade, e também a relação que se estabelecia entre o Instituto e a Faculdade? Isso valia créditos para a faculdade? Como se dava essa relação?

HM — Se o senhor me permite, eu preferia voltar um pouco atrás. Estou seguindo cronologicamente a história. O último ano, praticamente, não fiz em Niterói, porque história natural, naquele tempo, se fazia no Museu de História Natural. Compreendia biologia, geologia, botânica, mineralogia e zoologia e também a parte de física. No colégio que eu estava não era boa a parte de química e eu vim para o Curso Superior de Preparatórios. Lá, tive realmente meu primeiro impacto: o professor de história natural, César Sales, um desses homens que passam e a história não registra. Quero aproveitar para registrar aqui. César Sales era um homem incrível. O Dr. Herman Lent foi aluno do César Sales, e muitas outras pessoas que se dedicaram à biologia foram seus alunos também. Era um professor de curso secundário que fez experiências muito simples para que nós víssemos. Por exemplo: uma rã que ele abre, tira o coração e o coração bate espontaneamente, e a gente fica admirado vendo o coração bater. Dava umas aulas excelentes de zoologia e de botânica.

Aos domingos, invés de ir para casa, ia conosco para o Jardim Botânico ou para o Museu e dizia com antecedência: “Vamos nesse dia, quem quiser ir - ele não obrigava ninguém

- pode ir conosco, porque vamos fazer uma excursão pelo Jardim Botânico. Vamos estudar flores e isto é aquilo”. Se quiséssemos, nos preparávamos, íamos para lá, e ele pegava flores e dava suas características. No Jardim Botânico, diante de uma espécie animal qualquer, ele dizia: “Como o senhor classifica isso?” Um dizia, por exemplo: “Peixe.” “Não senhor! Eu quero: reino animal, sub-reino dos metazoários, ramo dos vertebrados” (*rindo*). E você tinha que repetir aquilo, de maneira que já ficava gravado na memória da gente tremendamente! Um professor domingo! E isso, muitas vezes. Aquelas aulas me impressionavam muito, e foi minha primeira decisão: “Vou estudar história natural e vou estudar zoologia”, porque me encantou a zoologia. Mas gostei muito de química e de biologia, porque eu também gostava muito de plantas. “Bom, mas eu também quero estudar química. Então acho que vou fazer o seguinte: vou para a escola de química”. Mas na escola de química não se estuda biologia. Ficou aquele problema: “Mas se quero estudar química e quero estudar biologia, não posso ir para a escola de química porque é uma escola de química industrial”. Na escola de medicina tinha a cadeira de biologia, que era dada pelo Pacheco Leão. Eu fui para a biologia.

LF — Essa cadeira se chamava história natural médica?

HM — Não, história natural era do curso preparatório.

LF — Essa cadeira é antecessora da cadeira de parasitologia?

HM — Na cadeira de biologia tinha biologia e parasitologia. No primeiro ano de escola de medicina tem biologia.

LF — Porque depois ela vai virar cadeira de parasitologia.

HM — Mas história natural era no preparatório. Naquele tempo, não havia curso de tipo ginásio, não é? Era preparatório, era o parcelado. Chamava-se história natural, que compreendia: zoologia, botânica, mineralogia e geologia. Isso é que nos fazia César Sales. Quando tive que decidir, no vestibular, decidi por medicina, mas não gostava de medicina! Eu não sabia se ia para química, mas medicina não era do meu interesse. Realmente meu interesse ficou muito para zoologia ou botânica, mas depois zoologia... Tinha zoologia, biologia e parasitologia, que me encantou.

Eu gostava tanto de parasitologia que antes de começarem as aulas práticas de parasitologia — estou me estendendo um pouco demais, mas como vocês querem que conte essa história toda — às oito horas da manhã, na Praia Vermelha, nós chegávamos um pouco antes, ficávamos conversando sobre parasitologia até a aula. Eu gostava tanto que mandei buscar uns livros do [Emile] Brumpt na França, em francês - tinha acabado de sair a edição - e estudava aquilo com enorme interesse e conversava com alguns colegas. Sabia muito bem parasitologia, passei com distinção.

Um rapaz, um colega que eu não conhecia, que estava sempre lá, me disse: “Você que gosta tanto de parasitologia, não quer ver, além das aulas práticas, que a gente vê no microscópio em fila indiana, um atrás do outro, onde empurram para que você seja urgente porque não dá tempo, você não quer ver as lâminas com mais detalhes?” Eu falei: “É claro que quero”. E ele: “Você não quer ir ao Instituto Oswaldo Cruz?” Esse era o meu colega chamado Antônio Francisco Rodrigues de Albuquerque. Eu disse: “Claro que quero”. E eu me batia, aos domingos, aqui para o IOC, para o hospital onde eles estavam. Vinha para estudar parasitologia com ele. Tinha muita lâmina, tripanosoma. Tinha tudo

lá. E, assim, pela primeira vez, apareci no Instituto Oswaldo Cruz, no primeiro ano de medicina.

Passei muito bem no primeiro ano, no segundo ano... Portanto, respondendo àquela pergunta, não vim para me formar em medicina; isso era uma decisão definitiva. A decisão do primeiro ano era parasitologia. No segundo ano, fui assistir a uma aula e tive muita sorte. Depois de um longo período fora da escola de medicina, Álvaro Osório de Almeida voltava a dar o curso de fisiologia na escola. Então fui assistir à primeira aula. A primeira aula do Osório foi a seguinte: aplicação da Primeira Lei da Termodinâmica aos seres vivos. Ele explicou como se aplica a termodinâmica aos fenômenos vivos, eles se passam perfeitamente de acordo com os princípios fundamentais da Primeira Lei da Termodinâmica. Aquilo foi para mim assim como um deslumbramento. Eu digo: “É isso que quero, é isso que quero estudar, é fisiologia”. Então estava decidido que eu iria para fisiologia. Daí por diante, sempre a minha ideia foi trabalhar em fisiologia. No segundo ano, terminei também meu primeiro curso de fisiologia, estudei muito, passei com distinção.

Mas o Instituto Oswaldo Cruz continuava sendo a instituição de pesquisa por excelência, para onde eu achava que deveria ir. Então procurei o velho Carlos Chagas na sua casa; procurei o Evandro Chagas, no seu consultório, e disse que queria trabalhar no instituto. Eu já estava no terceiro ano. E eles aceitaram que eu viesse trabalhar aqui, no laboratório, fazendo análise dos doentes tinham atendido pela manhã. Havia o ambulatório para todo o pessoal que vinha aqui, da Baixada — naquela época havia malária, todo aquele negócio, quase na porta do instituto. E lá fiquei dois anos, trabalhando no laboratório. Aprendi a fazer todos esses exames de laboratório: diagnóstico de malária, diagnóstico de verminoses, exames de urina, enfim, tudo isso.

Todo mundo sabia, na escola, que eu gostava muito de fisiologia. Álvaro Osório precisava de um monitor de fisiologia e convidou algumas pessoas. Eu já conhecia Álvaro Osório, do seu laboratório na Rua Machado de Assis, porque ele havia organizado o primeiro laboratório de fisiologia no Brasil, posto que o da escola de medicina estava fechado. Lá não se permitia fazer pesquisa, mas ele, uma vez quis fazer pesquisa, por volta de 1910 ou 1911. Foi ao diretor da escola de medicina e disse que queria trabalhar no laboratório para fazer algumas pesquisas. Pouco antes, havia regressado do Instituto Pasteur, onde trabalhava com o Delezene, com o Prowazerk, e, simplesmente, o diretor da escola disse-lhe que investigação lá na escola de medicina, não, que procurasse outro lugar. Ele contou com muita graça, numa conferência que fez: “Mas não havia outro lugar!”

Álvaro Osório, inclusive, tinha procurado Oswaldo Cruz quando viera do Instituto Pasteur. Álvaro apresentara o problema dizendo que no Instituto Pasteur, que ambos conheciam bem — Oswaldo Cruz e ele — já havia fisiologia, fundada pelo Darsey, um discípulo de Claude Bernard, como vocês sabem, o pai da fisiologia francesa, talvez do mundo inteiro. Álvaro Osório nunca encontrava lugar, porque Oswaldo Cruz não negou, disse-lhe que sim, que estava pensando em instalar a fisiologia aqui. Mas o tempo foi passando e Álvaro Osório achou melhor montar um laboratório em sua casa.

Ele então montou o célebre laboratório de fisiologia da rua Machado de Assis, sustentado por Cândido Gaffrée, que era o homem das Docas de Santos, dono das Docas de Santos. Tinha muito dinheiro, era muito amigo de seu pai de Álvaro Osório, que era diretor da Central do Brasil, um engenheiro de muita projeção, inclusive na própria Docas de Santos onde esteve trabalhando. Cândido Gaffrée, e depois, os Guinle — o Guilherme Guinle — sustentaram o laboratório da Rua Machado de Assis, e Álvaro Osório pôde formar lá uma boa parte dos fisiologistas da época inicial. Tendo voltado para a escola, queria um assistente e lhe disseram: “Por que você não leva o Moussatché, um estudante de

fisiologia?” Fui para a escola de medicina, para o quarto ano, deixei o instituto e lá fiquei até me formar.

PG — O início do laboratório de fisiologia de Álvaro Osório remete a uma polêmica interessante que eu gostaria que o senhor considerasse. Ele surge com o apoio de uma iniciativa particular, ao mesmo tempo em que não se desenvolve naquele que era o principal centro de desenvolvimento experimental da época, que era, então o Instituto Soroterápico e depois o IOC. Segundo Olympio da Fonseca, não teria havido a seção de fisiologia em Manguinhos durante a época de Oswaldo Cruz, devido à inexistência de fisiologistas no Brasil. É uma afirmação, me parece, polêmica e contraditória com essa visão. O que realmente levou Oswaldo Cruz a postergar este projeto? Há alguma explicação a mais que o senhor teria?

HM — Eu creio que polêmica ela não é, porque o fato de que Olympio da Fonseca não conhecesse os trabalhos de Álvaro de Almeida e de Miguel Osório de Almeida... Oswaldo Cruz morreu em 1917, verdade? Em 1917, o laboratório da Machado de Assis já estava organizado, trabalhando, com muitos trabalhos publicados, alguns de repercussão internacional. Por exemplo: o Dr. Miguel Osório de Almeida, que estava trabalhando com o irmão naquele laboratório já em 1908, 1909 e 1910, fez um trabalho - você é médico? - sobre o sinal de [Joseph] Babinski² que é um sinal que quando há hemiplegia, os neurologistas sabem que aparece. Quando não há ainda muita evidência de hemiplegia, quando há discussão, simplesmente com o sinal de Babinski pode-se fazer um estudo e saber se estava lesado o feixe piramidal. Miguel Osório estudou este sinal e mostrou que a anemia da perna que está semiparalisada ou paralisada inverte o sinal de Babinski, em linhas gerais, significa que o dedo grande do pé, ao invés de ir para trás, quando se faz uma flexão na planta do pé, se fecha; de modo que é um sinal muito típico. Miguel Osório mostrou que há uma mudança na direção do sinal de Babinski pela anemia da perna do doente, coisa que agradou muito ao próprio Babinski, que na ocasião estava vivo e se referiu a isso.

Miguel Osório já era conhecido e o irmão também era muito conhecido, porque já estavam estudando uma série de problemas de fisiologia. Naturalmente, ainda não é raro que muita gente no Brasil é mais conhecida no exterior do que no Brasil. Naquela ocasião, Álvaro Osório e Miguel Osório de Almeida já eram bastante conhecidos, e se Olympio da Fonseca não sabia — e, se soubesse, talvez não lhes desse a importância que tinham - não é porque não havia fisiologistas já conhecidos. Inclusive, em 1917, Miguel Osório de Almeida fez um concurso para professor de física da escola de medicina, um concurso brilhante que o tornou conhecido aqui. Mas concurso não é investigação, e estou me referindo a investigação: tanto Miguel como Álvaro Osório não só eram grandes investigadores como brilhantes no sentido pessoal. Em particular Miguel Osório, com quem praticamente me formei — porque quando vim para o instituto fui trabalhar com ele, logo depois de formado — eu já o conhecia de antes, lá do laboratório da Machado de Assis. Quer dizer, não sei porque Oswaldo Cruz não aceitou, em seguida, a vinda dele. Podem haver muitas razões para isso, dessas que a gente... Oswaldo Cruz não disse, mas a verdade é que várias vezes ele se encontrou com Álvaro Osório de Almeida e falou: “Olha, aquela tua proposta, eu estou pensando ainda”. Não está nestes termos, mas consta de um discurso que Álvaro Osório de Almeida fez, a meu convite, em 1949, quando foi fundada a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciências — SBPC.

² Neurologista francês dedicado ao estudo da semiologia nervosa (1857-1932).

Eu era, no Rio de Janeiro, o secretário-geral da SBPC em para instalar esse ramo da sociedade aqui, convidei Álvaro Osório para fazer uma conferência inaugural. E a conferência em que ele se refere à tentativa de vir para o instituto, está publicada. O fato de não ter vindo não ocasionou muitos problemas, porque Miguel Osório, como disse, fez um concurso brilhante para professor da escola de medicina e, por motivos que não vêm ao caso comentar, ficou sem decisão da banca, foi para a congregação da escola e lá começaram uma série de coisas. Álvaro Osório não era uma figura simpática, porque criticava muito a escola pela sua maneira de ser. Lembro-me da conferência de Álvaro Osório criticando a escola de medicina porque dentro de uma universidade não se fazia pesquisa. Ele dizia: “Que é isto? Que universidade é essa?” Ele não tinha uma simpatia muito grande dentro da escola, o que se repetiu também quando Miguel Osório fez o concurso.

Mas o fato é que morreu Oswaldo Cruz, Carlos Chagas é o diretor, e em 1919, isto pouco depois do concurso de Miguel Osório, Carlos Chagas o convidou para fundar a Divisão de Fisiologia. Quer dizer que estava dentro da própria projeção do Instituto apoiar a investigação nas várias diretrizes do conhecimento, perfeitamente bem dentro dessa atmosfera — era simplesmente a ocasião. Depois todos sabem que Oswaldo Cruz esteve um pouco retirado do instituto. Tudo isso deve ter contribuído para o fato de que ele não... Mas Carlos Chagas estava alerta, convidou-o pouco depois de sua vinda, em 1919.

Fita 1 – Lado B

HM — Bem, no segundo ano de medicina decidi pela fisiologia e claro, gostei muito de microbiologia, mas não fui às aulas, porque realmente microbiologia era no terceiro ano e eu já estava aqui no Instituto, no laboratório, e creio que aprenderia muito mais microbiologia aqui no Instituto do que nas aulas. De maneira que, se vocês querem saber, praticamente, a partir do segundo ano, já no terceiro, eu não ia mais às aulas. Não ia mais às aulas porque não tinha nada que fazer lá porque... Se é para ser honesto... eu tenho que ser honesto, sempre fui... A não ser as aulas de Álvaro Osório que me interessavam, as outras não me interessavam praticamente. A aula de patologia geral... Pinheiro Guimarães era um homem brilhante, dava umas bonitas aulas, mas eu podia estudar no livro de patologia geral e creio que lucrava muito com isso.

AF — O senhor residiu aqui no IOC nessa época, nesses dois anos?

HM — Eu residi no Hospital Evandro Chagas. Durante dois anos, ficava aqui todo o tempo, o dia inteiro, e somente ia às aulas práticas de algumas cadeiras porque tinha que dar frequência, quando não conseguia que alguém desse frequência. Eu achava que estava aprendendo muito mais no laboratório, fazendo esses exames aqui no Instituto, estudando. Tinha essa biblioteca fabulosa daqui o que ia fazer na escola? Ia às aulas de Álvaro Osório porque me interessava por fisiologia. E assim foi então, pelo terceiro e quarto ano. Não fui à escola. Nunca fui à aula de alguns professores. Foi assim. E não fui eu somente.

Um grupo que era mais ou menos como eu — Maurício Rocha e Silva foi meu colega de turma e amigo íntimo. Lamentavelmente morreu há um ano e pouco — agora no dia 19 de dezembro faz dois anos. Mas nós éramos muito chegados. Eu preferia conversar com ele sobre o que era filosofia, literatura, fisiologia, política do mundo, tudo, do que vir a uma aula, assistir a um professor que dá uma aula que posso ler no livro. A única pessoa que tinha algo para me dizer realmente era Álvaro Osório, porque ele era um pesquisador! Os outros foram muito bons professores, não digo que não foram bons professores; acho

que foram. Mas para mim, para as minhas diretrizes, para o que eu queria... Eu queria chegar ao fim do curso, era isso que precisava.

A tal ponto estava nisso que, quando chegou o sexto ano, disse a Álvaro Osório: “Olha, Dr. Álvaro, não estou interessado em fazer medicina, não quero fazer medicina, não preciso me formar em medicina. Estou aqui como monitor do senhor — também a minha situação na época não era muito brilhante — prefiro não me formar. Vou ficar aqui como monitor, trabalhando em fisiologia”. Ele: “Mas não faça isso. Isso não tem sentido, você tem que se formar”. Então respondi: “Não, Dr. Álvaro, deixa, eu me formo depois”. Ele insistiu: “Não, não, não. Você tem que se forma, tem que acabar o curso, não pode ser assim”. Afinal fez um ultimato: “Ou você se forma ou boto você para fora do curso” (*batendo com a bengala*). “Agora, então tenho que me formar, não tenho outra saída”. (*risos*). E foi por isso que me formei em medicina, senão não ia me formar, não estava interessado em medicina! Se bem que fui trabalhar na Assistência, aprendi um pouco de medicina para alguma eventualidade. Naquela ocasião não havia postos para se trabalhar em fisiologia! Os únicos postos eram de assistentes da escola, e estavam tomados por dois amigos meus — eu era monitor e eles, assistentes. Um, o Thales Martins, trabalhava aqui no instituto e o outro, Couto e Silva, que depois até deixou a fisiologia. Então, realmente, meu interesse era fisiologia mesmo e investigação. Como me formar em medicina? Só fiz medicina um pouco para alguma eventualidade. Não posso ter nenhum posto. Pelo menos, tenho o diploma; quero saber um pouco de medicina. Na assistência, fiz o serviço de urgência, fiquei dos anos nessa parte. Fiz concurso. Mas sempre fui monitor e já procurava essa direção que tenho até hoje.

PG — Ainda durante esse período de formação, o senhor deve ter acompanhado a Reforma Pedro Ernesto, o período de Pedro Ernesto na área de assistência médica, quando foram construídos os grandes hospitais que formaram a infraestrutura hospitalar do Rio de Janeiro. Como o senhor vê esse momento da assistência médica? Havia alguma relação entre o pessoal que trabalhava na área da saúde pública e na área experimental com o que ocorria na assistência médica mais pública, de massa?

HM — Não, não sei se posso ser um bom testemunho para isso, não. Sei que Pedro Ernesto foi realmente um homem extraordinário nas coisas que fez. Foi acusado de esquerdista, mas ele foi realmente um homem... Aí está uma obra que deixou: o Hospital Pedro Ernesto. A escola de medicina aqui da Guanabara, da qual fui professor de fisiologia por dois anos, deve muito a ele. Mas a verdade é que eram hospitais de atendimento público, mas investigação médica nunca se fez, não há notícia. E mesmo ainda hoje é bastante pobre em investigação clínica, muito pobres. Só muito mais tarde é que se começou um pouco mais com cardiologia, mas creio que não sou um bom testemunho para isso, sabe? Porque não tenho ideia muito clara disso.

LF — A maneira como o senhor se formou, assistindo as aulas de Álvaro Osório e não indo aos outros cursos, parece-me, era a maneira como todo mundo se formava na época. Mesmo aquele que queria ser clínico ou cirurgião ficava junto de um professor, escolhia alguém; e em geral, frequentava-se pouco a faculdade de medicina. Quer dizer, os cirurgiões ficavam aderidos a um serviço de cirurgia e ali se formavam. No mesmo modelo em que o senhor se formou em fisiologia, outros se formaram em cirurgia, clínica etc. Com esse modelo se formavam as pessoas à época. Às vezes, se discute a exigência curricular de um curso de medicina, quando na realidade dentro de uma escola de medicina encontram-se tendência diversas: há pessoas que querem se dedicar à cadeira básica; há pessoas que querem se dedicar à medicina social ou à psiquiatria, e são

tendências divergentes. A pergunta que faço é a seguinte: Será que melhorou? A organização que se tem tentado dar ao ensino médico melhorou ou piorou? Quer dizer, antes era mais livre e as pessoas se formavam melhor?

HM — Quer saber minha opinião? Olha, creio que se desse a minha opinião... Posso dar por inteiro? Vai ter muita gente contra. Eu acho que piorou. Acho que essas aulas, como são dadas hoje, essas exigências que são feitas castram os alunos. Aliás, é tão polêmico que eu não sei se cabe aqui num depoimento desses, não é? Acho que o aluno que não é capaz de pegar um livro e ler... E hoje já não se pode mais dizer que não há livro... Antigamente, o sujeito dizia: “Não, mas para ler o quê? Os livros são todos escritos em inglês ou francês”. No meu tempo quase tudo era em francês, mas no fim do curso já peguei em inglês. E hoje você tem os livros em inglês o que exige que os alunos, já muito cedo aprendam inglês. Têm que aprender mesmo. Tem muita coisa traduzida, e se ele não é capaz de ler um livro em português ou inglês, não é uma pessoa que deva estar numa escola superior! Se ele precisa ir a uma aula para aprender, há uma deficiência mental nesse aluno.

Eu me considero de inteligência média. Não ia às aulas, mas estudava nos livros; ia lá e fazia minha prova, e passava na prova. Acho que sou capaz de ler um livro, entendê-lo e escrever sobre aquilo que li. Acho que isso é o mínimo que se pode exigir de um universitário. Podem dizer: “Mas para que o professor?” É para isso, para estar nos hospitais. Você vai lá, discute com ele, conversa com ele, examina os doentes, estuda, não é? Não é simplesmente uma coisa de passagem em que você assiste a uma aula, depois vai para casa ou toma um apontamento. Acho que nós não precisamos que o professor só fique nos dando aula, ele pode fazer seminário. Tem muita coisa que se pode fazer para o aluno aprender. Mas isso de ir lá, ter de seguir aquele cursinho, aquelas aulas... não, não.

PG — Gostaria de retomar a questão da implantação do laboratório de fisiologia no IOC, porque ela tem duas etapas, não é? Tem a presença do Miguel Osório, no início, e depois a do Thales Martins. O Osório retornou numa etapa posterior. Como foi a dinâmica da implantação do laboratório no IOC?

HM — Bem, Chagas convidou Miguel Osório depois do concurso para professor de física, face à notoriedade do concurso na época. O concurso que ele fez foi brilhante. Chagas o convidou para montar o laboratório e ele veio para cá. Não havia nada. O laboratório era pouco mais que uma sala. Não tinha nada de material. Eles tinham que comprar. Naquela ocasião, em 1919, a escola de veterinária invitó... — desculpem, invitó é uma palavra espanhola — (*ri*) convidou o Miguel Osório para ser professor de fisiologia. Lá, também, não tinha nada de fisiologia. Mandaram comprar o material de fisiologia, assim como o Instituto Oswaldo Cruz. Portanto ele não tinha nada. Vou contar essa história porque é curiosa. São dessas coisas que a gente tem que contar, porque o pessoal às vezes acha graça quando eu conto.

Como ainda não tinha material, o Chagas mandou buscar na Europa. Demorava muito. Miguel Osório ficou pensando o que ia fazer. Claro, ele tinha experiência em fisiologia, porque estava trabalhando no laboratório da Machado de Assis com o irmão. Algumas coisas podiam trazer para cá, mas o laboratório lá também era pobre; era mantido por uma pessoa, mas não tinha... Isso foi contado pelo próprio Miguel Osório. Ele disse: “Eu fiquei pensando o que se podia fazer. Uma vez que já estou no Instituto... Bom, tenho uma pinça e tenho uma tesoura. Isso eu tenho.” Claro, devia ter uma balança, coisas assim. Ficou pensando o que podia fazer. Ele se lembrou — e vou dar esse detalhe, desculpem, mas

vai ficar um pouco longo — que, estudando num livro de patologia do Strümpell - lembrome bem, ele contou e eu conheci depois o livro do Strümpell - eram conhecidos, do ponto de vista neurológico, casos de pessoas que eram surdas, cegas de um olho, tinham problemas de sensibilidade cutânea. Eram crianças, apenas não eram novas, que nasceram com essas anomalias e que o Strümpell citava. A única porta dessas crianças para o exterior era o único olho que tinham. Todas as outras percepções sensoriais eram inexistentes ou tão elementares que não funcionavam. Fechando-se um olho dessa criança, ela caía em verdadeiro estado de torpor ou de sono. Quer dizer, o único excitante que mantinha essa criança numa aparente situação de vigília era o olho por onde entravam os raios de luz. O mais não havia.

Ele se lembrou e disse: “O que se sucede a um animal, se tiramos a sua pele e se faz com que praticamente não tenha sensibilidade cutânea, e se procura destruir as outras sensibilidades?” A rã é indicada para isso, porque não tem o que se chama de tecido celular subcutâneo. É como se estivesse vestida com um pijama ou qualquer coisa parecida. (*rindo*) Ele, com a tesoura e a pinça, podia cortar aquilo e tirar sem grande hemorragia. E assim fez. Verificou que o animal mantinha-se num certo estado de vigília, de atenção, como fica a rã suspensa assim nas quatro patas. Mas tirando também os restos de pele da pata, de maneira que não houvesse mais a sensibilidade cutânea, aí a rã entrava em estado de profundo torpor ou de “como”, como ele chama. Pelos menos para a rã, a sensibilidade cutânea, e provavelmente as outras, em parte, são muito importantes para mantê-la num estado que seria de vigília.

Miguel Osório considerou isso uma coisa extremamente rara. Naquela ocasião — estou me referindo a 1919 — ele tinha 29 anos, era um jovem ainda que nunca fora à Europa, apenas trabalhara com o irmão — crítico como era o Miguel Osório, ele disse: “Devo estar cometendo algum erro nessa minha interpretação”. Numa ocasião, Henry Pierson, um psicólogo francês muito conhecido, visitou o laboratório de Álvaro Osório de Almeida, para onde se dirigiam todos os fisiologistas e não fisiologistas. Einstein esteve lá, Madame Cury esteve lá nesse laboratório célebre. Miguel Osório contou essa experiência a Pierson, ele disse: “Mas isso é muito interessante! Isso é muito bonito! Deixa eu ver”. Miguel Osório mostrou-lhe a experiência aqui no Instituto. E Pierson disse: “Sabe, isso é muito importante. Você tem que publicar isso. Isso é muito importante”. O trabalho foi publicado em nome de Miguel Osório de Almeida e Henry Pierson. Quer dizer, ele entrou em um laboratório onde quase só tinha uma tesoura e uma pinça. Pensando nas coisas que ele sabia, nas coisas que podia fazer, lhe veio a ideia de uma experiência que pode fazer. E assim começou o Departamento de Fisiologia, com uma verificação muito importante.

Miguel Osório continuou a trabalhar aqui até 1921, quando se retirou, mas continuou como professor. Nesse intervalo, gente que trabalhava no laboratório da Machado de Assis com Álvaro Osório e Miguel Osório de Almeida, como Galvão, Couto e Silva e outros, fez concurso para professor, para livre docência da escola de medicina. Foi um concurso muito bonito e tanto o Thales Martins como o Couto e Silva e o Galvão saíram-se muito bem. Na banca estava o Carlos Chagas... Não, este não estava na banca, mas estava na congregação. Isso foi em 1926. Então, o Chagas foi falar outra vez com o Miguel Osório: “Mas vem cá, por que você não volta para o Instituto?” E o convidou novamente para voltar. Não sei a razão exata da saída de Miguel Osório, não tenho uma ideia clara disso, não. Houve qualquer coisa e ele se retirou. O Chagas o convidou e ele voltou em 1927. Quando voltou, Thales Martins estava aqui há algum tempo por causa de uma espécie de convênio entre as Forças Armadas e o Instituto, para treinar aqui pessoal médico das Forças Armadas em determinadas especialidades. Foi por essa ocasião ou um pouco antes, em 1923 ou 1924, que Thales Martins veio para cá.

Quando fez o concurso de livre docente para a escola já estava fazendo experiências muito importantes sobre as relações hipófise-gonadais nesse departamento, que era muito vivo, com muita gente de primeira linha trabalhando. Miguel Osório e Thales Martins são realmente figuras de primeiro plano da investigação no Brasil.

LF — Thales Martins foi uma pessoa que me impressionou muito quando eu era estudante. Fui aluno dele na escola de medicina. Até onde me lembro — quer dizer, eu não me especializei em fisiologia, mas assistia as aulas — ele pode ser considerado pioneiro na questão de comportamento animal, das relações entre comportamento e glândulas endócrinas. Enfim, a etologia que vai dar depois o Prêmio Nobel ao Lorriss, e trabalhando aqui no Brasil... Talvez o senhor pudesse falar um pouco sobre a importância desse aspecto do trabalho de Thales Martins para ficar marcado nesse depoimento.

HM — Mas claro... Eu fui muito bom amigo do Thales Martins, porque quando eu estava como monitor, ele estava como assistente, e nós saíamos conversando. O Thales era uma pessoa de temperamento muito calado, falava muito pouco, mas um homem extremamente inteligente e, realmente, foi pioneiro também nas pesquisas de endocrinologia, relações hipófise-gonadais. Uma reação que todo mundo faz, que é injetar urina em coelho para fazer diagnóstico de prenhez, foi feita pelo Thales de forma independente e, simplesmente, outro publicou numa revista estrangeira. Por isso é que se dá o nome “Reação de Friedman”, mas o Thales fez a reação aqui no Instituto.

O livro dele sobre hipófise e glândulas, secreção genital, foi maravilhoso, muito bem escrito, porque ele era um homem que, ao lado de uma cultura enorme... como tinha aquela gente, como Miguel Osório, que tinha cultura literária, além de ser um bom pianista. Miguel Osório tocava piano muito bem, a ponto de ter sido convidado por professores para que se dedicasse ao piano, mas ele não quis. Claro, queria fazer fisiologia. E o Thales, igualmente, tinha uma cultura enorme. Homens com quem você conversava e tinha o que aprender, o que falar, enfim. Hoje também existe; e algo só daquela época, também existe, mas naquela época era muito importante porque era muito raro. Hoje também existe muita gente com quem você pode falar de literatura, de música, de teatro e tudo o mais, mas naquela época era muito raro encontrar! E Thales era dessas pessoas. Eu, ainda estudante, e ele, já formado. Depois, eu já estava aqui vim trabalhar aqui. Não sei se pode se dizer que Thales é um precursor da etologia nesse sentido. Ele fez coisas muito importantes numa época que a lei lamentavelmente, até certo ponto, existe e que a psicologia, que, felizmente, já deixou de ser da filosofia, como antigamente, porque a filosofia antigamente tinha a psicologia, a lógica, etc.... Era aquela mistura de coisas. Bom, mas isso foi há muitos anos. A psicologia hoje, do ponto de vista experimental, ainda está bastante no começo. Mas Thales fez uma coisa fundamental nesse gênero de... Pela primeira vez fazia-se no Brasil, por isso é o precursor aqui no Brasil da psicologia do comportamento como uma matéria que tem que ser estudada experimentalmente. Seu trabalho consistiu no seguinte: a forma de micção dos cachorros, porque todo mundo sabe que o cachorro, para a micção, tem de levantar uma perna. Primeiramente, tem de cheirar, depois vai levantar a perna, urinar etc. E a fêmea, de forma totalmente diferente da maioria dos animais. Então o Thales simplesmente mostrou que isso é um caráter que está ligado a um problema de plasticidade do sistema nervoso, influenciado pelos hormônios numa fase em que o animal não é adulto. Vocês sabem que as glândulas de secreção interna estão numa fase que ainda não é chamada de adulta, as gônadas — parte de secreção interna - que secretam hormônio e que têm uma ação plástica sobre o sistema nervoso. Muito antes, as experiências com rato recém-nado, rato fêmea, em que você injeta hormônio masculino e ele passa a funcionar como se fosse um

macho. Ele simplesmente castrou cães machos muito cedo, e estes, quando adultos, urinavam como fêmeas, comportamento totalmente distinto de um fenômeno fundamental como esse de urinar. Depois, Thales foi para São Paulo, ficou alguns anos lá, voltou já em quarenta e tantos. Foi para lá em 1934. Quando vim para o Instituto em 1934 — formei-me em 1933, em dezembro, e logo em seguida vim para o Instituto — o Thales já tinha ido. Lamentei muito, porque gostava muito do Thales com quem trabalhava na escola: ele monitor e eu assistente. Lá esteve também até mil novecentos e quarenta e poucos. E ele quis fazer um laboratório para trabalhar com macacos. Montou, pois o que não lhe faltava eram boas ideias. O Thales era, de fato, um homem de grandes qualidades intelectuais. Mas realmente o Instituto não.... Há uma ideia de que o Instituto e a fisiologia nem sempre... Não era o campo em que o Instituto gostaria de se desenvolver; estava muito mais ligado aos problemas de aplicação prática — teórica também, evidentemente — mas creio que estava mais ligado à saúde pública. De modo que uma coisa dessa de comportamento... Não negavam ao Thales que ele tomasse suas iniciativas, mas não lhe davam condições para fazer as coisas que queria. Lamentavelmente ele não fez e, por isso, não foi aqui no Instituto que se começou seriamente o primeiro laboratório de comportamento. Ele já podia ter sido o precursor disso.

Fita 2 - Lado A

HM — Conheci muito de perto dona Branca, e acho que muitas vezes se esquecem de se referir à dona Branca, historicamente, quando se fala sobre o laboratório da Machado de Assis e da própria fisiologia. Dona Branca trabalhou ativamente no laboratório. Ela foi partícipe de alguns dos trabalhos; era a pessoa que se encarregava de fazer muitas coisas técnicas, de tomar certas medidas. Por exemplo: Dr. Álvaro trabalhou num projeto e tinha de medir gás carbônico e a quantia de oxigênio, e ela entrava nesses trabalhos, ela participava muito. Nos primeiros anos do laboratório não, mas quando atingiu uma idade em que podia participar. O laboratório foi fundado quando ela ainda era relativamente jovem, mas participou bastante fazendo investigação. Quando se fala nos irmãos Osório de Almeida, na verdade não são só Álvaro e Miguel Osório, mas também Branca Osório de Almeida, depois Branca Fialho, porque se casou com o Dr. Fialho. Ela participou ativamente e assistia as aulas de Álvaro Osório quando eu estava no segundo ano. Ela era partícipe não só do laboratório como das atividades do Dr. Álvaro como professor. Depois, interessou-se por problemas de educação aos quais dedicou grande parte de sua vida. De maneira que eu creio que sempre que se falar em irmãos Osório de Almeida, é irmãos porque nós usamos o plural incluindo também as mulheres no masculino.

AF — Professor, voltando à questão talvez mais pessoal: o que para o senhor — como, por exemplo, para a família Osório — foi determinante para encaminhá-lo à área de pesquisa? Eles, por exemplo, tinham condições financeiras, o que não era o seu caso, não é?

HM — Sim.

AF — Pela descrição que o senhor fez anteriormente de sua própria condição familiar... O que faz com que uma família se dedique à pesquisa? Na Bahia isso também acontece; há famílias na Escola Tropicalista Baiana que se dedicam também, integralmente, à investigação por condições familiares. O que determinava, no momento em que o senhor

optava pela pesquisa, que alguém se tornasse um pesquisador? No seu caso pessoal, qual é esse determinante?

HM — No caso da biologia, por exemplo, creio que foram as aulas de César Sales, o que ele mostrou, aquilo de nos levar para o Museu, para o Jardim Botânico, abrindo todo um horizonte que eu não sabia. Tinha estudado francês, inglês, mas nunca tinha estudado história natural, nunca tinha estudado zoologia nem botânica. Depois, já dedicado à biologia, falavam uma coisa como essa, a que já me referi, que os fenômenos biológicos são tão altamente determinados por leis que pertencem à física, como é a Primeira Lei da Termodinâmica, que me dava a impressão de uma segurança, de alguma coisa que a ciência tinha de fundamental. Quer dizer, ela não dependia de opinião só, dependia de fatos reais nos quais a gente poderia pisar com segurança e pensar com segurança. De modo que minha opção pela fisiologia foi por isso. Não sei se respondo em parte.

LF — Eu teria duas colocações em cima da pergunta do Arlindo. A primeira é que, embora o senhor diga: “Bom, eu tinha condições modestas economicamente, mas tinha um ambiente cultural sólido”, que o senhor já trazia de família. A segunda é a questão da explicação científica substituindo a explicação religiosa. Então, vai buscar na pesquisa científica um tipo de resposta que a perda da religião ou da crença religiosa já não dá mais. É verdade o que estou afirmando? Esses dois fatores influenciam?

HM — Bem, creio que pode ser assim exatamente com pessoas que já partiram de uma posição religiosa, como meu pai. Eu encontrava na biblioteca de meu pai livros do Ernst Haeckel, como a *História natural da criação*, sem ele nunca ter estudado biologia, e uma porção de coisas relacionadas com biologia que tinha na sua biblioteca: *Humanismo*, do Haeckel, *Sobre a origem das espécies*, do Darwin. Como já fui educado sem religião, porque ele nunca quis dar uma educação religiosa, não tive essa opção; realmente já comecei a pensar em termos de alguém que queria entender os fenômenos que se passavam. De modo que me encantei pela história natural, depois pela biologia, depois pela fisiologia.

LF — Fiz essa afirmativa, porque talvez seja mais o meu caso. Li *Os mistérios do universo*, do Haeckel, que realmente mudou minha cabeça. Realmente eu fiz essa passagem de uma ideia religiosa — garoto, estudei na biblioteca de meu pai — para uma busca de uma visão científica do mundo. Haeckel marcou muito essas coisas.

HM — Exatamente. Este livro, *Os mistérios do universo*, estava lá na nossa biblioteca, que não era grande, era pequena, mas estava lá. E não é que meu pai me falasse particularmente sobre isso, porque como ele não se sentia... leu isso como leigo que lê coisas que passaram a lhe interessar ou que o levaram a abandonar a religião como forma de explicação dos fenômenos da natureza, mas ele não nos falava isso assim. No meu caso, veio muito naturalmente. Eu nunca tive essa necessidade religiosa para ser como sou, se bem que respeito as pessoas que precisam da religião. Compreendo perfeitamente bem. Tive amigos muito religiosos e nos dávamos muito bem, conversávamos sobre o significado de cada uma dessas coisas.

PG — Sobre esse clima, quer dizer, na formação das vocações, há também, sempre, uma tentativa de buscar a influência do positivismo na área da ciência e também da política. Mas tratando basicamente da questão científica, como o senhor via o clima brasileiro da

época, de alguma forma favorecendo ou dificultando essas vocações? Como norteava as vocações em determinados sentidos?

HM — Não sei se posso responder bem a isso, porque só passei a tomar conhecimento do positivismo e de sua influência, aqui entre nós - o Benjamin Constant, o “Ordem e Progresso” em nossa bandeira - quando comecei a me interessar pelos problemas filosóficos em geral. Claro, tem que aparecer Augusto Comte e o que ele representou... Mas foi depois de... voltando um pouco para trás, mas não no momento... foi no começo do século, não é?

Pela influência do Dr. Oswaldo Cruz, também comecei a procurar a história do nosso país, do próprio estudo da filosofia, dos filósofos. Comecei a pensar em termos de Augusto Comte, mas antes não. Aqui no Brasil, na minha época, quando eu tinha 18, 20 anos, o positivismo visivelmente já não tinha nenhuma influência, ocasionalmente acabei indo a algumas reuniões na sede dos positivistas, porque havia reuniões lá em que se discutiam problemas, mas não eram mais positivistas (*defeito na gravação*)

LF — Não sei se a gente está chateando o senhor demais, mas é que tem tanta riqueza! Já que o senhor falou em filosofia, lembra-se de uma figura, também muito interessante que foi da fisiologia, trabalhou com Dr. Álvaro Osório, depois notabilizou-se com um grande professor de filosofia e acabou cassado, como o senhor, que foi Álvaro Vieira Pinto? O senhor podia dizer alguma coisa sobre ele para nós? O senhor chegou a conviver com ele?

HM — Não. Meus contatos com Álvaro Vieira Pinto foram muito ocasionais, se bem que o conhecia de longa data, porque inclusive o Álvaro Vieira Pinto trabalhou com o Dr. Álvaro Osório algum tempo. Mas, não sei, não teria assim, no momento, como dizer alguma coisa, afóra que o conheci, uma pessoa extremamente inteligente, ter tido alguns contatos com ele, conversado com ele algumas vezes. Uma vez fui até a sua casa para fazer uma visita a ele — ele estava doente — mas nunca tive um contato que eu possa dizer alguma coisa, assim, de específico das nossas relações. Sei que teve uma importância muito grande em dado momento. Confesso até que nem sei do Vieira Pinto. Como estive fora tantos anos, nem sei se está vivo. Ele morreu? Eu não sei. Ele desapareceu. É um homem para isso mesmo, porque é muito calado, fechado, muito interessante, muito inteligente.

PG — Dr. Moussatché, retomando um pouco a questão da criatividade dos irmãos Osório, há um comentário de Carlos Chagas em que ele fala, justamente, dessa capacidade de inovação experimental, quase criando um pensamento biológico muito próprio. O senhor já falou dessa capacidade de inovação na instalação do laboratório — o episódio da tesoura e do bisturi. Existem alguns outros exemplos com que o senhor pudesse marcar a especificidade, a inovação, a criatividade dos irmãos Osório? E com relação à afirmação de Carlos Chagas, pode-se falar em pensamento próprio na área da biologia e fisiologia a partir dos trabalhos dos irmãos Osório?

HM — Realmente, o que posso dizer é que, sendo como era o laboratório da Machado de Assis, e como era o nosso aqui, relativamente pobre, não tinham muita aparelhagem, a maioria das experiências você precisava ter iniciativa para saber como utilizá-la, equilibrando a aparelhagem que você tem e as ideias que você pode desenvolver. Claro, nós só comprávamos aparelhos depois que havia ideias para serem desenvolvidas; nunca comprávamos os aparelhos somente para tê-los. No laboratório da Machado de Assis — não trabalhei ativamente lá, mas fui muitas vezes — tinham que imaginar maneiras de

utilizar aquele material para cumprir e pôr em andamento as ideias que estavam desenvolvendo.

Álvaro Osório de Almeida trabalhou num problema de metabolismo basal — foi quem me chamou a atenção, pela primeira vez, para o metabolismo basal — de certa maneira um pouco melhor nos climas quentes aqui no Brasil. Ele precisava determinar oxigênio e gás carbônico e possuía um aparelho de Orsay para fazer essas dosagens. Não contava com aparelhos que já permitissem dosar isso com uma precisão muito maior. Com aquele aparelho tinha que tomar todos os cuidados para que a medida fosse a mais exata possível. Isso não se poderia chamar criatividade, mas a pessoa precisava estar muito atenta para conhecer muito bem o aparelho, seus erros, para não fazer dosagens que dessem resultados que invalidasse suas conclusões. Quer dizer, por isso é que eles se caracterizaram sempre como pessoas, que trabalhando num laboratório relativamente pobre, poderiam encontrar resultados muito interessantes.

LF — Completando ainda a pergunta, pelo que sei Miguel Osório é introdutor da matemática em biologia. Ele também domina a matemática e, por aí, começa a introduzir, a trabalhar com modelo matemático, enfim, com método matemático. Isso, inclusive, talvez pudesse ter decorrido da dificuldade de aparelhagem de laboratório.

HM — Não sei se é assim, não. Creio que, em realidade, ele era fundamentalmente um biofísico. Seria, em outras condições no Brasil, mais para a biofísica. Quer dizer, sua formação matemática veio realmente porque, primeiro, o próprio Álvaro Osório quis estudar engenharia e também tinha uma boa formação matemática. Mas Miguel Osório estudou muito mais, não era um matemático não, mas tinha uma formação matemática muito boa. De maneira que ele usava aquilo naturalmente.

Uma vez o Rocha e Silva se referiu a ele mesmo dizendo que sabia muito bem matemática. Dizia que a equação vinha atrás do fenômeno, uma ideia do Pitágoras. Pitágoras também era um homem com formação matemática que procurava a equação atrás dos fenômenos. Antecedendo bastante a Rocha e Silva, Miguel Osório era um homem que procurava a equação que ia representar esse fenômeno. Por isso, desde cedo, em boa parte dos fenômenos, como por exemplo a respiração, a relação entre gás carbônico inspirado e expirado, os fenômenos da excitação, da excitabilidade, ele procurou sempre uma equação que pudesse representar aquilo que estava estudando. Mas para isso, evidentemente, precisava ter uma boa formação matemática.

Foi um homem que vi durante anos trabalhando no problema de calcular a reta provável de um conjunto de pontos. Fazia as experiências, botava aquilo num gráfico e depois queria saber qual era a equação que representava aquilo. Então ele tinha que calcular a reta que passava por aqueles pontos. Boa parte de sua vida ficou aplicando o método do quadrado de Lejandro, até que um dia resolveu estudar: “Já levei tantos anos, preciso encontrar uma fórmula que seja menos laboriosa do que o método do Lejandro, para calcular a reta de um conjunto de pontos”. Estudou e, trabalhando naquilo, encontrou um método mais prático que publicou na Academia de Ciência. Um método mais prático para aqueles que tivessem um gráfico e que quisessem calcular a passagem por aquele conjunto de pontos sem utilizar o método Lejandro. Então pode-se dizer que ele foi, talvez, o primeiro biólogo a utilizar a matemática de forma mais ampla.

A equação que fez para representar o fenômeno da excitabilidade foi, por muito tempo, muito utilizada. Quando Miguel Osório já estava cheio trabalhando nisso, vieram uns mediadores químicos com fatores muito importantes no problema da excitabilidade, e isso abriu um campo que, aliás, está lá entrando outra vez pela matemática, mas já num conjunto de experiências diferentes. Miguel Osório utilizava muito equações e alguns dos

que trabalhavam com o problema da excitabilidade, como por exemplo o Lapicque, Louis Lapicque e seus colaboradores achavam que ele estava utilizando um formalismo muito complicado em matemática para representar o sistema da excitabilidade.

PG — Professor, mudando um pouco para a sua especialização em ciências biológica. Observando seu curriculum, a gente percebe que o senhor entra como agregado interno ao Departamento de Fisiologia e, ao longo de sua trajetória em Manguinhos, passa pela área de biologia, que é biólogo, é professor do curso de bioquímica, hematologia, mais tarde vai ser chefe da Seção de Farmacodinâmica. Como se dava essa titulação e, não só isso, como isso refletia definição de especialidades na área biomédica ao longo desses anos?

HM — Realmente, as coisas se passavam de forma tão natural sem anda que intervisse para criar algum momento de parar para analisar, que não saberia dizer exatamente — tudo se passou de forma natural. Entrei para o laboratório em 1934, trabalhei dois ou três anos de graça, já era uma pessoa graduada. Com 26 para 27 anos, continuava sem emprego, quando me ofereceram trabalho... Falei com o Dr. Miguel: “A situação está ficando difícil para mim. Quero ver se tenho um lugar para trabalhar em fisiologia ou em alguma coisa que...” E Henrique Aragão me perguntou se não queria trabalhar com febre amarela. Eu disse: “Não sei nada de febre amarela”. Eles disseram: “Ah, mas é que vão fazer uma cultura do vírus de febre amarela aqui, quem sabe você não quer trabalhar um tempo até que saia o seu contrato no Instituto.” Achei interessante o fato de ter que trabalhar com cultura de células. Isso é que eu achei muito interessante. Já me tinham oferecido ir, por exemplo, para o Nordeste, mas não quis, eu não ia trabalhar numa coisa que não me interessava.

Afinal, cultura de tecidos é interessante. Naquela época, o Cabral estava em plena... Eu conheci o Cabral, as coisas dele, as ideias dele. Acho cultura de tecidos interessante. Na verdade, era até certo ponto uma sobrevivência, mais do que uma cultura. Era uma coisa que eu não conhecia; não sabia nada de febre amarela. Tinha estudado parasitologia, mas na ocasião eu ainda pensava que era produzida por um espirilo, nem sabia que era um vírus. E trabalhei dois anos nisso. Aliás, fiz dois trabalhos científicos sobre febre amarela. Mas depois me deram o contrato para cá, que eles chamavam simplesmente de extranumerário, contrato extranumerário. O Dr. Miguel trabalhava, naquela ocasião, também aos sábados, e eu vinha trabalhar com ele, e nessa posição de extranumerário, de 1937 — em setembro, uma coisa assim, de 1937 — fui até o momento em que abriu o concurso para o instituto.

Isso foi em 1942, 1943. Este concurso demorou muito; levou uns anos fazendo e, afinal, acho que começou em 1941, quando abriu o edital. Inscrevemo-nos. Eram cinco ou seis provas: fazíamos uma prova de biologia, que era eliminatória para todos do Instituto; depois, íamos para as áreas respectivas: fisiologia, zoologia, várias áreas. Eu passei na área de fisiologia. Fui fazer uma prova escrita de fisiologia. Todo mundo tinha que fazer as provas escritas. Levava meses, às vezes, para corrigir as provas... “Passei?” “Passou”. “Agora começa uma prova prática de fisiologia — no meu caso — e prática das outras”. Terminava todas as outras... Bom, aí é defesa de tese. Então apresentei uma tese, e quando terminou isso, fui indicado para biologista do Instituto Oswaldo Cruz, no nível... já não sei mais o nível, mas era um nível lá, era o primeiro nível, nível J... J, não? Acho que é. Mas mesmo que não fosse J, K, L, M, parece que eram três pontos.

Bom, mas teve um detalhe interessante, vou contar porque é curioso. Nível J, está certo. Passei. Fomos classificados. Coincidiu que fui o primeiro colocado. Íamos tomar posse no Ministério da Educação, mas eu adoeci, fui o último a tomar posse; por isso fui o

último na classificação (*risos*). Só fui promovido dez ou doze anos depois para a letra de cima. Bom, mas aí tudo continua, a gente vai cozinhando e trabalhando no laboratório, a vida continua (*rindo*). Depois, me indicaram para ser chefe da Seção de Farmacodinâmica, que pertencia à Bioquímica. Foi o Gilberto Villela quem me indicou. Depois deixei o cargo na farmacodinâmica e fui ser chefe da Seção de Fisiologia. E sempre naquele posto de letra J, não me lembro bem. Acho que é a mesma letra em que estou hoje, só que hoje eles mudaram: J é L ou 19, 17. Sou nível 17, acho que corresponde à letra J. Fui cassado e saí daqui com esse posto meu, fui promovido uma vez (*rindo*). Isso depois de 40 anos, de 1934, quando entrei, até 1970. Não sei se era isso que o senhor queria saber (*rindo*).

PG — Não, tudo bem. O senhor mais ou menos deu a ideia de como se deu esse processo de especialização, o rótulo, dentro da área de ciência biomédica, no Instituto Oswaldo Cruz. De certa forma, de maneira natural, não houve nenhum momento muito claro de definição dessas áreas e a coisa corria mais ou menos integrada entre as várias áreas existentes. Agora, o senhor tocou numa questão que nos remete ao problema dos concursos, não é? A forma de iniciação das pessoas dentro do Instituto, inclusive, mais tarde, justamente na década de 30, quando tem o problema da impossibilidade de acumulação, que é apontado, entre outras causas por alguns historiadores...

HM — 1937, não é?

PG — 1937, que é apontado por alguns historiadores, entre outras causas, entre as quais nós podíamos ter aí um certo esvaziamento do Rio de Janeiro. E isso se observa, por exemplo, na questão do Pedro Ernesto. Pedro Ernesto é preso e todo o movimento cultural que se fazia em torno da educação e da assistência médica acabou com a saída dele. Então teria havido um deslocamento do eixo cultural e científico do Rio de Janeiro para São Paulo. Esse e outros fatores são apontados pelos historiados como marcando uma certa decadência de Manguinhos, a partir desse período. E é justamente nesse período que o senhor está no apogeu, em termos de presença no Instituto, quando o senhor já vai ser contratado e passa depois a chefe de setor. O senhor concorda com a afirmação de uma decadência de Manguinhos a partir dessa época?

HM — Não. Eu já fiz referência a isso numerosas vezes. Não sei porque eles chamam decadência de Manguinhos. Porque não se descobriu uma nova doença de Chagas? Ou porque havia pesquisadores de qualidade inferior à de Chagas? Carlos Chagas foi um homem que fez uma descoberta muito importante e, portanto, merece o nome de um pesquisador que fez uma descoberta muito importante. Como também o Gaspar Viana, o Aragão com o ciclo do halterídium. Enfim, havia um grupo de pesquisadores que criava coisas interessantes, numa época que chamo de heroica. Mas não sei do ponto de vista estritamente intelectual, e não por suas projeções no campo da saúde pública, se a descoberta da doença de Chagas é muito mais importante do que a observação do Miguel Osório sobre a rã sem pele e suas consequências — alguma coisa que se chamou tônus nervoso ou atividade nervosa e as consequências que a gente tem que tirar sobre o que significa atividade nervosa; até hoje é uma incógnita levantada por gente que está pensando em problemas dessa ordem — se isso, de um ponto de vista estritamente intelectual, é mais importante que a doença de Chagas, não sei, acho que não.

Acho que a doença de Chagas é uma coisa muito importante para o Brasil, foi fundamental, ainda é fundamental, mas a patologia do tripanosoma e como ele produz lesões, o que significa como ser vivo que produz uma doença, mas que a doença que ele

produz, nos interessa, a nós que somos homens, porque nos mata. Mas, do ponto de vista do tripanosoma, ele quer viver, é um ser vivo, e nós temos que pensar, como ser vivo, o que produz, porque produz essas lesões. Intelectualmente, está no nível de por que as excitações cutâneas produzem, na rã, determinadas reações. Entra num campo que é realmente o da ciência fundamental, sobre a qual o senhor me perguntou antes. Sempre achei que isso era um Instituto onde você tinha um Miguel Osório, tinha homens como Costa Cruz a quem quase ninguém se refere e que, quase no início da imunidade, veio trabalhar aqui com idéias muito brilhantes... lamentavelmente morreu muito cedo. Imunidade que está, hoje, no auge do seu desenvolvimento... nós tivemos aqui um pioneiro, no início do estudo da imunidade, como Costa Cruz. Um homem de inteligência excepcional como o Carneiro Felipe, que estava aqui dentro. Em que essa gente era inferior ao Carlos Chagas? Não era, absolutamente. Ou queriam que o Brasil tivesse 50 doenças de Chagas, ou pelo menos mais quatro doenças de Chagas, e mais algumas leishmanioses, e outras coisas para serem descobertas por homens que passariam a ser a época heroica do Instituto? Queriam que o Instituto vivesse sempre uma época heroica, sempre descobrindo doenças que seriam uma desgraça para o Brasil? É isso que eles querem dizer com decadência do Instituto? Eu não estou de acordo. Acho que é o contrário.

Fita 2 – Lado B

HM — Bem, estão chamo a atenção e digo: “Não, aí estão homens da mesma qualidade intelectual do Carlos Chagas”. Quase não se fala do Artur Neiva no Instituto. Creio que — não sei — não tem nenhum prédio com o nome Artur Neiva. Tem? Desculpe, porque estou chegando ao Instituto e ainda não sei. E acho que o Artur Neiva é uma das inteligências mais brilhantes que já passaram aqui pelo Instituto. É um homem que estudou os barbeiros, que orientou o Herman para estudar os barbeiros. Mas acho que a qualidade intelectual do Neiva é a mesma do Carlos Chagas. Do Gaspar Viana pode-se dizer pouco, porque morreu moço demais — foi uma lástima — mas acredito que fosse da mesma qualidade intelectual. Então não creio que aqui no Instituto tenha faltado qualidade intelectual aos pesquisadores que estavam aqui dentro, que estavam enfrentando situações difíceis de trabalho, porque no Instituto ainda não havia uma consciência do significado social da ciência. Isto é verdade. Não havia, porque essa consciência social da importância da ciência para o desenvolvimento econômico e social dos países foi uma coisa tardia, quase que nasceu com a bomba atômica para muita gente, não para todos. Nós, aqui no Instituto — refiro-me a Walter Oswaldo Cruz, ao Herman Lent, a mim e a alguns mais jovens talvez - já víamos na ciência uma coisa fundamental: todo esse aspecto da qualidade intelectual do homem da ciência importante ser cultivado e promovido para criar novos cientistas que dariam as forças econômicas que o Brasil precisava e ainda precisa.

Aí começa o problema da diferenciação, um pouco, entre Carneiro Felipe, provavelmente o Chagas, que conheci muito pouco, somente quando o procurei para vir para o Instituto, mas que certamente teria as mesmas ideias que nós; do próprio Miguel Osório, um homem que conversava, mas era muito cético em crer que a ciência pudesse resolver os problemas econômicos. Ele tinha um certo ceticismo em relação a isso... não é que fosse da ciência chamada pura, mas sabia que tinha importância, queria que se desenvolvesse; tinha, não uma divergência, mas focalizava isso de uma forma que não era exatamente como nós. Então nós começamos a batalha pela retirada do Instituto da saúde pública, do Ministério da Saúde. Porque se eu queria comprar o aparelho, tinha que procurar, ver se havia alguns animais que pudessem ser supostamente comprados, para comprar alguma coisa para a

ciência. Quer dizer, nós estávamos aqui de empréstimo. Realmente estávamos numa posição muito secundária. A ciência fundamental, nessa ocasião, mostrava-se claramente e só a ignorava quem a quisesse ignorar, porque, em 1939, já estava publicado um livro fundamental, que é *A função social da ciência*; mas quase ninguém o conhecia, não o liam.

De maneira que nós já estávamos, talvez por sermos mais jovens, olhando o mundo - o nazismo que estava aí na nossa porta, problemas sociais que estava aparecendo - por um outro prisma, provavelmente, que aqueles que já estavam aqui há mais tempo. Se bem que tinham a mesma qualidade intelectual ou talvez maior do que a nossa. Queríamos que o Instituto saísse disso, porque para fazer ciência não precisava estar dependendo de matar um boi para comprar um aparelho, um boi ou seja lá o que for, estar mentindo! Nós não precisamos de uma mentira para existir aqui dentro do Instituto. Trabalhando! E a prova de que tínhamos razão é que dentro desse laboratório — Miguel Osório já tinha morrido, lamentavelmente também morreu muito cedo — e em alguns outros laboratórios como esses que estou citando, havia várias pessoas trabalhando. Trabalhavam 14 pessoas no meu laboratório, entre voluntários e outros que foram criados por mim, como, também tinham os laboratórios do Walter e do Herman. Tínhamos uma quantidade de gente que aspirava, um dia, ser do Instituto! E sentíamos uma enorme barreira, porque eles achavam que o Instituto tinha realmente que fazer soros e vacinas, que nós sabíamos que eram feitos e que eram de má qualidade.

Eu estou agora falando, não importa que seja gravado, porque é isso mesmo. Nós sabíamos que o soro antitetânico era muito ruim! Uma porção de coisas que se fazia era muito ruins, ninguém sabia o preço. Se perguntassem: “Bem, mas vocês estão fazendo indústria, não é isso que estamos fazendo aqui? É indústria. Mas então tem que ter um preço. Qual é o preço disso?” Quem sabia quantos quitassatos se partiam para fazer determinadas coisas? Não, todos os quitassatos eram comprados... Mas qual é o preço disso? “Se vamos fazer indústria, vamos fazer indústria, mas olha o preço das coisas.” Se perguntavam, ninguém sabia... (*interrupção de fita*)

Então essa era a nossa briga, vamos dizer assim. Achávamos que a ciência era uma coisa fundamental e que a miséria no Brasil, como no resto do mundo, era uma coisa que não se podia permitir para qualquer um que tivesse um restinho de espírito humano! Sabiam que morria gente no Nordeste, sabiam que morria gente em todo o mundo e o desenvolvimento científico já estava se fazendo, já havia estourado a bomba atômica e já havia uma porção de problemas! Bomba atômica, me perdoem se cito isso. Quer dizer, já se havia descoberto a fissão do átomo que era a bomba atômica. Sem que a gente queira cita isso, que é uma coisa ocasional. O Brasil tinha que acompanhar esse passo! Por isso eu estava unido com gente que estava lutando, com a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, pela discussão dos problemas da energia nuclear. Fui um dos que encabeçou isso com o pessoal da física para apresentar o problema aqui no Brasil. Não quero entrar por esse caminho agora porque iria muito longe, podia deixar para outra ocasião. Quando já se discutia o problema de purificar o urânio, estávamos, eu e o Almirante Álvaro Alberto, metidos nisso, porque fora negada a compra de centrífugas, e todo o problema da energia nuclear e seu desenvolvimento estava sendo feito. O Leite Lopes, o Lattes, eu e um grupo fizemos reuniões para discutir esse problema da energia nuclear, quer dizer, eu estava metido nisso! Esse era o pessoal chamado de esquerda. A mim não importa que me chamem de esquerda, porque realmente sou socialista e acho que não tem outra solução. Se bem que creio, o problema transcende um pouco isso; não vou falar sobre isso agora porque ia me meter por um caminho que não termina mais. Quer dizer, essa era a nossa posição aqui no Instituto. E tínhamos razão de sermos assim, porque o pessoal que trabalhava conosco e quando nos cassaram... Essa gente, hoje, está

nas universidades, todos muito bem! Essa gente que hoje tem projeção internacional foi criada por nós, saiu do Instituto!

Muito se fala nos cassados, os cassados foram importantes; mas muito importante foi o pessoal que saiu do instituto jovem, que agora já é maduro, com 40 anos, e que o Instituto perdeu! Acho mais importante eles do que nós, porque eu, com 61 anos fui cassado, mas podia ter morrido. Destruíram o laboratório, dispersaram uma porção de gente! O Nelson Vaz era um dos melhores imunologistas do Brasil, saiu daqui; Annie Prouvost-Danon foi para a França; a Maria da Guia Silva Lima foi para o Ceará, também para a universidade. Essa gente foi criada por nós aqui! O Leopoldo De Meis é professor, hoje, na escola de bioquímica, lá na medicina; tem projeção internacional com as coisas muito importantes que está fazendo em bioquímica. Ou mesmo o Dietrich! Quer dizer, essa gente foi criada aqui por nós e dispersada! (*bate com a bengala*).

Então, isso se chama decadência? Isso não é decadência, isso é florescimento! O Instituto matou... O crime, o massacre, foi ter matado quando estava florescendo essa nova gente! Porque nos batíamos para que o Instituto desse bolsa para o pesquisador já formado, que a ciência não tinha que ser feita, simplesmente, à custa de esmagá-lo para ver se ele aguenta, sem receber coisa nenhuma; quer dizer, saindo dessa história de que tem que trabalhar só em termos da importância prática. Eu dizia sempre: “Prático? Não há nada mais prático do que uma boa teoria”. Isso não sou eu quem diz, foi o [Frederick] Banting³ que disse como físico: “Não há nada mais prático do que uma boa teoria”.

PG — Professor, o senhor está falando de um período relativamente longo, não é? O senhor está abordando já o massacre e nós estávamos nos referindo, também, à década de 30, final da década de 30, quando teria havido, segundo algumas pessoas, um esvaziamento do eixo Rio de Janeiro e que, de alguma forma, o governo Vargas teria retirado um pouco do apoio que seria necessário ao Instituto para manter as suas bases institucionais de intervenção na área de saúde pública, na área experimental, etc. Teria sido retomado um novo alento de vitalidade a partir da década de 50. O que eu gostaria de saber, para tornar mais claro, é se esse período — final da década de 30 até os anos 50 — de fato corresponde ou não a um esvaziamento de peso político-institucional do Instituto, e se isso se refletiu na trajetória da pesquisa experimental e na saúde pública?

LF — Eu queria fazer minha pergunta que é em torno do mesmo assunto.

HM — Só vou ponderar uma coisa. Talvez fosse melhor... Eu tinha que falar muito mais nisso, mas se eu não pegar o carro agora... (*interrupção de fita*)

LF. — Em primeiro lugar, queria reforçar a colocação do senhor em relação ao trabalho de pesquisa básica, quer dizer, o primeiro trabalho que dá renome internacional ao Instituto não é um trabalho aplicado, não é doença de Chagas, mas é o trabalho do Dr. Aragão sobre evolução do *Haemoproteus columbae*, dois anos antes, se não me engano, em 1907. Isso repercute na Europa e obtém um prestígio muito grande. A segunda colocação que eu queria fazer é que, quando se fala em decadência do Instituto Oswaldo Cruz, não se trata da produção científica das pessoas, da qualidade das pessoas que estão trabalhando ou do produto, trata-se de uma questão institucional; quer dizer, em dados objetivos os salários caem. Lembro-me do Dr. Villela, com quem tive um contato muito bom; ele tinha um salário muito pequeno. Quer dizer, é preciso buscar uma complementação salarial através do CNPq, é preciso buscar, enfim, alguma maneira, pois o recurso para o Instituto é pequeno. É nesse sentido que entendo, que algumas pessoas

³ Médico canadense, especialista no estudo de secreções internas. Isolou a insulina (1891-1941).

pelo menos entendem decadência, e não que a produção científica tenha caído e muito menos que as pessoas fossem de qualidade mais baixa. (*interrupção de fita*) Os salários, na época do Oswaldo Cruz, nisso que o senhor chama período heroico, eram salários bons. Então, acho que a caracterização da decadência passa um pouco por aí, é uma questão institucional. E a segunda pergunta, ou a segunda colocação, é que Oswaldo Cruz consegue conciliar, de uma maneira que a mim sempre me pareceu genial: tanto se trabalha no ciclo do *Haemoproteus columbae* como se trabalha na epidemiologia da doença de Chagas, como, inclusive, se produz vacina contra a peste da manqueira, não é? Ele consegue armar um jogo em que os recursos vêm com mais facilidade. Também acho que o senhor tem toda razão quando coloca: “Sim, nós vamos comprar um boi para dizer que compramos um animal para comprar um aparelho”. Entretanto, em termos de realidade política do Brasil, é mais fácil mobilizar recursos para uma frente mais aplicada, para o combate à malária ou para uma pesquisa mais aplicada do que para um trabalho básico. Não digo que isso é bom ou mau, é uma realidade que acontece. Então volto à pergunta: quando Oswaldo Cruz consegue mobilizar isso tudo, ele dá respostas muito imediatas aos problemas políticos, ao trabalho de saúde pública? E quando estão juntos os trabalhos de saúde pública e os mais puros ou mais básicos, como os de fisiologia, ou mesmo em nível da bacteriologia, o Dr. Aragão faz estudos sobre sistemática de carrapatos, que também não tem, de imediato... — essa conciliação não é uma atitude boa para que se consiga trabalhar, para que a instituição obtenha recursos?

HM — Luiz Fernando, olhe bem: o Oswaldo Cruz conseguiu que trabalhasse o Aragão no *Haemoproteus* e o Chagas na doença de Chagas, quer dizer, isso se passou simultaneamente, antecedendo-se, inclusive, o Aragão à própria descoberta de alguma coisa que não tinha nenhuma repercussão imediata sobre o povo em geral, não é? E o que fez, simplesmente, foi deixar o pessoal trabalhar, mais nada. Em qualquer ramo que houvesse inspiração de alguém para tomar um tema determinado e estudá-lo, encontrava uma solução. Agora, o Oswaldo Cruz deve ter conseguido alguns salários razoáveis para aquela época, porque ele passou a ter um prestígio enorme depois que saneou a cidade do Rio de Janeiro. De modo que ele tinha um prestígio para poder conseguir isso... Realmente foi muito importante que ele tivesse prestígio e conseguisse bons salários. Numa ocasião isso foi estudado por um grupo e constatou-se que um investigador do Instituto Oswaldo Cruz tinha um salário que era quase o de um desembargador, naquela época. Realmente, um salário muito bom. Isso depois foi se deteriorando.

Agora, a repercussão sobre o Instituto, com essa degeneração do trabalho, do pagamento do salário, representou uma coisa muito séria de decadência, essa decadência não era do Instituto! Isso era decadência do próprio Brasil que não entendia o significado da ciência, como talvez ainda hoje não entenda perfeitamente bem. Eu espero que vá melhorar agora, com a criação do Ministério da Ciência, mas já estamos mais adiante. De modo que não se podia falar em decadência do Instituto, porque a qualidade da gente que estava aqui... É verdade que muita gente já não tinha essas qualidades, e o nosso problema era esse: alguns não tinham essas qualidades. Nós achávamos que poderiam perfeitamente ocupar outros postos que não fossem do Instituto Oswaldo Cruz que deveria ficar com aquela gente que tinha essas qualidades, e as tinha! Portanto, não havia decadência. Se havia decadência no Brasil, numa concepção de ciência, não é que ela fosse decadente, ainda não tinha se elevado, estava muito ruim, e o caso de Oswaldo Cruz foi uma exceção... Por isso muitas vezes se diz que a criação do Instituto Oswaldo Cruz foi uma exceção na época, pelo prestígio do Oswaldo Cruz. Mas depois eles tiveram que se voltar para a realidade do nosso país, e a ciência não significava, estava aqui acampada, mas não tinha significado nenhum. Nós dizíamos que se um dia fechassem todas as instituições

científicas do Brasil, ninguém se daria conta! Mas isso era o Brasil! Não era o Instituto. Quer dizer, quando falo que não houve decadência do Instituto refiro-me à gente que estava aqui, que era de muito boa qualidade.

Agora, em relação a 1930, a que o senhor se refere, não creio nisso, não. O problema de São Paulo foi realmente que São Paulo foi o polo de atração pelo seu próprio desenvolvimento econômico. E assim mesmo, veja como foi, não é? Porque não houve assim um tal adianto sobre o Rio de Janeiro. Não houve um esvaziamento do Rio de Janeiro em relação a São Paulo. Não creio que tenha havido, não senti isso. Realmente o que houve foi que eles souberam aproveitar melhor determinadas ocasiões, determinadas situações.

Por exemplo, o Armando Salles de Oliveira, aproveitando a crise na Europa do pré-guerra convidou uma série de pessoas e fundou uma escola de ciências com gente de primeira qualidade, como Teodoro Ramos, Pedro Lima, uma porção de gente. E se cria uma escola de ciência muito boa em São Paulo; até hoje tem gente que foi formada lá. E aqui essa escola de ciência foi criada muito depois. Não foi orientada por uma pessoa como Teodoro Ramos. Teodoro Ramos era um matemático muito bom, com uma noção muito clara de ciência; soube escolher gente boa. Para aqui se escolheu, mas não foram da mesma qualidade, não desfazendo de alguns que eram bons. De modo que a nossa Faculdade de Ciências e Filosofia aqui nasceu fraca e lá nasceu forte. São Paulo, por seu poder econômico, conseguiu crescer mais. Claro que a situação econômica de uma região reflete-se no crescimento científico, evidentemente. De modo que eu não creio nesse esvaziamento, não creio.

PG — Retomando um pouco essa questão, como uma tentativa de extrair o máximo possível do tema. Luiz Fernando falou da relação entre pesquisa básica e pesquisa aplicada, a própria significação política que o Instituto teve enquanto polo de política sanitária ou de práticas sanitárias. Quando a gente pensa na gestão desse período heroico, nos nomes de Oswaldo Cruz, Carlos Chagas e até na formação de sanitaristas que partiam aqui do Instituto — o Barros Barreto, etc. — há um período ainda áureo do sanitarismo no Brasil, que depois passa por período muito largo de decadência, enquanto prática sanitária, no contexto da política de saúde brasileira. Isso não teria retirado uma das bases de apoio do Instituto, no sentido em que o Luiz Fernando fala, de dar um braço político à intervenção que, de alguma forma, reforça a prática experimental na área da ciência biomédica?

LF — Completando e esclarecendo um pouco as ideias: quando a gente pega o início, quer dizer, Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, a atividade de saúde pública e a atividade de pesquisa básica estão na mesma casa e são realizadas pelas mesmas pessoas. Eles vão, inclusive, acumular a direção da saúde pública com a direção do Instituto e com o estudo básico. O próprio Chagas fez trabalhos de protozoologia básica, descreveu tripanosoma de animais etc. Bom, a partir de um momento essas coisas se separam e há, do lado da pesquisa, essas dificuldades. Eu entendo, está claro. Acho que a gente, às vezes, usa a palavra decadência em sentido diferente. Vamos tirar essa palavra fora, enfim, as dificuldades do Instituto. Por outro lado, na saúde pública as pessoas começam a lutar com mais dificuldades, quer dizer, essa separação me parece marcar dificuldades de um lado e de outro.

HM — Olha, creio que no tempo de Oswaldo e de Chagas essas duas coisas se faziam simultaneamente, até porque diferenciar pesquisa básica de pesquisa aplicada é pura invenção de gente que não sabe o que é ciência, e se soubesse veria que não há diferença

nenhuma. Quer dizer, a ciência básica é a ciência aplicada. Uma coisa que hoje é ciência básica, amanhã é aplicada e vice-versa. Uma ciência que hoje está aplicada pode levar à coisa básica; de maneira que não há essa diferença. Isso é, a metodologia é a mesma, portanto, podem conviver. Talvez não propriamente conviver, mas existem simultaneamente. Qualquer problema que você toma de ciência, você pode olhar do lado básico e do lado aplicado. Simplesmente quem estava naquele momento investigando, olha o lado básico, em dado momento, pode ser que daqui a uns seis meses ou um ano, estará olhando o lado aplicado porque apareceu alguma coisa que tem de ser dissipada. De modo que creio que a convivência era a coisa mais natural que havia. O tempo de Oswaldo Cruz e de Chagas poderia perfeitamente ter continuado, e continuaria se qualquer um de nós, em dado momento, visse que havia coisas que podiam ser aplicadas, não iam deixar de ser aplicadas! Ia aplicá-las, evidentemente! Portanto, não é esse o problema. O que acho é que, em dado momento, o Instituto começou a trabalhar numa área científica, a área pasteuriana, onde determinados aspectos científicos se desenvolveram, cresceram, mostraram-se de uma importância enorme, que se refletiram imediatamente na saúde do povo de uma maneira geral, não é, dos homens e animais. Quer dizer, esse é um tipo de investigação cujos resultados aparecem de imediato. Só em doenças infecciosas, enfim, o estudo dos germens traz de imediato resultados muito importantes.

Na área de fisiologia muda bastante, porque os resultados podem aparecer de repente. Uma descoberta tão fundamental como a do Banting mostrou que a diabetes dependia de um hormônio, a insulina, e imediatamente apareceu a insulina para resolver o problema de uma doença grave do metabolismo. Mas uma grande parte das doenças metabólicas ainda estão sendo estudadas com enorme dificuldade técnicas e a gente está vendo que algumas vão esperar ainda algum tempo para encontrar as técnicas adequadas. Portanto, seus resultados não são tão espetaculares que despertem a atenção. Então o Instituto, depois dessas grandes descobertas, entrou num período de trabalho com coisas que são de um âmbito que não tem essa repercussão imediata. Quer dizer, continuou simplesmente com gente trabalhando em áreas cujos resultados são com técnicas que estavam começando e outras que até hoje ainda não foram encontradas. Aí estão alguns problemas, como por exemplo, o estudo do câncer que aí está; até hoje se estuda, e até onde vamos chegar, quando é que vamos chegar ao fim, porque dependia de concepções, de técnicas que não tínhamos, e que ainda não temos para algumas coisas.

Agora, você pode dizer: “Bem, a culpa é de quem não trouxe gente para trabalhar nisso”. Bem, esta era a pergunta que nós fazíamos: “Por que o Instituto não procura entrar em áreas que não são somente aquelas da parasitologia, mas sim da fisiologia parasitológica?” Hoje está se fazendo, a ponto de o *Trypanosoma cruzi* ser motivo de “n” projetos, mesmo que o *Trypanosoma cruzi* entre aqui por acaso, não é? Está certo. Quando se está dando prioridade a algumas coisas práticas, a fuga é essa, dizer que se está estudando o *Trypanosoma*. Mas eu acho que não se precisa mentir para isso. Ou nós temos uma concepção do que é a ciência hoje, ou perdemos tempo em querer convencer gente que não vê as coisas óbvias. A deficiência não é das coisas óbvias, é da pessoa que está julgando, que não tem capacidade de fazer uma ideia disso. Ou não? Eu respondo um pouco... Quer dizer, eu tenho uma visão diferente disso.

PG — Sem dúvida. E só para aproveitar esse finalzinho da primeira etapa, o senhor, em outra ocasião, lembrou o exemplo do Instituto Pasteur. O senhor podia comentar?

HM — É, o Instituto Pasteur nasceu um pouquinho antes do Oswaldo Cruz. Depois, eu me lembro, os anos se passaram e diziam: “Ah, o Instituto Pasteur está em decadência.

Lá não tem mais nada, já caiu, acabou”. Quando menos se esperava, fizeram uma descoberta fundamental na engenharia genética. E o Instituto Pasteur, hoje, é um dos grandes institutos, com uma quantidade de gente enorme trabalhando em coisas fundamentais. Quem ia saber que a malária dependeria de uma fração, que teria que ser encontrada, se não se desenvolvesse a cromatografia em coluna, a eletroforese etc. Não podia, evidentemente! Mas a gente estava estudando isso. Tem que vir as técnicas que permitem abordar determinados problemas, e enquanto não vierem, você está estudando isso, porque faz parte do conhecimento. É aqui mesmo que você precisa criar conhecimentos, e esses conhecimentos criados vão ter resultados práticos, certamente!

Fita 3 - Lado A

HM — ... Até se uma pessoa, de repente, com um ataque de pureza resolve dizer: “Só quero trabalhar num tema que não tenha importância nenhuma”, vai se enganar! E o caso, talvez, que se possa citar é o do [William] Hamilton⁴ - que aliás não li, mas me contaram essa história que achei muito engraçada. Foi um matemático que chegou a trabalhar num tema que, acho, nunca vai ter importância nenhuma: os quatérnios. Ele trabalhou nisso e, depois, pelas razões de matemática que implicava, teve grande importância na física prática etc. Mesmo quem decida: “Vou trabalhar num negócio que é puro, puro, puro, não tem nenhuma importância”, vai se enganar completamente! Porque os conhecimentos são todos interligados de maneira que qualquer conhecimento hoje localizado num ponto, pode ser olhado de um ângulo que tem importância para isso ou para aquilo. Creio que, no Instituto, o que nós queríamos é não ter de mentir às autoridades para fazer investigação. Aqui só se fazem coisas de interesse para a saúde pública. Não!

(interrupção de fita)

LF — O senhor referiu-se ao trabalho do Banting com a insulina. E reza a lenda, pelo menos, que Banting tinha muito menos conhecimento de fisiologia, do conhecimento existente acumulado na época, do que muitas outras pessoas, do que muitos fisiologistas ou professores de fisiologia, e ele que conseguia fazer a descoberta que todo mundo...

HM — É.

LF — Isso levanta uma questão que às vezes se discute muito: se na criação científica é importante que o sujeito tenha uma acúmulo enorme de conhecimento, ou até onde... aparentemente foi o que aconteceu no caso de Banting. Contam até que onde ele foi trabalhar disseram: “Bom, você dosa glicose para ver”, “Eu não sei dosar glicose”. Aí disse: “Bom, tem um estudante ali que dosa glicose” — era o Best que trabalhou com ele. A discussão é sempre essa: é importante na descoberta científica, na criação original, um acúmulo do conhecimento existente ou, muitas vezes, é a genialidade, o salto, ou a capacidade, mesmo com menos conhecimento acumulado, ser capaz de dar um salto como o Banting deu?

HM — Não é que o Banting — ele era cirurgião — fosse totalmente ignorante no que se sabia sobre o pâncreas. Sabia-se alguma coisa sobre o pâncreas e ele não fez uma descoberta por total intuição nascida do nada; foi alguma coisa que imaginou fazer baseado em experiências que outros investigadores estavam fazendo. A tal ponto que,

⁴ Matemático, físico e astrônomo irlandês, estudou os quatérnios (1805-1865).

quando foi publicado o trabalho do Banting, o Gley um fisiologista francês, imaginara uma experiência parecida, para fazê-la com resultados curiosos, mas teve medo de publicar, porque não tinha certeza se aquilo estava certo. Fez, então, o que se chamava uma carta fechada e a entregou à academia. Quando o Banting fez o trabalho, ele leu a carta e tinha um resultado parecido com o dele. Quer dizer, a descoberta do Banting estava na atmosfera, esperando que alguém fizesse uma experiência fundamental. Faz-se, então, uma descoberta dessa ordem, que não nasce do nada. Mas uma pessoa pode, sem ser fisiologista, sem saber fisiologia como o professor e o investigador, lendo alguma coisa, imaginar uma experiência que dê certo. O Banting está nesse grupo. Teve a ideia da experiência, mas possuía algum conhecimento prévio.

Data: 17/01/1986

Fita 4 – Lado A

WH — O senhor, na entrevista anterior, rememorou sua trajetória no campo da ciência. Falou do período de formação, do início dos trabalhos em Manguinhos, quando o senhor trabalhou no laboratório com Miguel Osório e com Thales Martins. Também tratou da sua contratação pelo Instituto e do concurso que fez. Essencialmente, nós queríamos que continuasse traçando sua trajetória no campo da ciência.

HM — Como já devo ter dito em algum momento na conversação que tivemos, o laboratório foi crescendo. Nós tivemos aqui uma quantidade de gente bastante grande, umas 14 ou 15 pessoas trabalhando mais ou menos regularmente, mesmo gente que não estava contratada pelo Instituto, mas que procurava o laboratório sabendo que aqui ficávamos trabalhando sábados e domingos. Eram pessoas que estavam trabalhando em outros lugares e que não tinham chance de fazer uma investigação ou gostariam de estar acompanhando ou mesmo fazendo. Arrumavam um tempo quando trabalhavam numa escola onde eles não faziam investigação, mas que podiam fazer investigação conosco aqui nos programas que fazíamos. De modo que temos uma série de pessoas que aqui trabalharam, algumas contratadas, como eu já fiz referência, mas creio que não fiz referência a todos, o que seria uma injustiça; seria uma injustiça se não constasse o nome deles, porque a verdade é que alguns deles ficaram aqui depois que nós fomos cassados e quero fazer referências. O fato é que o laboratório cresceu e havia uma certa afluência de gente que nos vinha procurar pelos motivos os mais variados. Havia entre eles, por exemplo, professores da escola que queriam fazer concurso para docência, alguns para docência livre. Trabalhavam na escola, eram assistentes, mas nunca tinham feito docência. Então queriam fazer docência e tinha alguma coisa experimental que eles queriam fazer e não tinham disponibilidade na clínica em que estavam trabalhando ou no seu consultório, mas sabiam que aqui podiam encontrar. Outros, até para concurso para catedrático. Portanto, o laboratório já contribuía para a formação de gente e, também, para permitir que professores de universidade se dirigissem a nós, aqui, onde eles podiam fazer sua tese de docência ou até de catedrático. Eu gostaria de citar isso porque é a vida de um laboratório, quer dizer, o laboratório estava prestando um serviço à universidade. E essa colaboração com a universidade sem nenhum convênio propriamente, mas com o pessoal que trabalhava lá e que sabia que eles iam encontrar condições que não encontravam na universidade... Já tinha dito anteriormente que a universidade, por muitos anos, estava praticamente fechada à pesquisa, que realmente começou quando o Carlos Chagas Filho fez o Instituto de Biofísica que até hoje existe e que, felizmente - é uma coisa que deu com Carlos Chagas - depois de todos esses anos, o Instituto de Biofísica passou a se chamar Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, porque foi um acontecimento dentro da universidade, a criação do Instituto de Biofísica! E foi ele quem abriu as portas da universidade, como Oswaldo Cruz abriu as portas da investigação, da medicina experimental, da biologia no Brasil no começo do século. Isso faz parte de uma história que é recente. O Oswaldo já no começo do século, mas o Chagas foi de 1937 para cá; isso tem menos de 50 anos. O nosso laboratório era um laboratório que estava funcionando a ponto de ter várias pessoas que nos procuravam. Eu posso citar, por exemplo, o Mauro Pena, um otorrinolaringologista de grande projeção aqui na ocasião — era um amigo meu particular — e ele queria fazer um estudo, primeiro experimental, sobre problemas de surdez por otosclerose. Queria operar alguns macacos em que poderia fazer naquela ocasião essas técnicas de cura de surdez, através de uma operação no ouvido médio,

procurando criar a implantação de alguma coisa que permitisse ao paciente ouvir. Estava muito no começo e os otorrinos tinham que treinar e não podiam estar treinando em gente, e por outro lado, poderia servir também de trabalho de tese. Foi o que aconteceu com o Mauro, que então quis fazer uma tese sobre técnicas, inclusive com algumas modificações que queria introduzir na técnica que conhecia já teoricamente. E fez uma tese para docente, e tornou-se assim um docente livre em otorrinolaringologia, com uma tese que foi feita aqui no Instituto. O Couto e Silva era clínico que primeiro foi fisiologista. Formou-se com Álvaro Osório de Almeida, um amigo meu particular, muito íntimo; foi assistente de fisiologia da escola de medicina, e com quem estive lá muito tempo, porque eu era monitor da cadeira. Mas ele depois deixou a fisiologia, porque viu que as perspectivas de se realizar não lhe eram convenientes; ele preferiu ir para clínica. Quando vagou a cadeira de higiene, ele quis fazer concurso, porque a higiene, evidentemente, tem muita coisa que está intimamente relacionada com a fisiologia, na qual ele era uma pessoa competente porque já tinha trabalhado com Álvaro Osório, já tinha feito vários trabalhos de pesquisa. Ele era um pesquisador, tinha deixado, mas com uma formação boa. Então quis estudar o efeito, a proteção contra os raios solares com urucum. Esse urucum que se usa para botar no arroz, para dar uma cor ao arroz, e que era usado pelos índios.

WH — Vermelho, não é?

HM — É, para proteção contra o calor e que os índios usavam por várias razões. Ele quis fazer um estudo experimental, mais especialmente sobre os problemas de ação fotodinâmica. Ação fotodinâmica, por exemplo, consiste em injetar em camundongos ou então botar no meio líquido e criar paramécios, que são os protozoários... E, caso se coloque certas substâncias como a floreceína ou a riboflavina, elas sensibilizam o camundongo ou os protozoários à ação da luz. Isso foi descoberto no começo do século por um estudante chamado Raato. Esse estudante trabalhava com um alemão chamado Tapaina, que estava estudando riboflavina. Não, não era riboflavina, era acridina, que foi usada para malária. Acridina não é verdade? O Luiz Fernando sabe disso. Mas a acridina produzia fenômenos de sensibilidade à luz. Bom, o Tapaina quis estudar isso, aliás falou com o Raato para que estudasse esse problema que não estava explicado na ocasião em que se começou a utilizar a acridina em gente. Havia fenômenos que podiam, ser de outro tipo que não... Mas foi o Raato que utilizou a acridina e botou uns paramécios e foi estudá-los para ver que efeito tóxico tinha a acridina sobre os paramécios. E verificou, quando estava observando os paramécios, que eles morreram todos. Então ele disse: “Bom, então tem um efeito tóxico”. Mas ele tinha no laboratório um outro meio de cultura de paramécios, onde tinha posto acridina, mas aqueles que estavam na sombra, vamos dizer assim, na luz do laboratório, não estavam mortos. Aí ele pegou aqueles paramécios, e botou uma outra luz e foi ver no microscópio: morreram com a ação da luz. Aí ele viu que o que estava matando era a acridina através do efeito da luz. A isso é que se chama efeito fotodinâmico. Quer dizer, luz incidindo sobre um organismo pode produzir efeito tóxico, transformando essa acridina numa substância tóxica. Depois se viu que várias outras substâncias, como a floreceína... Sabe-se hoje que certos produtos do metabolismo da hemoglobina podem produzir efeitos semelhantes. E por isso é que se encontra gente que sofre perturbações no metabolismo da hemoglobina no organismo: se são expostos à luz ficam com manchas e necroses na pele. Mas o Couto e Silva quis estudar se o urucum tinha um efeito protetor sobre esses efeitos fotodinâmicos. A tese dele foi sobre isso. Bom, claro que eu não vou discorrer sobre a tese dele aqui, mas o fato é que fez sua tese e apresentou-se ao concurso, na escola de medicina, para professor de higiene. O

Deolindo Couto, que foi professor de neurologia — não sei se você foi aluno dele — quando morreu o Austregésilo, ele foi fazer concurso para o lugar.

LF — Foi o concurso que depois ganhou o Hamilton Nogueira?

HM — Foi, mas ganhou na congregação, quer dizer, empataram.

LF — Ah, empataram? Eu não sabia disso.

HM — Empataram, aí foi para a congregação, e a congregação decidiu pelo Hamilton Nogueira. Não foi um problema de nota, mas uma decisão da congregação. As razões que se alegam, não vou dizer porque não seria o momento de se comentar... Deram ao Hamilton, o que acho muito bom, porque o Hamilton era uma figura, ele até era político, tinha uma projeção política.

LF — Ele foi senador ou deputado, não foi?

HM — Senador, exatamente. Ele tinha certa projeção.

WH. — É possível que a contratação dele tenha sido por motivos políticos?

HM — Não, ele era uma pessoa que tinha competência, era o professor assistente de higiene e, como Couto e Silva, era também uma pessoa capaz. Couto e Silva não era docente de higiene, era docente de fisiologia, mas ele fez concurso, e higiene se baseia muito nas coisas fisiológicas.

WH. — Sim, mas a partir do momento em que existe um empate, quais são os parâmetros de escolha?

HM — Não, na congregação cada professor, lendo curriculum das pessoas, pelo conhecimento maior ou menor que tem dos candidatos, faz sua eleição. E foi eleito por uma diferença muito pequena. O Hamilton ficou muito bem. O Couto e Silva continuou na clínica. O Deolindo então veio; ele queria fazer algumas coisas de cirurgia em macacos. Então o Paulo Niemayer, que era o cirurgião na ocasião, esteve fazendo aqui umas alterações para fazer parte da tese do Deolindo, porque aqui no laboratório tinha essa possibilidade. Uma parte da tese do Deolindo foi feita aqui no laboratório. Paulo de Carvalho, que foi professor de farmacologia — por falar nisso, foi seu professor — era um amigo muito chegado. Morreu o catedrático e ele quis fazer concurso, estava interessado em fazer concurso e teve a possibilidade aqui no laboratório. Eu tinha uma substância que nunca tinha sido estudada em farmacologia — o trifetil-tetrazol, que na ocasião era uma substância muito importante para pesquisas em problemas síntese de hidrogenados, porque havia estudado um problema de mediação química no sistema nervoso central. Eu disse: “Olha, nunca se estudou a farmacologia disso”. E ele fez a tese dele quase toda aqui. Ele tinha o laboratório dele lá na escola, mas o nosso estava mais bem montado para a parte de pesquisa. De modo que também o Paulo de Carvalho fez a tese dele aqui conosco e foi catedrático. Clementino Fraga Filho, que até agora faz parte do conselho, estava interessado em estudar uma fração do sangue que intervém na coagulação, e queria ver nos animais sem fígado o que se produzia com esta fração, do ponto de vista bioquímico, e a ação sobre a coagulação etc. Ele queria trabalhar em cachorro sem fígado e procurou um cirurgião; isso posso dizer porque ele repete isso

sempre que me encontra: “Olha aqui, o Moussatché foi quem me ajudou aqui na tese”. Procurou um cirurgião para tirar o fígado dos cães, para fazer o estudo dos cães sem fígado, dessa fração que intervém na coagulação sanguínea. Acho que era a fração seis, uma dessas frações. Mas acontece que o cirurgião foi fazer, mas isso não era suficiente porque para se meter numa técnica dessas ele tinha que treinar; e morreram dois ou três cães que ele tentou operar. E ele soube que eu estava trabalhando com cachorros sem fígado por um problema relativo com histamina no sangue do cachorro durante o choque anafilático. Eu estava justamente procurando esclarecer um problema do Maurício Rocha e Silva, que achava que praticamente toda a histamina que aparece no sangue do cachorro durante o choque anafilático era uma histamina que derivava do fígado, onde está bem armazenada. Essa histamina era liberada, entrava na circulação e dava histaminemia, e com isso a baixa de pressão e o choque. Eu, por algumas outras razões, achava que podia ser que o fígado fosse importante, não havia dúvida, mas podia ser que não fosse só o fígado. Então, foi por isso que fui me meter a tirar fígado de cachorros. Confesso que matei muito mais cachorros do que o cirurgião (*risos*) antes de acertar a técnica. Mas acertei a técnica e fiz um trabalho sobre isso. Mas ele soube disso e veio me procurar. E ele fez, praticamente toda a tese dele, fez concurso e passou. Quer dizer, isso tudo é história. O laboratório era o centro de atração para muita gente que estava interessada, e certamente continuaria a ser ao longo desse tempo em que estivemos fora.

LF — Não eram só fisiologistas profissionais que vinham, mas também pessoas da área clínica que, de alguma maneira, estavam interessadas em uma base fisiológica e que procuravam desenvolver um trabalho nesse sentido?

HM — Exatamente. Claro que isso eu achava importante que citassem, porque eu queria, sobretudo, mostrar que o nosso laboratório era um laboratório muito vivo! Nós o tornamos vivo, trabalhando, e os trabalhos foram publicados continuamente, apresentados nas reuniões científicas, publicados nas revistas. Quer dizer, esse é o massacre, pelo menos no meu laboratório; foi o “Massacre de Manguinhos”, como tantos.

LF — O laboratório de cirurgia experimental era ligado à fisiologia?

HM — Não, ele estava perto da fisiologia porque estava no prédio onde hoje é o Cardoso Fontes. Foi criado no primeiro andar, tinha lá uma sala, que eu utilizei para instalar lá, com o Fontana, uma série de contadores de cintilação, contadores de raios beta... Fui eu quem começou isso. Instalei com o Fontana. Inclusive, naquela ocasião, no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas estava como diretor o Leite Lopes, um grande amigo meu. Pedi que ele me fizesse um contador e eles me fizeram. De modo que tinha esse contador e mais um outro que conseguimos, tinha um de cintilação... Enfim, instalamos lá naquela antiga sala de cirurgia experimental, um laboratório que ficou praticamente adendo à fisiologia para problemas de contagem em isótopos.

LF — Esse laboratório de cirurgia experimental chegou a funcionar? Isso era uma idéia do Gudin, não é?

HM — Algumas pessoas tentaram fazer cirurgias. O Gudin tentou fazer algumas coisas lá, mas realmente o Gudin não era homem para estar frequentando laboratório a toda hora. O Murilo Fontes, que era o assistente dele... De maneira que, às vezes, algumas dessas operações eram feitas em animais porque a sala era maior, mas sem a parte de formol propriamente que ele fazia. Essa parte não fazia porque aquilo tinha seus inconvenientes.

O pessoal ficava com nojo da sala de formol porque não se eliminava totalmente o formol; de modo que aquilo teve uma vida curta.

WH — Essa colaboração entre pesquisadores que frequentavam a universidade e vinham cá para o instituto era sem convênio, era em nível pessoal?

HM — Era praticamente em nível pessoal; era gente que vinha e trabalhava — claro que a direção do Instituto estava informada. E muitas vezes, quando eram clínicos, vinham trabalhar aos sábados, porque sabiam que nós estávamos trabalhando. Às vezes o clínico não podia vir, então eles escolhiam os sábados de manhã e vinham para cá trabalhar; ficavam um ano, às vezes, trabalhando aqui todos os sábados. Às vezes, vinham aos domingos também. Trabalhávamos sábados, domingos e feriados.

LF — Essas coisas de convênio e assinar papel, isso é recente, não é? Isso é agora.

HM — É, e tem que ser visto com muito cuidado, porque assusta muito o pessoal, tem que assinar isso, tem que pedir aquilo. E, às vezes, a decisão tem que ser feita não tanto administrativamente, mas deve ser decidida nos próprios laboratórios, porque senão cria impasses piores que têm que ser considerados. Ontem mesmo, por exemplo, me procurei uma moça que queria fazer um estágio aqui. Entregou não sei onde um papel pedindo estágio. Ela é estudante de biologia — estou aproveitando a ocasião para comentar isso com você — entregou esse papel. Ele escreveu ali que ia fazer um estágio em parasitologia. Por acaso é até minha vizinha no prédio, e o pai dela é que me procurou: “Eu queria ver se a minha filha podia fazer um estágio no Instituto”. Então me disse que ela entregou aqui um pedido de estágio e perguntaram a ela se podia trabalhar o dia inteiro. Ele é estudante e disse que o dia inteiro não podia trabalhar. Então disseram a ela que nesse caso não podia estagiar. Mas também não me deu mais detalhes. Não sei até que ponto isso foi assim uma decisão daqui.

LF — Não, a decisão é do departamento, a decisão é do laboratório. Até algum tempo atrás, não sei se ainda está assim, a gente tinha uma informação dos laboratórios, das condições que cada laboratório exige. O Galvão, por exemplo, só aceita se for em tempo integral, senão não aceita. Morel, se não me engano, exige que saiba ler inglês para poder aceitar. Só para evitar que o sujeito viesse chatear o pesquisador, então eles procuravam avisar. Mas em nenhum momento a administração decide como se faz estágio ou não faz. Não, de jeito nenhum. Cada departamento, cada laboratório é que decide se quer estagiário, como quer, do jeito que quer.

HM — Eu acho esse problema muito importante, porque o melhor material para treinar no laboratório é o estudante, não é o formado. O formado já vem com uma segunda intenção, que ter o lugar. Pode ser que o estudante também queira. Eles deviam assinar alguma coisa dizendo que trabalham voluntariamente, que não têm nenhuma exigência a fazer e que vêm espontaneamente procurar. É como eu digo sempre: “Eles são como as mariposas que procuram a luz”. Eles são atraídos, é alguma coisa que vem de dentro e não de fora” (*rindo*). É o que acho, o estudante é o melhor material que há.

LF — Acho importante o senhor dizer isso, porque toda a vida o estudante ia fazer o estágio. De um tempo para cá, não sei porque, começou-se a só querer aceitar no último ano de faculdade, ou já formado, quando na realidade há toda uma experiência que o estudante, no primeiro ano, às vezes até antes... e deram grandes pesquisadores, não é?

HM — Pois é, de modo que, por acaso, estou me lembrando de que essa moça chama-se Teresa e está no último ano de biologia. Eu disse: “Olha, vou sair agora, vou ficar um certo tempo fora, mas quando voltar vou ver esse seu problema com mais atenção. Você já está quase terminando o curso...”

LF — Ela quer fazer estágio em quê?

HM — Ela queria estagiar na parasitologia. Se você quiser, eu a mando lá para você.

LF — Pode mandá-la me procurar que converso com ela. Eu resolvo o que puder.

HM — É, porque eu disse a ela: “Olha, no momento talvez eu não tenha tempo de apurar...”

LF — Não, você pode mandá-la me procurar.

HM — Então vou dizer a ela que procure por você, e você conversa com ela. Pareceu-me uma moça muito calada, muito tímida... Naturalmente disseram a ela que não, que ela não tinha tempo e ela disse: “Eu não posso ficar todo o tempo trabalhando, porque estudo, tenho que me formar primeiro”. Eu vou falar com ela. Mas o que também não queria deixar de chamar a atenção é pelo pessoal que ficou aqui no laboratório. O pessoal ficou preocupado com o material que tinha no laboratório, que este pudesse ter aqui um destino muito indefinido; não sabiam o que ia acontecer e, pelo que se diz, parte desse material foi até vendido como sucata... Com essa perseguição, vamos dizer, pelo menos com essa coisa de laboratório, não quero chamar de perseguição o que aconteceu, uma vez que começou em 1964 e não em 1970 muita gente já estava trabalhando em outras instituições, mas continuavam vindo ao laboratório. Quando eles viram que o negócio estava para acabar mesmo, quando sentiram que o laboratório ia ser fechado, trataram de levar algum material para outros laboratórios. Teve gente que até guardou parte do material. Eu já me referi a isso, de modo que não quero fazer alusão de novo, senão fico repetindo. Era um pessoal que não era pequeno; alguns eram contratados do Instituto, outros eram efetivados. (*interrupção de fita*) E esse pessoal que ficou foi transferido para o Instituto do Câncer.

WH. — Eles foram transferidos por um ato da instituição?

HM — É, a própria instituição os transferiu, entrou em acerto com a administração superior do próprio Ministério da Saúde.

WH. — O senhor pode falar de algumas das pessoas que foram transferidas?

HM — Claro, o Fontana, por exemplo, que não trabalhava diretamente comigo, mas que estava colaborando comigo lá embaixo, como eu disse, foi transferido. A Júnia Peixoto foi transferida. O Ivan Caldas Martins, que trabalhou comigo como a Júnia, foi transferido também... É um pessoal que começou como estudante. Já estavam formados e estavam trabalhando aqui, inclusive começando; continuaram a fazer investigações, continuaram o que estavam fazendo comigo, e ficaram aqui algum tempo; não foi pouco tempo não, uns dois, três anos por aí... De modo que esse grupo tinha muita gente... Até comecei a anotar aqui para não esquecer, porque alguns, como disse, já tinham ido embora. Mas

vejam que no laboratório, entre os que ficaram aqui, e outros que foram antes, tinha aquele pessoal que já fazia referência agora, o Ivan e a Júnia. O Nelson Vaz, de quem já fiz referência, o Braúlio Magalhães Castro, a Maria da Guia, que esteve há pouco tempo aqui como a Annie Danon, o Paulo Ramos, o José Lopes Quadra que também foi transferido. A Mariza Jurberg, que é senhora [Pedro] Jurberg, estava trabalhando comigo em farmacologia aplicada ao problema de psicologia de comportamento, também teve que ir embora. A Maria Queiroz, que agora está trabalhando na Fundação Ataulfo de Paiva. Eu sei que tinha uma porção de gente... O Nuno Alves Pereira era um dos voluntários que vinha aqui e que já foi até diretor da escola. Claro, deixaram de vir porque o laboratório estava...

WH — A gente estava falando no “massacre”. Eu sei que foram feitos vários inquéritos e inquéritos policiais militares — IPMs. Aliás, foram chamados 16 cientistas para depor, dos quais só dez foram cassados. Foram oito cientistas cassados e dois aposentados pelo Ato Institucional nº 5. O senhor lembra quem eram esses 16 cientistas?

HM — Não, não lembro não, porque creio que não foram só dezesseis. Essa comissão de inquérito, pelo menos a primeira ficou aqui dois meses. De modo que eu acho que eles inquiriram, praticamente, desde cientistas até bedéis.

WH — A comissão presidida pelo Olympio da Fonseca?

HM — Não, era uma comissão militar e uma civil. A primeira foi militar. Veio um general, se não me engano, chamava-se Aluísio Falcão...

Fita 4 – lado B

WH — Sim, o General Falcão.

HM — O General Falcão, quando foi instalada essa comissão militar, me chamou; fui o primeiro a ser chamado. Aí fui falar com ele, que era muito amável. Todos os generais eram muito amáveis, e não podiam deixar de ser por princípio. Mas em todo caso, pode parecer que, como era uma comissão militar, que eles fossem atrabiliados. Não foram no nosso caso, mas em outros a gente sabe que têm coisas muito sérias. Mas conosco não. E na primeira pergunta que ele me fez, disse: “Ah, nós temos uma série de perguntas a fazer e o senhor é o primeiro a ser chamado porque tem uma grande projeção aqui no Instituto e por isso, gostaríamos que o senhor nos respondesse uma série de perguntas”. E então tirou uma série de perguntas; tinha um bolo mais ou menos dessa grossura escrito em pedaços de papel. Estávamos sentados os três militares e eu, numa outra cadeira em frente; ao lado uma máquina de escrever, com alguém batendo as coisas que a gente... A primeira pergunta que ele me fez foi sobre as minhas ideias políticas; se eu era comunista. Aliás essa pergunta me foi feita depois na Comissão Central de Inquérito da Segurança do Ministério da Saúde.

WH — E o Olympio foi presidente de uma comissão montada aqui?

HM — Comissão Civil.

WH. — O Olympio falou que havia comunistas aqui, inclusive disse que era um grupo pequeno, uns três ou quatro, mas que não havia um centro comunista. E depois foi ser presidente dessa comissão...

HM — Pois é, o negócio é que o Tito Cavalcanti já se referiu a isso outro dia; aproveitou e citou o caso do Darcy Ribeiro. O Tito tinha estado na China, e o negócio do clube de futebol que acharam lá, pensaram que fosse o clube de futebol... Eu vou deixar que o Tito responda a isso, porque ele tem muito mais possibilidade de responder do que eu. No meu caso aqui, quando ele me perguntou isso eu disse: “Olha General Falcão, vejo que o senhor tem uma série de perguntas a fazer. Tenho medo que um inquérito como esse, em que as perguntas e respostas são feitas assim parcialmente, cada um pergunta e eu respondo fique uma coisa desconexa, um pouco colcha de retalhos. Não sei se vai ter uma ideia do problema na sua totalidade, no seu conjunto, já que eu respondo e o senhor faz outra pergunta diferente... Acho melhor que eu responda ao senhor, já baseado nessa pergunta pois estou fazendo uma ideia das suas intenções. Eu falo, digo o que penso, quais são as minhas ideias políticas”. Eu disse ao General Falcão: “Em primeiro lugar, quero agradecer imensamente ao senhor essa distinção que me fez, dizendo que sou o primeiro a ser chamado porque tenho assim uma projeção muito especial aqui no Instituto. Ser chamado por uma comissão militar (*rindo*), nessas condições, não deixa de ser uma coisa boa. Depois quero dizer ao senhor que é muito difícil responder assim se sou comunista ou não, porque isso tudo é motivo de discussão. O que quer dizer ser comunista ou não ser? De modo que prefiro responder da seguinte maneira e depois, em seguida, entrar em detalhes”. Eu disse: “Nunca pertenci a nenhum partido comunista, nem a nenhum partido político, porque não sou dos que creem que a solução do mundo é através da política. Creio que o problema, a solução social do mundo só é através da ciência, utilizada para o bem social da humanidade, e não por políticas de antagonismo como no mundo atual. Mas tenho minhas ideias políticas: sou socialista. Acho que o capitalismo não tem solução, entrou numa contradição que, certamente, não vai resolver os problemas sociais do mundo”. Já se passaram vinte anos, não é? Tenho a impressão de que os problemas estão aí agravados. De modo que se tenho razão ou não tenho, não quero discutir. Mas, pessoalmente ainda penso assim, e agora mais seriamente. Porque já em entrevistas, até publicamente na Venezuela, quando me perguntaram o que penso, disse que as ideologias políticas perderam sua capacidade de resolver os problemas do mundo atual. Eu acho que o problema social do mundo atual já foi além das ideologias, tais como elas se apresentam hoje na defesa dos seus pontos de vista políticos para resolver o problema social do mundo — como um todo e não do Brasil especialmente, porque o Brasil não é um caso particular no mundo. O Brasil está metido num complexo como todas as nações do mundo, das quais está sofrendo influências. De maneira que a solução de seus problemas sociais está estritamente ligada à solução dos problemas sociais dos outros países, particularmente do Terceiro Mundo, e agora muito mais graves do que naquela ocasião. Continuo achando que o socialismo, pela distribuição mais equitativa das riquezas, é uma solução. Mas o problema ainda transcende isso, porque tenho dúvidas se, mesmo que se queira fazer um regime socialista para distribuir as riquezas do mundo de uma forma equitativa, para que todos tenham acesso às riquezas do mundo — e a riqueza que digo não é simplesmente ter o que comer e ter um cantinho para dormir — é realmente ter uma vida como qualquer cidadão médio da União Soviética ou dos Estados Unidos, vamos supor, um cidadão médio de Moscou ou do Kiev, Leningrado ou de Odessa, um cidadão de nível médio que vive como nós. Acho que somos a classe média-média, não somos a classe média rica nem muito rica, nem a pobre, não é? Assim, como nós, existe no mundo inteiro, nas cidades do mundo capitalista e do mundo comunista,

em Nova Iorque, em São Francisco, em Nova Orleans, enfim, em todas as cidades dos Estados Unidos, o cidadão médio que vive no regime capitalista ou no regime comunista e tem a sua vida. Acho que estender isso a toda a população do mundo, onde você tem cerca de cinco bilhões de pessoas, das quais mais de 70%, 80% não têm acesso, às vezes, nem à comida! Será que nós somos capazes de alimentar toda essa gente e dar a ela uma condição como nós desejamos para nós? Pode ser que seja possível, mas não tenho certeza.

WH. — Quais são os caminhos para se conseguir chegar lá?

HM — Ah, os caminhos seriam os da tecnologia. Mas será que a tecnologia vai resolver esses problemas atualmente?

WH. — ... E por que a tecnologia?

HM — Não estaremos contaminando a atmosfera, contaminando o meio ambiente ao querer dar para todo mundo uma condição de vida, quando sabemos que nós que consumimos e que somos quase minoria, nós que temos acesso a alguma riqueza, somos realmente quase uma aristocracia do mundo atual... Os outros estão aí na miséria morrendo diariamente de fome em todos os países do Terceiro Mundo. As crianças estão morrendo aos milhares, e esse problema não nos afeta mais porque, evidentemente, nós já perdemos a sensibilidade através da morte. Acho que a vida é a coisa mais preciosa que o homem tem! Como é possível que os governos (*batendo na mesa*) simplesmente assistam a isso tudo e não deem importância, ou pelo menos não tomem as providências que estão nas mãos deles para que não haja isso?! Eu acho que uma delas é a redução da natalidade que permitirá, com os meios de produção de tecnologia que existe hoje, dar a todos nós uma vida decente, uma vida humana. Não é só comer! Se amanhã nos condenássemos: “Não, você vai viver, tem comida e mais nada”. Bom, não é isso, são todas as coisas, inclusive o que se defende tão continuamente nos países chamados capitalistas, que é a liberdade (*bate na mesa*). Claro que nós temos que ter liberdade! A liberdade de expressar nossas opiniões. Mas por que não chegar a isso, que todo mundo tenha a liberdade de exprimir suas opiniões? Por que não? Por que a liberdade de expressão tem que ser de uma pequena minoria que tem os meios de comunicação nas mãos para dizer o que quer? (*bate com a bengala*) E a maioria? Tem que ouvir simplesmente pelo rádio, pela televisão; às vezes não sabe nem ler e tem que ouvir, e no fundo nem quer saber, nem tomar parte nisso. E essa liberdade não é uma falsa liberdade que nós estamos propagando aí? Então, acho isso tudo, as ideologias políticas... Eu sei que nos países socialistas há uma grande dúvida e um grande ataque à ideia da restrição à natalidade, e acho que isso é um problema dos países capitalistas. Eu creio que não. Acho que temos que tomar providências nos países capitalistas e nos socialistas para dar a todo cidadão médio das cidades, a chamada classe média atual — que naquela ocasião já não será mais a classe média, mas a classe única — o direito a todos os meios que a humanidade é capaz de produzir. Cada um com seu gosto: eu gosto de música, compro disco de música; outro gosta de fazer esporte, faz esporte; outro gosta não sei do quê, faz o que quiser... É ter essa liberdade de escolher, ter a liberdade de dizer o que se pensa através dos órgãos de imprensa ou através das associações sindicais, de modo que cada um tenha o direito de dizer. Poder viver e ter o direito de se manifestar como um cidadão qualquer, e não estar os meios de comunicação nas mãos de alguns que só comunicam... Aí então, faço a crítica igualmente aos socialistas, que só podem dar informações das coisas que estão nas mãos daqueles que têm os meios de comunicação. Na verdade, a

liberdade não existe, essa liberdade é uma ficção. Sou totalmente favorável à liberdade. Não estou de acordo com o que se fez, por exemplo, com Soljenitzen, com o que se fez com o Sakharov e muitos outros. Apesar de achar que o Soljenitzen não era absolutamente uma pessoa que merecesse a importância da União Soviética, para fazer dele um mártir, que aliás desapareceu. E o Sakharov, que é um homem muito importante, já o conhecia de nome pelas coisas que fez muito antes dele estar nessa situação atual. Há mais de vinte anos que vejo as críticas que ele faz ao regime socialista do ponto de vista de ir um passo adiante. Creio que, futuramente, o próprio regime socialista na União Soviética vai estar de acordo com ele. Mas isso criou um impasse lá dentro e com essa tensão internacional, claro, isso tudo fica obscurecido e as pessoas que são contra passam a ser traidoras ou ficam nas condições que estão. Há outros que não têm mesmo acesso à imprensa nem coisa nenhuma a não ser para dizer bobagens. Essa é a minha opinião. De modo que eu acho que a solução social do mundo está de tal maneira, que as ideologias perderam a capacidade de resolver os problemas sociais. Sei que para essa massa de gente que aparece e que está nessa miséria, não há solução; não vejo solução e acho que nas reuniões que existem entre os economistas, os políticos, os sociólogos e tudo isso, vai a melhor gente, as melhores cabeças vão para lá, para suas reuniões, e quando saem de lá, a gente vê que não encontraram soluções. E não pode ser burrice, evidentemente! É porque não está entrando nessa solução alguma coisa fundamental, alguma coisa que é muito importante e que não estão considerando, que é essa massa de gente que está crescendo e que está aí reclamando. Algumas vezes toma-se atitudes, como quem tenta solucionar isso, propondo um racionamento social, estudar — qual é o número de pessoas que pode existir por família...

LF — Planejamento familiar...

HM — Exatamente. Está se cuidando disso. Até, às vezes, com coisas aparentemente muito graves. Por exemplo, eu acabei de ler no *New Scientist* sobre a impossibilidade de se resolver o problema de Bangladesh, que durante um certo tempo até esteve aqui nos jornais, não é, a tragédia de Bangladesh. Muitas outras coisas aparecem nos jornais dois, três dias depois desaparecem. É novidade. Os jornais quase que só dão as informações que não passam de novidades para quem lê. Todo mundo já se esqueceu de Bangladesh. Mas algumas instituições não se esqueceram e estão mandando dinheiro etc. - instituições beneficentes ou o que seja. Mas estão verificando que não está se resolvendo o problema de Bangladesh! Eles levam comida, levam isso, levam aquilo, mas não resolvem o problema, porque a mortandade continua a mesma. Então, recentemente, num artigo que saiu no *New Scientist*, que é uma revista séria, essas instituições que estão ajudando a resolver o problema de Bangladesh, quando surge uma senhora da região com o filho no colo, esquelético, com fome, faminta como se disse lá no artigo, e com o filho também faminto e que pede para darem comida para eles comerem, dizem: “Sim, podemos dar comida, mas você tem que se submeter, primeiro, a uma ligação das trompas”. Se não fizerem isso, não vai resolver! Mas estou sentindo que em todo esse tempo nada se resolveu, porque continua o crescimento da população, com a mesma mortalidade. Então não está se resolvendo! Isso vai ser eternamente: mandar recursos e não resolver o problema! Quer dizer, as crianças nascem e morrem. Foi por isso que eu até disse uma vez à minha neta que está estudando cinema; “Olha, vamos fazer um filme juntos? Vamos fazer um filme que se chama “Filhos para morrer”. Já disse essa história a vários amigos — desculpe se estou citando isso aí, mas e porque... “Vamos fazer “Filhos para morrer”, porque é isto o que está se fazendo! Aconselhar que haja natalidade para que os filhos morram, são filhos para morrer! Mas isso não é possível! Estamos perdendo a

sensibilidade frente a uma coisa fundamental, essa coisa preciosa que é a vida, que as pessoas morrem e a gente já cita isso simplesmente como estatística! Como se a estatística tivesse alguma importância para morte. Quem morreu, morreu! É 100%, não é estatística! Você desculpe, mas eu tenho que ficar porque...

LF — Não, é interessante, não, não.

WH. — O senhor falou tudo isso para o general? O que ele achou disso tudo?

HM — Eu falei cinco horas!

WH. — E qual foi a resposta dele?

HM — No fim de cinco horas, com alguns intervalos que ele me fazia umas perguntas... A mim, ele não deu nenhuma resposta. Terminou aquilo, fui-me embora. Simplesmente sei que ele informou a pessoas que nós éramos um grupo de pessoas idealistas e que não havia nada, que nenhum de nós era perigoso (*rindo*). Não só eu como os outros — o Herman Lent e vários outros — não tinham nada de perigoso.

WH. — Bem, no golpe de 1964, o Travassos era o diretor do Instituto, entra o Rocha Lagoa. Qual foi a repercussão do novo governo sobre a ciência? Enfim, qual foi a política do governo em relação à ciência nessa época?

HM — Bom, talvez a única coisa que se pode dizer é que não se fez nenhuma política em relação à ciência. Quer dizer, não se traçou nenhuma nova política; estávamos num estado que passou a ser um regime militar. Foi um golpe de Estado em 1^o de abril. Depois, em 1969 foi um golpe que já se identificou como uma coisa para ficar, foi dado o segundo golpe. O primeiro golpe foi dado e saiu Castelo Branco, o segundo foi um golpe dado sobre o Castelo Branco, e entrou num regime que já se sabia que ia durar muitos anos, como eles diziam mesmo, seria um golpe para vinte anos. Então eles não fizeram nenhuma declaração sobre a ciência, o que eles iam fazer com a ciência. Acho que isso não estava na preocupação deles de imediato, não estava.

WH. — Mas os cientistas estavam se mobilizando pelo Ministério da Ciência e Tecnologia....

HM — Agora., isso era um movimento que existia muito antes. Nós já nos mobilizávamos para a criação do Ministério da Ciência e Tecnologia em 1959, 1958. Ainda recentemente o próprio Archer se referiu a isso. Em 1959, ele viu na televisão o Leite Lopes e o Tiommo; nós já começávamos a nos bater pela criação do Ministério da Ciência.

WH. — Foi um ideia do Amaral Peixoto? Esse movimento surgiu na Academia Brasileira de Ciências?

HM — Não, não, o Amaral Peixoto não tem nada com isso. Isso foi uma ideia que nasceu das conversações que nós tínhamos com um pessoal ligado à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, e estava preocupado. Na Academia de Ciência estávamos muito preocupados com o destino da ciência. Fazíamos reuniões, conversávamos muito sobre o que se ia fazer. O Conselho Nacional de Pesquisas havia sido criado e o Álvaro Alberto foi o primeiro presidente, e na ocasião, o próprio Conselho de Pesquisas foi perdendo o

seu status. Já era recebido por um terceiro secretário, já não era o Álvaro Alberto, era um outro, se não me engano o Couceiro. Mas já não tinha o mesmo prestígio e nós víamos que era necessário alguém que estivesse perto do bolo. Quando se reúnem os ministros, ali está o bolo; vamos dividir o bolo. Mas quem estava fora do bolo como o Conselho Nacional de Pesquisas... A gente não sabia se falava com o secretário, que falava com o primeiro secretário, que falava com a Casa Civil, que falava com o ministro. O que chegava ao ministro? Então, o Conselho Nacional de Pesquisa estava perdendo o prestígio e, com isso, realmente a ciência estava ficando cada vez mais incapaz de atingir os altos postos políticos para dizer o que pensava, o que se deveria fazer. Então nasceu essa ideia, que não se pode dizer que tenha um pai, porque nasceu das conversações.

WH. — Bem, quem fala isso é o Olympio da Fonseca...

HM — Não, ele está enganado. Ele não sabia nada disso. O Olympio da Fonseca estava muito afastado disso. Com isso não quer fazer nenhuma crítica ao Olympio, mas ele realmente não sabia, não estava a par disso. Isso foi uma idéia nossa: do Leite Lopes, Herman, eu, Tiomno, Danon, Tito Cavalcanti, um pessoal que estava muito ligado...

LF — O senhor acha que o Instituto estaria melhor com o Ministério da Ciência e Tecnologia do que com o Ministério da Saúde?

HM — Eu defendia essa ideia, quando se pensou que o ministério ia ser criado; naquele momento pediram que déssemos as instituições que podiam pertencer ao Ministério da Ciência. Nós achávamos que o Instituto era uma das instituições que deveriam pertencer ao Ministério da Ciência. Eu achava isso.

WH. — Por quê?

HM — Porque era um Instituto de medicina experimental. Discute-se muito se o Oswaldo Cruz queria criar um instituto de medicina experimental ou queria criar um instituto para investigar dentro do campo da biologia, seja na medicina ou não... Por isso, querendo se prender às origens, muita gente achava que o Oswaldo Cruz queria criar um instituto de medicina experimental... “Ah não, porque você vê que o Instituto Pasteur é um instituto de medicina experimental”. Mas não era bem assim, não é? O próprio Pasteur era um químico. Fez coisas importantes partindo da química - faz da parte da história - para chegar até o micro-organismo por um problema relacionado muito com a química e em relação às atividades de certas bactérias, de certos protozoários. E o Instituto Pasteur, atualmente, tem muitas coisas que são de bioquímica. Porque realmente os germes, os micróbios, esses entes patogênicos matam e criam doenças... Mas antes de ser patogênicos, são seres biológicos que têm que viver. Patogênicos somos nós para eles, quando estamos usando substâncias para matá-los. Nós somos patogênicos! Então, que é patogênico? Onde está a medicina? Se eles pudessem criar uma medicina experimental para se defender do homem, eles estariam também tratando disso. De modo que é bem provável que o que esteja em jogo aqui é a biologia como um todo e, particularmente, os campos que vão esclarecer os fenômenos biológicos. Vão esclarecer o que significa um ser vivo, qualquer que seja, que nós consideramos um parasito, mas que está vivendo, porque precisa de alguma substância que podemos sintetizar e que ele não sintetiza, por isso nos parasita. Mas também estamos nos utilizando de muitas coisas dele. Essa interação faz com que o Instituto Oswaldo Cruz devesse ser um instituto para o estudo dos fenômenos biológicos mais importantes. Se Oswaldo Cruz estivesse vivo, defenderia

ou não essa idéia. Dentro da estrutura do Ministério da Saúde, a grande importância era produzir soros e vacinas, que eu acho muito mais importante do que a pesquisa que estava fazendo. Porque na hora em que você precisa usar um soro, uma vacina para um caso específico, não vai perguntar que pesquisa se está fazendo; vai querer tomar seu soro ou vacina que é produzida pelo Instituto. Pode já ser produzida por qualquer instituto, com gente que estivesse treinada para isso. Poderia ser até uma indústria particular ou do Estado, mas especificamente voltados para produzir e estudar toda a tecnologia para isso, e produzi-la em condições melhores do que o Instituto fazia na ocasião, porque eu sabia que as coisas que estavam sendo feitas já estavam atrasadas. Quer dizer, fazer um soro antitetânico tem que se injetar uma quantidade enorme de soro antitetânico. Quase se pode isolar o anticorpo, liofilizá-lo e injetá-lo em menores quantidades, fazendo uma injeção muito melhor. Quer dizer, como isso, muitas outras coisas eram feitas no Instituto a um preço que ninguém sabia, porque não se quantificava o preço para o Instituto; pedia-se dinheiro para fazer isso, mas ninguém sabia o preço, ninguém pedia. Era uma instituição em que o controle do pessoal que estava trabalhando era muito remoto. Às vezes tinha um livro para assinar o ponto. De maneira que a pessoa podia chegar, fazer, e depois ir embora ou não vir. Ora, isso era uma coisa que deveria ser feita por uma instituição do Estado com características industriais para se saber o preço que custa. Quando você tem que usar vidros — como quitassatos, orlemayers e uma porção de aparelhos que precisam funcionar para fazer essas coisas e que têm um preço alto — que se quebram, e ninguém que saber por que é que se quebram, é um absurdo! Acho que isso tem que ser cotizado, tem que se saber a que preço isso sai, porque isso tem um preço. Então eu achava que a pesquisa deveria ser num instituto à parte. Essa outra parte deveria ser feita por uma instituição de controle de medicamentos ou de produção de vacinas. O instituto seria do Ministério da Ciência e Tecnologia para transformar o pessoal que trabalhava lá — como nós estávamos formando gente nova — para não ter, simplesmente, um cargo futuramente técnico e uma técnica muitas vezes bastante criticável.

WH. — Sim, mas na época de Oswaldo Cruz esses diferentes ramos dentro da ciência conviviam bastante bem. Quer dizer, existia toda a parte de campanha de erradicação, a parte da medicina experimental, a parte de produção, e isso convivia no Instituto até hoje, não é?

HM — Isso é verdade. Porque à época de Oswaldo Cruz era assim, em 1904, 1905, cerca de 100 anos atrás. E você acha que as coisas de ciência e tecnologia que foram usadas em 1904 vão permanecer mais ou menos até 1974 ou 1984 sem que haja necessidade de se reformular toda essa maneira de proceder? Oswaldo Cruz estava formando os primeiros investigadores do Brasil! Carlos Chagas apenas tinha aprendido alguma coisa sobre protozoários e transmissores, vetores de doenças. Estava aprendendo isso e ele descobriu a doença de Chagas, como outros descobriram outras coisas muito importantes em todo esse período heroico. Mas esse é um período! (*interrupção de fita*) No tempo de Oswaldo Cruz está ok. Primeiro, ele já herdou o Instituto Soroterápico, que era dirigido por um cirurgião que sabidamente não fazia... Naquela época, a investigação no Brasil nesse campo estava começando. Foi Pasteur que poucos anos antes tinha começado tudo isso. Mas depois de passados 50 anos, nós não podemos continuar nas mesmas coisas. Necessitava-se reconsiderar o que o Instituto Oswaldo Cruz podia representar para a ciência no Brasil. Por que o Instituto tinha que ficar limitado a um grupinho que continuava querendo fazer algumas coisas que...

Fita 5 - Lado A

HM — Bem, começou-se a pensar na criação do Ministério da Ciência e Tecnologia, como disse, que resultou de conversações que vários pesquisadores tinham entre si, especialmente os que estavam ligados à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e também à Academia de Ciências. Nós conseguimos interessar, por exemplo, o Arthur Moses para esse problema, tivemos reuniões até com o Roberto Campos para discutir o problema. Tudo isso estava sendo considerado e havia um momento em que parecia, talvez, que o Ministério da Ciência e Tecnologia podia se tornar uma realidade, não é? E aí foi que se pensou em quais instituições deveriam fazer parte. Eu respondi que o Instituto Oswaldo Cruz seria uma instituição que valia à pena pertencesse ao ministério, dentro do campo dos pesquisadores que realmente estavam trabalhando no Instituto. Separar toda a parte não de tecnologia, mas de rotina do instituto; tinha uma grande parte de rotina. Havia muitos pesquisadores, como por exemplo Carlos Chagas Filho, Antônio Couceiro, que eram contra a criação do Ministério da Ciência e Tecnologia. Eles achavam que iriam colocar nesse ministério um ministro político, e que isso criaria problemas para o pesquisador; que acabaria sendo um político no cargo de ministro, e não um cientista. Bom, portanto, havia divergências de gente importante, como o Carlos Chagas Filho e outras pessoas que não estavam de acordo com isso. Nós simplesmente chamávamos a atenção deles para o fato de que Álvaro Alberto tinha sido o primeiro presidente do Conselho de Pesquisas e, na verdade, ele não era um pesquisador; ele nunca foi um pesquisador. Ele era professor de físico-química da Escola Naval, mas não era um pesquisador. E podia acontecer que alguns outros não fossem pesquisadores, não é? Eu acredito. Mas na verdade, logo no começo — disse isso, na entrevista anterior — o Álvaro Alberto tinha relações diretas com o Presidente da República, depois ele já nem tinha mais. Acabou que os outros presidentes do CNPq iam ao segundo secretário, quando se achava que precisávamos ter, repito, um ministro que levasse os nossos problemas na hora de repartir o bolo, falando uma linguagem comum, não é? Na hora em que estava lá o orçamento, tinha que levar e defender a nossa situação. Se ele era um político, bem, nós podíamos fazer um ataque ao político e dizer que ele não estava cumprindo a sua missão. Enfim, era o momento em que nós queríamos que a ciência passasse a significar no Brasil. Mas com o golpe militar isso tudo desapareceu. O golpe militar ignorou o Ministério da Ciência e Tecnologia e até considerou que eram subversivas as pessoas que estavam favoráveis a isso, porque eram pessoas consideradas de esquerda ou que estavam ligadas a alguma coisa de esquerda. Não era verdade, porque muitos países da Europa já tinham um Ministério da Ciência e Tecnologia e não eram de esquerda. De maneira que esse era simplesmente um argumento fora de propósito. Agora, com a Nova República⁵, criou-se o Ministério da Ciência e Tecnologia e não colocaram um pesquisador, mas uma pessoa — Renato Archer — que está procurando ouvir o pessoal de ciência e se assessorar; está tentando fazer alguma coisa para que realmente a ciência passa a significar mais nos altos níveis da administração do país.

WH. — Bom, após o golpe de 1964 entra o Rocha Lagoa como diretor do Instituto Oswaldo Cruz. Como repercutiu esse fato? Como se recebeu esse fato dentro do Instituto?

⁵ Período de governo que teve início com a eleição indireta de Tancredo Neves para a presidência da República em 1984, após o último governo militar no Brasil, o do general João Figueiredo. Apoiado numa ampla coalisão política oposicionista, constituída por uma frente de partidos, a chapa Tancredo Neves-José Sarney derrotou no Colégio Eleitoral o candidato Paulo Maluf, ex-governador de São Paulo que concorria à presidência pelo partido do governo, o Partido Democrático Social (PSD).

HM — Bom, o Instituto tinha dois grupos de pessoas. Uns achavam que o instituto deveria continuar no Ministério da Saúde, cumprindo uma missão que era de saúde. E nós achávamos que essa rotina, muitas vezes, era motivo para que os diretores do instituto pedissem orçamento para fazer soros e vacinas, porque isso sensibilizava mais os políticos a dar verbas. Eles achavam que isso era uma defesa para o Instituto ter as verbas de que precisava. De tal maneira era assim que nós, às vezes, para conseguirmos alguma coisa — como a verba era destinada para determinados fins — tínhamos que pedir um aparelho que custava uma vaca, por exemplo, supostamente uma vaca, e esse dinheiro não era utilizado para isso. Eu achava tudo isso uma mentira, um absurdo. Nós já estávamos depois da guerra e sabíamos que a ciência era uma coisa importante. Os diretores dos institutos deveriam levar os nossos problemas como coisa de ciência mesmo, e não alegando que tínhamos que fazer umas tantas coisas para o uso público, como soros e vacinas, ou o que seja. Achávamos que não era mais necessário utilizar essa mentira para justificar o nosso trabalho aqui. Bom, se eles achassem que ciência não era importante, que dissessem claramente. Mas ao contrário, os políticos diziam que a ciência era importante! Depois do Sputnik, da explosão da bomba atômica, depois de tudo isso, qualquer político sabia que ciência era uma coisa fundamental para o desenvolvimento do país! Não precisava se estar alegando uma balela para isso!

WH. — E o Rocha Lagoa?

HM — No Instituto, o Rocha Lagoa era desse outro grupo. Ele achava que deveria continuar... E há claramente os que não estavam de acordo com isso. E como o Rocha Lagoa dizia que não estava de acordo conosco, que éramos elementos perniciosos ao Instituto, sabíamos que nossa situação aqui não era muito favorável. Só havia dois grupos no Instituto: uns que ficaram muito contentes com a vinda do Rocha Lagoa, porque ia acabar com aqueles que achavam que o Instituto... Então, estávamos num momento que prenunciava a morte anunciada. Quer dizer, a nossa morte estava anunciada.

PG — Dr. Moussatché, uma coisa que intriga um pouco é que a cassação foi politizada talvez incorretamente, tanto por quem cassou, como por quem executou o ato de repressão. Criou-se uma interpretação política da cassação que vai além da questão de linha da ciência ou rumos do Instituto. O fato de ter um grupo que, aparentemente, não tem uma homogeneidade de pensamento político, mas como cientistas tem uma identidade, dentro do Instituto, enquanto projeto... O fato parece que tomou dimensões muito superiores às simples querelas, quer dizer, simples divergências com relação aos rumos do instituto. Assume um fato de caráter político onde esse grupo, muitas vezes, é identificado, tanto pela repressão quanto por quem está do lado de cá, como um grupo mais à esquerda dentro do Instituto. Há esse alinhamento? A gente pode pensar nesse alinhamento?

HM — Bem, eu acho que do pessoal que foi chamado de esquerda... Tá bem, em princípio aceitamos que havia um grupo chamado de esquerda e um outro grupo que seria chamado de direita. Tudo isso eu acho que são classificações muito subjetivas: direita e esquerda. Por exemplo, homens como o Miguel Osório de Almeida e Lauro Travassos não acreditavam muito que a ciência — como o próprio Tito Cavalcanti — fosse uma solução social para o mundo moderno. Eram céticos. Não estou me referindo àqueles que jamais se preocuparam com esse problema, que são coisas que eles não se interessavam, e portanto, são da direita, ou porque acham que o mundo assim está muito bom. Não quero entrar nesses detalhes porque isso fica muito pessoal e, particularmente, para o caso do

Rocha Lagoa, dizem que ele era inimigo pessoal nosso e não sei o quê mais... Eu não acredito muito nisso. Eu nunca tive nenhum problema com o Rocha Lagoa; não gostaria de entrar por esse campo. Acho que o Rocha Lagoa simplesmente aproveitou uma situação criada no país em que se podia punir os que estavam pensando, como o elemento da esquerda, puni-los, simplesmente. O governo não queria que eles estivessem no governo, que pudessem criar problema. Nós estaríamos nesse caso. Para o Rocha Lagoa era muito fácil levar todos esses processos que ele deve ter levado, em 1970, e conseguir que o Médici nos aposentasse. Segundo se diz, ele insistiu muito com o Médici. Pode ser que seja verdade. Mas o fato é que o Médici cassou também muita gente da Faculdade de Filosofia — processos levados pelo diretor da faculdade — que passou uma dificuldade muito grande. Pode ser que todo o pessoal que estava na Universidade de Brasília tenha se retirado de lá por causa da intervenção do governo, com uma política nítida de tirar muita gente de lá. Era uma nova situação política criada no Estado, no país, que aceitava com bons olhos afastar qualquer possibilidade de intervenção civil na política. Mas se a gente deixar esse lado, há os que acreditam... e acho que a solução do mundo só teria sido possível socialmente se você utilizasse a ciência e a tecnologia para contribuir... Quer dizer, o cientista tem uma função social fundamental. Vou um pouco além: acho que o cientista que não entende o significado social da ciência, realmente não sabe porque está fazendo ciência. O que eu disse já noutra ocasião: depois de um livro tão fundamental como *A função social da ciência*, publicado em 1939; depois que estourou a bomba atômica; depois do Sputnik, ainda duvidar que a ciência e a tecnologia têm potencialidades muito grandes para a solução de muitas coisas que não são para a guerra, como foi bomba atômica? O importante na bomba atômica não é a guerra, mas é a fissão do átomo. Então, nós que éramos chamados de esquerda, achávamos que a ciência tinha uma função social muito importante e que o Instituto não deveria ficar a reboque de umas tantas aplicações — e que não eram nem mais aplicações, eram rotinas — não fazer coisas que já estavam até atrasadas e que podia desempenhar um papel muito mais importante no desenvolvimento da ciência do que estava tendo até então. Até mesmo por essas pessoas que admiramos, como Miguel Osório ou Lauro Travassos, que achavam que a ciência tinha importância, mas não ia resolver os problemas do mundo socialmente, que o homem tinha alguma coisa que ainda tinha de ser descoberta para ver como transformá-lo num ser... Enfim, havia um conjunto de ideias, de dúvidas — o pesquisador é um homem que sempre tem dúvidas. Eles tinham muitas dúvidas sobre como realmente a ciência poderia intervir numa transformação social que levasse, não a um paraíso, mas a um melhor entendimento entre os homens; porque mesmo que a ciência progredisse, o entendimento entre os homens nunca seria uma coisa que o homem atingiria.

PG — O senhor falou entendimento entre os homens, e o senhor faz parte da associação para a criação do Parlamento Mundial. O que é isso? Que projeto é esse? Como está engajado nessa associação?

HM — Bem, a ideia foi de Noel Baker, Prêmio Nobel da Paz, que achou que era chegado o momento de reunir os homens de ciência, conhecidos através de seus trabalhos, de certas posições, e fazer uma associação chamada Parlamento Mundial, em que se fundaria, vamos dizer assim, uma Constituição. Se amanhã, talvez fosse possível criar um entendimento entre todas as nações, haveria um parlamento mundial que exigiria isso, dentro de diversas perspectivas, de todos os homens de ciência ou não, mas que são pela paz, pelo entendimento humano; assim funcionaria esse parlamento mundial. Essencialmente é isso. Então me convidaram, perguntaram se eu aceitava fazer parte e eu

disse: “Claro que sim”. Era isso, por isso fiz parte. Fui convidado para fazer parte dessa associação para o Parlamento Mundial.

WH. — Bom, o senhor estava falando no “massacre”. O Herman Lent fala que desde o tempo de Oswaldo Cruz existiam dois grupos de conflito dentro do Instituto, mesmo antes do golpe, de todo esse problema político. Surgiram por uma dissidência a respeito do Arthur Moses, que queria ser contratado e Oswaldo Cruz não o contrata. Depois, na época do Carlos Chagas, contrata. O Olympio, por exemplo, que foi diretor do Instituto, fala que sempre houve uma oposição muito grande aos diretores do instituto e que essa oposição era movida por brigas internas e pela imprensa. Como foi o papel dessas questões internas em todo o processo que culminou na cassação?

HM — (*Bate com a bengala*) Olha, o problema do Arthur Moses foi em 1910,1911. Eu tinha um ano de idade ou não era nascido. Só conheço assim muito... Na verdade, o Arthur Moses era naquela época muito moço, um jovem brilhante, começava a se iniciar na pesquisa. Veio para o Instituto e, por motivos que confesso não saber entre o Arthur Moses, que morreu há uns 15 anos ou um pouco mais, e Oswaldo Cruz surgiu alguma coisa que não conheço detalhadamente. Arthur Moses queria fazer parte do Instituto e parece que procurou influências políticas para que fosse efetivado. Essa é uma das informações que me deram. Mas não sei até que ponto essa informação é válida, porque veio de gente que acabou se antipatizando com Arthur Moses e, portanto, deu essa versão. O Arthur Moses procurou entrar no Instituto por uma certa influência política, e isso obrigou Oswaldo Cruz a considerar que ou o Arthur Moses não era efetivado aqui no Instituto ou ele sairia do posto. Realmente o Moses teve que sair e mais tarde foi para o Instituto de Biologia, saiu da pesquisa. Depois, praticamente, o Moses não fez mais investigação científica.

LF — Mas pelo menos ele chegou a desfrutar de algum prestígio?

HM — Ele começou a fazer investigação e tinha uma certa posição. Eu não posso dizer que era um grande pesquisador, porque aquilo era uma coisa que estava começando, era muito jovem. Conheci o Arthur Moses quando já era um senhor muito mais velho do que eu. Em 1911, ele devia ter, sei lá, 26, 27 anos, era um desses que estavam começando aqui no Instituto. Mas era tido como um homem brilhante e acredito que o fosse, porque pessoalmente era um sujeito muito inteligente. O que houve realmente foi que o prestígio de Oswaldo Cruz não podia ser posto à prova para se nomear um jovem que queria fazer parte do Instituto. Por alguma razão, da qual ignoro realmente as origens, Oswaldo Cruz não queria que o Moses continuasse aqui no Instituto.

LF — Dr. Oswaldo Cruz era muito cioso da autoridade dele, não é? Isso era muito importante na época. Ele era um gênio científico.

HM — Ele era; ele era cioso. Ele achava que estava criando alguma coisa que queria que fosse criado, e acho que, em parte, tinha razão. Ele não podia admitir que viesse gente para o Instituto e que ele não soubesse realmente o que queriam do Instituto. Ele era muito cuidadoso na escolha do pessoal.

WH. — Mas esses dois grupos continuaram a existir?

HM — Não, não sei, acho que não. Não tenho notícias da formação de dois grupos. Depois, mais tarde, quando o Oswaldo Cruz já estava mais ou menos doente, já estava se retirando, havia os pesquisadores que já tinham criado um certo prestígio, como o Belisário, o Chagas, o Vasconcellos, e começou a aparecer a ideia de quem ia substituí-lo. Então, aconteceram aquelas coisas que são perfeitamente humanas. O Chagas achava que era o mais prestigiado e provavelmente era, pois já tinha um prestígio. Uns achavam que o Chagas tinha um grande prestígio, mas que talvez não fosse um bom administrador, um bom diretor; outros achavam que ele poderia dirigir o Instituto melhor, porque tinha outras qualidades. Então criaram-se essas coisas que têm em qualquer instituição. Não creio que isso tenha tido muita influência na história do Instituto, nem tampouco quando o Olympio chegou aqui. Ele já chegou com uma atitude muito especial de querer fazer grandes transformações no Instituto. E quanto às coisas que ele estava fazendo, nós já tínhamos posições muito definidas. Achávamos que o Instituto deveria realmente mudar, mas não no sentido que o Olympio estava querendo, que era o Instituto no tempo de Oswaldo Cruz. O Olympio foi quem fundou o Departamento de Micologia. Depois, ele fez concurso para a escola de medicina, onde lecionou muitos anos, onde teve a oportunidade como teve o Carlinhos Chagas, que fundou o Instituto de Biofísica na universidade. O Olympio já era uma pessoa de prestígio. No entanto, ele não teve a oportunidade de fazer um instituto de parasitologia ou de criar um laboratório de investigação que mostrasse quem ele era realmente... O Olympio voltou para o Instituto com uma porção de programas que queria fazer, e entre eles, o de comprar um microscópio eletrônico, porque ele achava que era importante para o Instituto. Nós achávamos que não era isso. Claro que é bom ter, deve e deveria ter. Mas não é isso que define uma instituição, ter um aparelho muito moderno, e sim, ter gente capaz de trabalhar. Então criou-se realmente uma certa divergência com ele. Ele apoiava muita gente do antigo instituto. Mas esse antigo Instituto estava muito claro para nós. Acho que o Instituto teve uma linha, uma trajetória, que não diferiu dos seus objetivos fundamentais. Inicialmente, o Instituto estava ampliando sua área de ação, de significado nacional, frente às necessidades científicas. O Brasil tinha que formar gente nova e éramos nós, na verdade, aqueles que formavam gente. Claro que o Villela também estava. Mas ele ficava sempre muito fora disso, não era uma pessoa que tivesse uma atividade de luta maior como nós tínhamos. Isso era importante. Nós éramos e achávamos que, pelo menos, tínhamos que defender isso. O Walter, ainda mais do que eu e o Herman, achava que tinha que lutar por isso. E fomos longe com isso! Não pense que isso nos custou pouca coisa! Nós mantínhamos essa situação... Eu fiz concurso para o Instituto e estava aqui há muito tempo já era contratado. Fiz o concurso, por acaso tirei o primeiro lugar, e o Aragão me ofereceu uma bolsa para ir aos Estados Unidos. O Herman não quis fazer o concurso, preferiu ficar como contratado não dei de quê. Mas o Aragão concordava que o Herman também era uma pessoa que merecia ter uma bolsa para ir aos Estados Unidos conhecer outros laboratórios. E nos deu uma bolsa, dividiu uma bolsa entre ele e eu, cada um com seis meses. Em vez de dois anos ou um ano, ele dividiu a bolsa assim. Bom, falo isso porque é um fato histórico. Mas nós continuamos com nossa posição. Quer dizer, achávamos que o Aragão estava fazendo alguma coisa que ainda era do velho Instituto, não compreendendo que era preciso organizar um conselho, porque ele, por muito bom pesquisador que fosse... o Instituto tinha crescido e já era alguma coisa que precisava de um conselho. Fomos falar com ele: “Dr. Aragão, acho que seria interessante o senhor criar um conselho que não fosse executivo, mas um conselho que funcionasse com o senhor”. E ele disse: “Ah, isso já é uma ideia muito antiga. Já no tempo de Oswaldo Cruz pediam ao Oswaldo Cruz que criasse um conselho. E Oswaldo Cruz disse: “Bom, o que vai acontecer é o seguinte: cria-se um conselho, entra o Chagas e uma outra pessoa, como

Gaspar Viana, Rocha Lima, e outros. Então o que vai acontecer é que o Rocha Lima e o Gaspar Viana vão se unir contra mim; ou então eu e o Chagas vamos ficar contra o Rocha Lima, portanto não vale. Então o melhor conselho que cada um tem é exercer a sua função com a autoridade que lhe dá o cargo”. Mas eu acho que sim, naquele tempo, olhando bem o Rocha Lima, o Chagas, o Oswaldo Cruz, eles trabalhavam em assuntos extremamente relacionados entre si. De maneira que realmente eles podiam... Mas os tempos são tão diversos... Bom, o fato é que essa nossa atitude muito combativa levou o Aragão, num comentário, a dizer que a nossa atitude era destrutiva para o Instituto. Ele fez esse comentário num grupo. Uma das pessoas que ouviu, nos disse: “Sabem que o Aragão disse que vocês são elementos destrutivos no Instituto? Eu disse: “Não, não sabia não”. “Mas ele declarou isso num grupo”. Eu não sei se eu cheguei a contar isso porque...

LF — Não, não contou, não.

HM — ... me desculpa, pode ser que isso vá funcionar como fofoca depois e eu tenho um pouco de medo. Mas eu quero dizer as consequências das coisas, e me desculpa se acho que o Aragão não pode... (*interrupção de fita*) Eu e o Herman dissemos: “Como é possível que o Aragão diga uma coisa dessas, quando acaba de nos oferecer uma bolsa para ir aos Estados Unidos? Há uma certa incoerência, está incongruente isso”. Eu disse: “Vamos falar com o Aragão que nós soubemos disso, porque pode não ser verdade”. Então fomos falar com ele e dissemos: “Dr. Aragão, nós queríamos falar com o senhor o seguinte: o senhor nos desculpe, isso é uma coisa muito delicada, mas alguém nos disse que o senhor, numa conversa particular, fez umas referências a mim e ao Herman que somos elementos destruidores do Instituto Oswaldo Cruz. Uma pessoa ouviu e disse que o senhor tinha feito esse comentário”. O Aragão não desmentiu; não confirmou, mas não desmentiu. Eu disse: “Realmente nós estamos surpresos, porque temos pelo senhor um grande apreço. O senhor sabe o que nós pensamos, lhe dissemos claramente”. Como ele não desmentiu, eu disse: “Bom, já que parece que o senhor se referiu dessa maneira, queríamos dizer-lhe que não aceitamos mais a bolsa para ir aos Estados Unidos, porque não creio que seja razoável que se vá dar um prêmio a pessoas que querem destruir o Instituto Oswaldo Cruz. De modo que nós declinamos da bolsa”. E assim foi, e não aceitamos, não fomos. Se isso influenciou na minha formação e na do Herman, não sei. Eu ia trabalhar com Nachmanson num assunto que me interessava, com mediadores químicos e vários outros problemas. Eu continuei a trabalhar e o Herman também. Quer dizer, havia realmente posições muito bem definidas naquela ocasião

Fita 5 – Lado B

HM — ... e eu quero evitar essa palavra perseguição, porque vocês estão vendo que havia duas atitudes muito claramente definidas sobre o destino do Instituto. E não sei até hoje se essa divergência, historicamente, no futuro vai se mostrar se nós tínhamos ou não razão. Não sei até hoje, porque estamos muito perto do fenômeno. O Walter estava de acordo conosco. Se bem que em alguns momentos ele reagiu. Quando nós passamos para a universidade — e conseguimos passar por um tempo muito pequeno — o Walter foi um dos que ficou contra; queria que continuássemos fora da universidade; mas depois foi favorável ao Ministério da Ciência. Portanto, dizer que foi perseguição... O Walter não foi cassado porque morreu, senão também seria cassado. Talvez não fosse pelo fato de ser o filho de Oswaldo Cruz, mas não creio.

WH. — É, mas ele foi afastado da chefia de uma seção — como o senhor também foi — mesmo antes da cassação.

HM — É, eles queriam colocar gente que eles achavam que estavam mais de acordo com a direção que se devia dar ao Instituto. Se querem dar outra direção ao Instituto, não iriam dar o daqueles que estão na direção. Se eles quisessem, por exemplo, que tanto a hematologia como a fisiologia tivessem que seguir determinadas orientações ou fazer alguma coisa dirigida, eles não iriam me deixar, porque eu estaria em desacordo que não se permitisse a investigação livre, totalmente de acordo com as ideias que nós estávamos desenvolvendo de forma que não chamo isso de perseguição. Acho que são duas linhas políticas — no sentido de política científica — totalmente diversas, diferentes. Então, não quero botar isso, porque isso foi uma das coisas que prejudicou muito, que falaram: “Não, aquilo é briga lá de dentro”. Não é lá de dentro! É uma atitude frente a alguns problemas que não eram nem só nacionais! O mundo estava mudando, e nós tínhamos...

PG — O senhor coloca como embate de linhas; só que esse embate não se dá obviamente de uma forma democrática, não é? Quer dizer, não era apenas uma disputa de linhas, vamos dizer, um jogo limpo. Uma das linhas tinha recurso de fora, e foi num processo de convencimento. Quer dizer, não houve um convencimento, uma linha vitoriosa pela sua tese. Ele foi cortado por um ato de arbítrio...

HM — Bem, a verdade é que enquanto não havia o golpe de 1964, nós continuávamos a fazer nossas pesquisas sem problemas, simplesmente trabalhando. E o Instituto continuava a nos dar os auxílios que podia, de acordo com a verba disponível, que era fundamentalmente para determinados objetivos que no instituto eram prioritários, e nós ficávamos um pouco a reboque até que se criou o Conselho Nacional de Pesquisas, onde nós conseguimos um pouco de material fora do Instituto. No Instituto, as verbas já estavam destinadas a determinados objetivos, e a investigação científica básica, propriamente, estava relegada a um outro plano. Por isso é que eu disse, por exemplo, que um investigador como Thales Martins, que fez coisas muito importantes aqui no Instituto, acabou indo para o Butantã, apesar do Butantã ser uma instituição onde a pesquisa básica não era uma coisa fundamental. Para o Thales a pesquisa básica era fundamental. Aqui também não era; apenas nós trabalhávamos e se conseguiu fazer muita coisa; mas nós divergíamos na maneira de pensar. Mas em 1964 mudou completamente. Veio um diretor que sabíamos que era muito contra nós e que poderia vir a ter força nesse novo governo. Como já disse, a história da morte anunciada, não é? Estou me referindo ao livro do Gabriel Garcia Marques que li na Venezuela há muitos anos, saiu agora. A nossa morte estava anunciada. Por isso muita gente me dizia: “Haity, por que você não se aposenta?” E eu podia me aposentar, já tinha muito mais de 35 anos. Eu disse: “Eu não, não me aposento. Vou cair, mas vou cair em pé”. E fiquei aqui até que me cassaram. Quando me cassaram, fui embora. Aliás não fui embora; vim aqui para o Instituto e eles me mandaram embora.

LF — Quer dizer, até um certo momento da história, dá para a gente entender quando o senhor diz que é uma questão de divergência de linhas e que não há perseguição. Mas há um momento em que é...

HM — Não, não, evidentemente, aqui dentro você sentia o problema. Mas estou querendo botar isso não como uma coisa do Instituto, porque na Faculdade de Filosofia se passou o mesmo. Nas congregações, o pessoal que discutia lá...

LF — Em várias faculdades...

HM — Era gente que lutava por coisas que não são as coisas que naquela ocasião se estavam aceitando. Por isso é que digo que nós fazíamos parte de um grupo que queria algo diferente... Quer dizer, nem era diferente de coisa nenhuma, estava numa outra linha das direções que o mundo estava tomando. Não era um problema nosso, daqui, nem do Brasil, era do mundo inteiro. Quero situar bem isso: não tenho nenhum problema com o Rocha Lagoa; não tive nenhum problema com nenhuma das pessoas que pensava diferente de mim. Ele pode pensar diferente de mim, acho que pode ter razão; mas eu defino a minha posição e o outro define a sua.

PG — Dr. Moussatché, essas linhas têm um caráter de atualidade, não é? Recentemente o senhor estava lá na palestra do Ministro Archer, quando alguém da platéia teria questionado se o Ministério da Ciência e Tecnologia estava investindo em ciência aplicada e pouco em ciência básica. Como o senhor vê o panorama atual da própria política científico-tecnológica brasileira dentro dessas linhas que o senhor coloca em termos históricos, e mais ainda, como o senhor vê essa questão da Fiocruz na atualidade?

HM — Mas do Instituto mesmo ou do Ministério da Ciência no que está fazendo e refletindo no Instituto?

PG — Mas especificamente o que está refletindo no Instituto.

HM — Bem, em primeiro lugar, acho que o Ministério da Ciência e Tecnologia ainda está se estruturando. Realmente o Archer está procurando consultar muitos cientistas, está reunindo pessoal. Até agora não se sabe se ele vai ficar ou não — agora parece que vai ficar — e ele tem que, mais cedo ou mais tarde, definir exatamente a política científica nacional. Ele fez reuniões em todo o país, em várias cidades, com gente que se reuniu e discutiu sobre a importância do Ministério da Ciência e Tecnologia. Depois, isso tudo foi levado a uma reunião de cúpula em Brasília, e também, foi publicado um livro, que foi levado pelos coordenadores ao Ministro Archer. Esse livro ainda não teve publicidade e não vi o seu conteúdo, mas estou bem informado por gente que trabalhou nele, como o Nussenzweig e outros. Começa a se definir a política que o Ministério da Ciência e Tecnologia vai ter. Nós mesmo — eu e um grupo de oito ou nove, Tiomno, o Leite Lopes, o Nachbin, o Salmeron, o Danon... eu pedi pessoalmente a assinatura do Morel — escrevemos uma carta que vai ser levada ao ministro. E eu agora, numa reunião com o ministro - estou adiantando coisas — disse a ele que estamos pensando em entregar essa carta, na qual fazemos algumas sugestões sobre a política científica nacional e que gostaríamos de conversar com ele especialmente sobre a questão dos institutos de investigação. Achamos que as universidades, nesse momento e durante muito tempo, não vêm cumprindo uma de suas funções, que é a investigação, mas não por culpa da universidade. A investigação é, talvez, a função mais importante das universidades. A docência é uma consequência natural da investigação. No entanto, os pesquisadores das universidades são extremamente marginalizados, a ponto da universidade não ter dinheiro para dar à investigação — eles têm que se valer sempre de uma instituição de financiamento. Nós achamos que isso mostra que há uma precariedade, há uma crise muito ruim na universidade, que enquanto não for resolvida, e se não for resolvida a tempo, a pouca investigação que nós temos no Brasil, frente ao que necessitamos — não que ela seja pequena, mas frente ao que se precisa, ainda é pequena — não vai ser

resolvida. Então achamos uma alternativa: a criação de institutos fundamentalmente destinados à investigação, de acordo com os termos que estão fundamentados para o desenvolvimento da pesquisa básica e tecnológica. Essa é a sugestão. Queremos uma conversação pessoal com ele e nós não representamos nenhuma instituição. Eu não sou do Instituto Oswaldo Cruz, nem o Tiomno é do CBPF — do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas — nem o Salmeron é representante de nada na Europa. Enfim, nós vamos simplesmente como pessoas que temos uma vida já dedicada a isso e queremos conversar com ele. Se ele aceitar ler a carta e aceitar a nossa sugestão... Falei com ele quando estávamos lá e ele disse: “Não, com prazer vou ler a carta”. E essa carta vai ser enviada brevemente. Possivelmente eu já não estarei no Brasil quando ele marcar a reunião, mas não importa, irão conversar com ele. Voltando ao tema, temos que esperar ainda um pouco para que realmente o Ministério da Ciência e Tecnologia se organize, porque ele está em fase ainda de organização, para que se defina a sua política nacional de estímulo à pesquisa científica e tecnológica. Ele o está fazendo, mas ainda em condições que não são... Provavelmente com o novo ministério, outras situações vão ser criadas e isso vai ficar mais bem definido. Então, aí é que vai se definir também o significado do Ministério da Ciência e Tecnologia para a Fundação. Eu creio que a Fundação pode continuar como está e pode ser que ela queira colaborar mais estreitamente com o Ministério da Ciência e Tecnologia. Tudo isso é assunto que tem que ser debatido mais tarde, porque acho muito cedo para se pensar nisso, porque o ministério ainda não definiu claramente como vai ser a sua política.

PG — Agora, considerando o que a Fundação vem desenvolvendo: ela tem um ramo de controle de qualidade, um ramo de produção de vacinas, também uma área de ensino na Escola Nacional de Saúde Pública. Além de todos esses setores, a própria questão da pesquisa básica. O senhor acha que as coisas estão equilibradas ou eles estão pendendo mais para o lado da ciência aplicada em detrimento da ciência básica? Como o senhor vê o quadro atual se fosse fazer um diagnóstico das tendências da Fundação?

HM — Eu tenho a impressão... vamos voltar outra vez: ciência básica e ciência aplicada. A ciência básica é aquela que faz investigações que não sabem quando dão resultado e a ciência aplicada faz investigações e segue a mesma metodologia da ciência básica. Não há diferença da metodologia científica entre ciência básica e aplicada, não há diferença. Uma apenas está procurando um problema mais imediato; outra, um problema a longo prazo. Toda investigação que se faça no Instituto, seja procurando um problema de aplicação imediata ou a longo prazo, é válida, entende? Eu acho que ela é válida. Simplesmente pode-se dizer: “Não, a Fundação é mais dedicada aos problemas de saúde. Ela vai ficar dentro do Ministério da Saúde”. Mas se amanhã acharem: “Bom, é preferível que uma parte da ciência básica fique muito mais ligada ao Ministério da Ciência e Tecnologia”, isso é uma decisão que poderá ser tomada depois. O principal é que o Instituto tenha gente de qualidade investigando e que seja apoiada pelo próprio Instituto, pelo Ministério da Ciência e pelo Ministério da Saúde. Antigamente isso não era assim. Não quero entrar em detalhes, porque se for entrar nesse detalhe, fica muito desagradável, e realmente evito todas as coisas que tenham fofoca...

PG — Mas Dr. Moussatché, a fofoca muitas vezes esclarece, não é?

HM — Não, acho que não, acho que obscurece. Acho que a gente tem que olhar as coisas com serenidade e olhar em perspectiva. Por exemplo, acho que o Instituto, hoje, tem

condições melhores do que antigamente, sem dúvida nenhuma. O que estamos chamando hoje de Instituto Oswaldo Cruz tem, sem dúvida, condições melhores do que antigamente.

PG — O senhor é otimista.

HM — Eu estou otimista, senão não vinha. Já estou aqui há três ou quatro meses. Senão ia embora e ficava por lá. Eu tenho uma posição excelente lá na Venezuela, para que venho para cá se isso aqui está ruim?

PG — É, isso toca numa questão delicada: o senhor está aqui há três meses e, de alguma forma, está conseguindo elaborar projetos de trabalho, mas a questão central, que é a sua reincorporação definitiva, continua em suspenso, assim como a de outros que foram cassados na mesma época. Como é que o senhor está sentindo isso em termos profissionais, em termos afetivos?

HM — Eu entendo que se o Instituto ou a direção do Instituto me sugere a criação de um novo departamento é porque está interessada em criar esse departamento. Não acredito que tenha feito isso simplesmente por uma atenção especial, porque fui cassado. Não, estão interessados mesmo. Portanto, um dos problemas do Instituto é organizar esse departamento. Bem, já temos uma experiência de alguns meses, já temos um laboratório que está funcionando, tem linha de pesquisa. O que o Instituto tem que fazer é realmente contratar esse pessoal, já. Como eu já disse uma vez ao Arouca e ao Luiz Fernando, temos que aumentar um pouco o laboratório, que está pequeno, tocar para frente, trabalhar. Acredito no trabalho, mesmo que num ambiente hostil, que não é o caso. Antes eu sabia, mas continuei de 1964 a 1970. Durante seis anos me virei, fiz muita coisa. Quer dizer, eu acho muita coisa, outro pode achar que não é nada.

PG — Na sua visão, mesmo que o ato de reintegração não se concretize a curto prazo, o projeto de trabalho do senhor já é uma coisa que seria atrativa?

HM — Claro, mas evidentemente que não posso achar que nós podemos ficar trabalhando aqui simplesmente por amor à arte, porque não posso continuar, nem o Tito, nem ninguém vai ficar simplesmente trabalhando. Isso eu creio que não pode ser nem do interesse do Instituto. Quer dizer, de alguma maneira tem que ter solução para a nossa integração como funcionários, com contrato, com bolsa ou o que seja, porque não pode, evidentemente...

LF — O Dr. Tito está trabalhando de graça aqui há seis meses.

HM — É, desde que cheguei, desde o começo de agosto que nós estamos vindo aqui. Já são quase seis meses. Ele todo dia está aí. O que ele já fez de consertar paredes, fez uma porção de coisas aí, seria mais do que o salário que pagariam a ele.

PG — E o senhor falou numa coisa — vou sair um pouco do tema - eu me lembrei da experiência que o senhor vinha relatando dos auxiliares de laboratório, de pessoas que conservavam equipamentos e reagentes para seu laboratório. O senhor podia contar um pouco essa história?

HM — Sim, essa história está se passando. Quando cheguei aqui, várias pessoas, espontaneamente, das que trabalharam comigo, sejam colegas e colaboradores e outros auxiliares, como o Francisco Gomes, conhecido como Chico Trombone — vocês já

fizeram com ele uma entrevista — me telefonou espontaneamente e disse: “Olha, eu tenho aqui um material, substâncias químicas que eram suas e que guardei e queria devolver, e uma porção de outras coisas que guardei, que estavam lá na Escola Fluminense de Medicina e que estão aqui”. Eu ainda não avaliei o valor dessas substâncias químicas que tenho aqui, mas devo ter alguns milhões de cruzeiros aqui. Eu somente vou avaliar o preço atual, de acordo com o catálogo, só por curiosidade, não é? Eu tinha uma glicose-6-fosfato num vidro grande, tem algumas dezenas de frascos variados, pode ser que chegue até quase a uma centena. Vou mostrar a vocês depois, vocês podem ver. Esse frasquinho, calculado pela sigma, são 75 mil cruzeiros um grama. Esse frasquinho, tem pelo menos quatro ou cinco dessa mesma substância, glicose-6-fosfato. O preço atual dessa grama é de 75 mil cruzeiros; quer dizer, só aí tem 200 e tantos mil, fora outros que são mais caros. Ainda não fiz esse cálculo, nem sei se vou fazer, vou deixar para o Tito ou alguém fazer. Tem alguns milhões de cruzeiros. Como esse tem o cilindro registrador, o fisiógrafo que o Mário Vianna Dias e o Ivan me falaram que estava lá pronto, me devolveram. Fui ao Instituto com caminhonete e o pegamos. A Júnia e o Ivan trouxeram o microscópio de contraste de fase que eu tinha e estava lá com eles — está aqui agora, tem que ver... Uma porção de outras peças, e ainda vão trazer mais: “Têm várias outras coisas lá que nós vamos trazer para vocês”. Isso foi uma coisa que eles trouxeram espontaneamente, guardaram com cuidado em apreço no laboratório. No tempo do laboratório o trabalho era bastante agradável.

WH. — Quer dizer que quando foram cassados, tiveram que retirar tudo?

HM — Quando nós fomos cassados, eles não foram cassados. Esse grupo não foi cassado, mas teve que ir embora. Quando eles viram que isso iria ser destruído, eles levaram uma parte disso não para eles, mas para as escolas onde estavam: estavam trabalhando aqui, mas já não faziam mais tempo integral.

PG — E 15 anos depois retornaram?

HM — Estão retornando. E algumas coisas dessas encontrei aí nos depósitos de material velho.

WH. — O que eles não puderam levar, ficou...

HM — Ficou aí e, segundo me disseram, muita coisa foi vendida também como material velho. Essas são as coisas que se falam e não sei até que ponto é verdade ou não é.

WH. — Bom, o senhor contou também o caso do [Fernando] Ubatuta, ele foi preso... como é que foi essa história do Fernando Ubatuba?

HM — Bem, quando foi o dia do golpe, nós viemos aqui no Instituto, soubemos... Acho que já contei isso.

WH. — Não, aqui não. O senhor contou para mim. Mas eu queria que contasse aqui.

HM — Ah! Viemos ao Instituto. Sim, porque queríamos ver o que houve e qual era a situação. Tínhamos experiências que estavam sendo realizadas. Bom, voltamos para casa. Na rua, aparentemente, até não havia muita coisa. O Ubatuba era professor de bioquímica

lá na Rural⁶. Ele foi preso por denúncia de uma pessoa... Claro, foi acusado fulano e fulano...

WH — Quem acusou muita gente na época foi o [Guilherme] Lacôrte.

HM — Não sei. É a tal coisa, como é que eu posso dizer uma coisa dessa? Não posso dizer se foi fulano... Enfim, o Ubatuba foi acusado, a prova é que foi preso. Se foi uma pessoa daqui se foi pessoa da escola Rural, não sei. Dizem que foi daqui se foi pessoa da escola Rural, não sei. Dizem que foi daqui, mas pode ser que sim, pode ser que não. Ele foi preso. Foram tomar o depoimento dele. Ele já estava preso, fui convocado para prestar declaração para a polícia no quartel militar lá perto, em Realengo. Foi em Realengo? Foi lá.

LF — Isso foi em 1964?

HM — Em 1964, logo depois... Então, tomaram uma série de depoimentos e faziam sempre perguntas assim — tinha um major e um capitão — meio desencontradas: “Os senhores tinham um cofre-forte lá no Instituto? “Sim”. “Para que servia o cofre-forte?” “Bom, tem que ter um cofre onde a gente põe morfina, substâncias radioativas, por exemplo, que não podemos deixar assim, senão uma pessoa pode pegar entorpecentes que a gente usa para experimentação, e até dinheiro que a gente às vezes recebia aqui e não queria ir com ele para casa; deixava aqui, e tinha que ter um cofre-forte”. Várias perguntas assim. Eu fui embora, me liberaram, e o Ubatuba, que estava preso há 15 dias, foi solto naquela noite ou no dia seguinte, porque eles estavam testando se as declarações do Ubatuba coincidiam com as minhas. “Para que o senhor foi ao Instituto?” Bem, ninguém esperava esse golpe. Sabia-se que ia haver qualquer coisa, mas não a data.

PG — Eles não avisaram, não é?

HM — Não avisaram. “Evidentemente, nós fomos porque tinha umas experiências que estávamos fazendo”. Quer dizer, coincidiram as minhas declarações. “Não viemos aqui para armar coisa nenhuma. Saímos, entramos, viemos ao laboratório”.

WH. — Foi esse o processo de cassação? Os senhores sabiam que iam ser cassados? Isso veio de surpresa?

HM — Não foi de surpresa. Como disse, era morte anunciada. Nós sabíamos que um dia íamos ser cassados, era uma questão de tempo. Quando subiu o Rocha Lagoa, sabíamos que isso podia acontecer.

WH. — Mas havia base legal para a cassação? Uma justificativa?

HM — Nós nunca conseguimos ler o que eles atribuíram, não sabemos. Nós fomos cassados e aposentados, mas o que sabemos é simplesmente que: “Ah, são de esquerda”. Mas nós nunca tivemos acesso, no processo, às razões disso.

WH. — Mas existiam razões? Foi justificado particularmente a cada um ou nada foi justificado?

⁶ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em Seropédica.

HM — Não nada! Terminados todos os processos, levaram seis anos para que eles decidissem nos cassar. Foram seis anos. Então a decisão não foi imediata.

WH. — É, mas por exemplo, o próprio general Falcão disse que não havia objetivamente nada contra o senhor.

HM — Esse foi o meu caso, segundo a informação que me deu um amigo do qual o general Falcão, por sinal, era cliente. Ele disse: “Olha, o general Falcão disse que o pessoal do Instituto (*inaudível*)”. Portanto, no final do processo, ele não deve ter declarado que nós deveríamos ser cassados. Da mesma forma, o Olympio, suponho que ele não disse: “Não tem que cassar”. Mas isso não foi suficiente. Quando nós fomos para o Ministério da Saúde, para um outro processo, uma outra investigação que eles fizeram e que também fui inquirido, era para a decisão final, em 1964, para a grande lista de cassação que saiu. Não saiu! Por quê, não sei.

PG – Às vezes são fatores conjunturais extremamente incontroláveis, não é?

HM — Apesar do AI-5 ter sido um instrumento já destinado quase que objetivamente a resolver alguns problemas que tinham ficados pendentes.

Fita 6 – Lado A

PG — Tem uma explicação: o conflito estava claro; a ideia de reprimir, de cassar, estava clara. Agora, você atribuir exatamente porquê acontece naquele momento? Às vezes até é questão mesmo do Lagoa ter conseguido, no momento específico, que alguém, no caso o Médici, ou quem quer que seja, tivesse dito: “Bom, vamos incluir esses daí.”

LF — É. Corria assim que na época em que houve as cassações, o Couceiro era presidente do CNPq e ele teria ido ao Médici reclamar. Eu sei por ouvir, pode ser verdade ou não. Enfim, ele fez um protesto e foi demitido pouco tempo depois. Força-se uma situação para que ele saia porque teria sido uma rebeldia ter reclamado contra as cassações. Enfim, circulava que o Médici teria demitido logo depois; que teria sido um erro, mas que o erro já estava cometido e a revolução não podia voltar atrás e tal, tal, tal. E isso vem numa sequência em que o próprio Rocha Lagoa deixou de ser ministro, ele não cumpriu o mandato, ao que se atribui uma série de outras coisas.

HM — É, tudo isso eu sei.

LF — Não, sei que o senhor sabe melhor do que eu.

HM — É o tal negócio, qual é a validade dessas informações? Acho que tenho que ser muito objetivo nisso, porque senão caio nessas coisas que redundam quase sempre criando um mal-estar geral por causa do assunto estar cheirando a fofoca. Eu sempre evitei todos os problemas que criassem problemas pessoais, eu me retiro.

LF — O senhor me desculpe se estou insistindo, mas é porque de repente, eu interpreto como uma questão pessoal, e o senhor evita que seja assim. Posso até encerrar se eu estiver chateando um pouco, mas é que eu sei conceber isso assim.

HM — Não, não.

LF — Eu não consigo ver nenhuma linha política da Revolução de 1964. Enfim, eu não consigo ver nada disso.

HM — Luiz Fernando, eu sou o único do grupo que pensa assim. Todos dão a isso um fator pessoal. Eu digo que não pode ser pessoal, porque não tinha e não tenho nada pessoal com o Rocha Lagoa. Ideologicamente éramos diferentes, evidentemente. Portanto, fui cassado por razões ideológicas, ok? O governo era ideologicamente contra mim. Realmente o Rocha Lagoa levou o problema porque, ideologicamente ele era contra mim. Não era um problema comigo, porque eu não tinha nada contra ele. E muito menos o Herman que, não sendo um amigo, era suficientemente ligado a ele para, às vezes, sair do Instituto no carro dele, pegar uma carona, ou seja lá o que for.

WH. — Mas se critica muito o Rocha Lagoa — crítica em termos científicos...

HM — Isso não está sendo gravado, está? Ok. Eu quero dizer o seguinte: eu não tenho nada contra o Rocha Lagoa. Eu acho que a culpa é do governo, acho que o Rocha Lagoa não tem uma estatura para criar um problema desses a não ser dentro de um governo que...

PG — O clima, a possibilidade é dada por um movimento do governo em que pessoas colocadas em determinadas situações conseguem detonar processos em função de um arranjo muito maior que está definido em nível da política nacional.

HM — O senhor imagine, por exemplo, que o Rocha Lagoa leva ao Médici e diz: “Olha, é uma gente que quer tirar o Instituto Oswaldo Cruz do Ministério da Saúde. O Ministério da Saúde precisa do Instituto, porque está fazendo vacinas muito importantes para a população; está fazendo pesquisas para resolver os problemas imediatos do Brasil, e essa gente fica criando esses problemas de mal-estar, fica fazendo coisas que ninguém controla. Eles querem fazer uma ciência que a gente não sabe o que significa”. “O que eles estão fazendo?” “Estão fazendo novas experiências que ninguém sabe para que vale aquilo. Ficam gastando dinheiro do país e nós não podemos botar mais gente lá, porque a verba está pequena. Assim fica uma situação difícil”. E o Médici vai dizer: “Mas então essa gente tem que sair imediatamente. Não há dúvida nenhuma que é uma gente que não serve, que recebe coisas. São chefes de departamento. Ficam fazendo aquelas experiências, aquelas bobagens que estão fazendo lá. Estudam crioepilepsia e não sei o quê mais... Que significação tem isso para a solução dos problemas da saúde no Brasil? Nenhuma”.

WH. — Mas havia uma preocupação do governo...

HM — O que digo é que levado o problema nesses termos ao Médici, ele diz claramente: “Mas não é possível, não pode continuar uma coisa dessas” Quem é o Rocha Lagoa? É uma pessoa que fez concurso para o Instituto, entrou para o Instituto e era diretor do Instituto. Chegou, não sei, a ser chefe de seção ou lá o que seja. Era, portanto, uma pessoa credenciada, que foi ao Presidente que fez o Ato Institucional nº 5 para terminar com todas as pessoas que estavam criando problemas ao governo. E ele leva esse problema. Evidentemente, tem que nos demitir, e com isso, não está fazendo nada de intrigas aqui dentro, está simplesmente dizendo que o Instituto tem que tomar outra orientação que não é nem do tempo do Rocha Lagoa. Já vinha antes do Rocha Lagoa ser diretor e que vinha

de uma reformulação do Instituto em outras bases. Quer dizer, tem raízes profundas ligadas ao problema da função social da ciência, à importância que tem o livro do Bernard. Há todo um mundo novo e diferente que estava aparecendo, e nós estávamos metidos nisso. Quer dizer, assinei os documentos contra as explosões atômicas; eu ia para a Academia protestar contra as explosões atômicas. Então, levou tudo isso para o Médici! Eu declarei ao general Falcão que sou contra a guerra. Eu pertencço à Federação Mundial dos Trabalhadores Científicos, cuja função é ser contra as explosões atômicas e contra a guerra. Eu sou contra a guerra! Quer dizer, eles sabiam disso ou tinham lido o depoimento, e acho que leram, disseram: “Esse marreco aqui, esse sujeito, evidentemente, é da esquerda. Ele pode ser um desses da LKB ou da KGB, que está aqui entre nós”. Entende?

PG — O senhor aponta uma questão importante, dando um estatuto muito nobre, no sentido de um embate de linhas de orientação.

HM — Esse, eu acho, é o fundamento.

PG — Agora, o discurso da repressão é sempre um discurso de que as pessoas estavam sendo cassadas não pelos projetos profissionais ou científicos, mas pelas suas conotações ideológicas e políticas. O discurso é que as pessoas eram cassadas porque representavam setores de esquerda ou da subversão. Era esse o discurso que justificava as cassações.

HM — Claro, mas veja bem, vamos a uma questão que o senhor já se referiu aqui. Porque houve a invasão da Universidade de Brasília? Se há uma universidade que sofreu, foi a Universidade de Brasília. Quem foi? Como foi criada a Universidade de Brasília que vocês já falaram no assunto? Baseada nesse discurso. Quer dizer, quem foi que começou a Universidade de Brasília? Bom, foi Juscelino que criou Brasília — isso está na base de todo o fenômeno. Depois, quando Juscelino foi eleito Presidente, havia críticas ao Juscelino, que ele estava industrializando o país, mas não fazia nada pela cultura. Bom, então o Juscelino disse: “Não, então vamos criar uma universidade. Brasília precisa de uma universidade, então vou mostrar que não é só a parte industrial, a parte de automóveis”. E propôs ao Ciro dos Anjos, que era o chefe da Casa Civil, para que buscasse estudar um programa para criar a Universidade de Brasília. O Ciro dos Anjos falou com o Darcy Ribeiro, que trabalhava na Casa Civil e que é um amigo meu de longa data, desde 1957, por essa época, durante a SBPC, uma reunião que eu chamei o Darcy para colaborar. E colaborava com o Darcy, às vezes, dando certas informações que seriam para ele lá para a Casa Civil. Então o Darcy, que tinha que criar um grupo para estudar como criar a Universidade de Brasília, chamou a mim, ao Leite Lopes, a um grupo. Deve ser porque o grupo tinha uma convivência com ele. Veja bem que entre o Leite Lopes, o Darcy, eu, Danon, o Herman... Bom, as origens da Universidade de Brasília já são espúrias para o governo de 1964, certo? Quer dizer, esse governo não quis admitir que, pela primeira vez no Brasil, se criasse uma universidade, porque não havia. Havia um conjunto de escolas. E ainda não há universidade no Brasil, ainda não há.

LF — Mas talvez seja interessante colocar que apesar disso e apesar de todas as modificações de pessoas, de ideias, de alguma coisa que se mudou na Universidade de Brasília, ela manteve um núcleo de alguma coisa diferente que forçou, pelo menos, um movimento de mudança das outras universidades.

HM — Tá certo, não há dúvida.

LF — Quer dizer, a Revolução de 1964 não conseguiu arrasar a idéia da Universidade de Brasília.

HM — Não, não conseguiu. Exato...

LF — Aquele negócio de acabar com o catedrático, fazer os departamentos, os institutos, tudo isso é a partir da Universidade de Brasília.

HM — Exato, mas fomos nós, conversando com o Darcy...

LF — Não, professor, eu queria dizer que a ideia ficou apesar de tudo.

PG — O senhor podia falar um pouco como foi essa experiência. Quanto tempo o senhor ficou envolvido nesse projeto? Como se deu esse processo de instalação da universidade?

HM — Bem, isso é muito longo. Nós trabalhávamos mais de um ano, nos reunimos várias noites na semana estudando, até o ponto em que chegamos a fazer o conceito do que seria essa universidade. Por exemplo: a criação dos institutos básicos, como base da universidade, foi uma criação que resultou das conversações que nós tínhamos, porque nenhuma universidade foi organizada nesse estilo até hoje; a de Brasília é a primeira e talvez a única até hoje, que depois teve caráter de departamento, mas são os institutos básicos dentro do departamento. Isso foi resultado de uma análise que se fez detalhada, discutimos isso noites, até uma hora, duas horas da manhã. Depois do trabalho, a gente ia para a casa do Darcy, ficávamos lá, grupos, fazendo reuniões. A SBPC promoveu — e eu era naquela ocasião secretário regional da SBPC — e provoqueei várias reuniões aqui da própria Sociedade para discutir a criação da universidade, e colaborava gente de São Paulo e de vários lugares. Então, isso foi um estudo feito por muito tempo, de modo que quando já estava quase no final do governo Juscelino, isso já estava mais ou menos bem estruturado, bem pensado, e se começou a chamar outras pessoas: Pedro Calmon para fazer parte de comissões, para levar o problema ao Juscelino e obter seu apoio. Depois, acabou que foi o Jânio que criou a Universidade de Brasília. De maneira que você tem aí como começou tudo. O Anísio Teixeira foi chamado para ser o reitor, o Darcy estava na Casa Civil. Caiu o Jânio e ficou o Jango, e a universidade foi organizada. E começou-se a contratar uma porção de gente: Salmeron, que estava fora, muita gente que foi contratada para Brasília. Mas todos eles estavam ligados a esse grupo inicial, quer dizer, era uma gente suspeita. Quando veio o golpe, pouco depois disso tudo ficou suspeito, e todas essas pessoas pediram demissão, porque se viu que nomearam uma pessoa que iria começar a perseguição lá dentro. E aí a história de Brasília foi essa de que acabaram convidando professores de curso secundário em Goiás para poder preencher funções que estavam sendo exercidas pelo Salmeron, pelo Tiomno, um pessoal de primeira classe na pesquisa do Brasil, e que foi substituído por gente que ninguém sabe para que veio. Logo, a Universidade de Brasília sofreu muito; está sofrendo ainda as consequências disso. Claro, o Darcy teve que ir embora; não voltou. Enfim, tudo isso é história dos nossos dias, vocês conhecem... Mas essa é a história real da Universidade de Brasília. Agora ela está se equilibrando. Saiu aquele capitão de fragata que colocaram lá, que ficou esses anos todos, que fez as maiores perseguições lá dentro.

PG — O senhor falou dessa saída do Darcy, também mais tarde o senhor sai. Quer dizer, como é essa experiência do exilado?

HM— Eu não cheguei a fazer parte da Universidade de Brasília — nunca fui para a Universidade de Brasília. Colaborei muito tempo na estrutura, nas reuniões, fui um dos promotores de reuniões no Rio, porque naquela ocasião eu era secretário regional da Sociedade para o Progresso da Ciência, de modo que promovi algumas reuniões aqui para discutir, mas nunca fui à Brasília.

PG — Eu digo, essa diáspora dos cientistas exilados... Como é a experiência desse exílio? O senhor manteve relações com alguns desses cientistas nesse período de exílio? Como dá essa tentativa de manter esse grupo que ficou disperso?

HM — Não, o que se manteve foi uma relação de amizade pura e simples. Quer dizer, nós sabíamos que o [Leon] Rabinovich estava na Universidade de Nova York. Mantínhamos uma correspondência quando queríamos nos encontrar. Fui a Nova York visitá-lo e sabíamos que cada um estava num lugar, cada um estava no seu lugar. Mas sabíamos que estávamos exilados e que a volta para o Brasil era uma incógnita total, e nunca mais pensei em voltar para o Brasil. Pensei que fosse terminar meus dias na Venezuela ou talvez quando estivesse doente voltasse para cá, mas seria o final.

WH. — Quando os senhores foram cassados houve alguma mobilização, declarações à imprensa, houve movimentos dentro da Câmara?

HM — Que eu saiba não.

PG — Era uma época extremamente dura. Quer dizer, a possibilidade de manifestação em 1970 era...

HM — Ocasionalmente talvez tenham se referido a nós...

WH. — Sim, mas quem publicava alguns artigos na época era o Sebastião Nery.

HM — O Nery fez uma referência, mas assim um protesto...

PG — Eu queria insistir um pouco na ideia da experiência do exílio. O senhor logo em seguida se vinculou ao trabalho na Venezuela.

HM — Não, foi muito demorado. Foi de 1964 até 1970 — eu fui cassado em 1970.

PG — Em 1970, não é?

HM — É

PG — Mas em 1971 o senhor já está trabalhando na Venezuela.

HM — Foi.

WH. — Como foram esses contatos para ir trabalhar na Venezuela? Era um processo demorado?

HM — Não, quando fomos cassados, pessoas amigas nossas nos escreveram perguntando se não queríamos ir para lá. Por exemplo, eu ia para Inglaterra. Convidaram-me para a Inglaterra, porque amigos nossos estavam lá. Disseram: “Olha, falei com o diretor da escola. Você não quer vir para cá?” Eu ia para a Inglaterra, mas falando com um amigo que tinha relações com o diretor de uma escola na Venezuela, falou com esse diretor e disse: “Olha, o Dr. Ubatuba é uma pessoa que foi cassada e seria interessante contratá-lo para cá”. Entraram em contato com o Ubatuba e ele foi para lá. Seis meses depois, ele me telefona e diz: “Você não quer vir para cá?” Eu disse: “Não, eu vou para a Inglaterra”. Ele disse: “Mas vem cá, você não quer vir aqui? Olha, na Venezuela tem uma situação muito boa, aqui as universidades estão criando algumas coisas interessantes”. Então, como o meu contrato na Inglaterra estava demorando por problemas... Um dos problemas que demoraram era a minha idade, porque eu já tinha 61 anos e na Inglaterra aos 65 anos, as pessoas têm que ser aposentadas de qualquer maneira. Isso criaria um problema. Por outro lado, não podiam me dar um cargo inicial, porque eu já era uma pessoa que tinha um certo prestígio. Eles também tinham um problema naquela ocasião, havia uma crise na Inglaterra. Tinham que me dar um posto que correspondesse com a minha posição. Estavam procurando uma posição no *National Research Council*, primeiro para Edimburgo, depois para Londres mesmo. E eu estava nessa espera, inclusive telefonavam de lá: “Olha, tá demorando um pouco” Aliás um conhecido meu, o Monger, disse: “Olha, está demorando, mas vai sair, são problemas econômicos que nós temos aqui”. Mas entre eles estava a minha idade, 61 anos. Então, havia umas coisas assim e o Ubatuba disse: “Você não quer vir para cá? Aqui estamos criando uma universidade uma coisa bem interessante que se está querendo fazer”. Eu disse: “Bom posso ficar aí um ano”. E fui para lá para ficar um ano. Escrevi para Londres, porque até que saísse a bolsa para lá, eu ia para a Venezuela um ano. Depois escrevi dizendo: “Olha, vou experimentar mais um ano, porque a situação aqui na Venezuela é muito interessante”. Depois eu disse ao Monger: “Olha Monger, acho que vou ficar aqui, porque tenho uma função que acho bem interessante, que é a de organizar a investigação científica da universidade!” E fiquei lá 14 anos, estou lá até hoje.

PG — Já se falou muito da experiência dos exilados na Europa. Há muitos relatos. Como é a experiência de um exilado num país latino-americano? Quer dizer, há um isolamento maior? Como o senhor sentiu esse fato?

HM — Evidentemente é um negócio muito sério, porque a gente vai para lá, não conhece ninguém — o único que eu conhecia era o Ubatuba. Fui com minha senhora, ninguém mais, só nós dois. Mas eu não tenho o que dizer do tratamento que me deram lá; só posso fazer elogios, porque foram extremamente gentis comigo. Fiz muitas relações, muito boas, e eles declararam sempre que o dia em que eu decidir ir embora, fechariam as fronteiras da Venezuela, não permitiriam que eu saísse.

PG — E agora o senhor volta, passa uns meses lá...

HM — Eu penso em voltar.

PG — Como o senhor pensa em manter essa ponte?

HM — Isso vai ser mantido, porque já falei com o Arouca, e vai ser feito um convênio com a universidade. Devo voltar no dia 30, agora. Preciso falar com o Arouca para ver se ele faz uma oferta, uma carta, uma coisa qualquer propondo. Vou falar com ele; às vezes

não é fácil falar com o Arouca; às vezes ele está tão ocupado. De modo que eu gostaria que ele enviasse uma carta ao reitor da universidade oferecendo uma colaboração.

LF — Para fazer um convênio

PG — Dr. Moussatché, e dessa trajetória toda, o que fica disso aí? O que o senhor retira dessa experiência toda, dessa vivência toda, dessa trajetória?

HM — Olha, sou um otimista inveterado. Acho que há sempre uma esperança quando as situações estão ruins. No meu caso, aqui para o Instituto vejo bastante bem, tem que se consolidar algumas coisas que estamos fazendo aqui — eu espero que se consolidem. Por exemplo, o Dr. Tito continua sem contrato e eu vou ter um contrato, mas ainda não sei quando vai ser. Também o Renato Cordeiro tem que ajustar a vinda dele para cá, em parte como uma coisa através do Conselho de Pesquisa, para manter o trabalho aqui e lá, e tem grupos de lá que querem vir trabalhar aqui. Eu acho que a esperança existe, e tem que ser efetivada. Eu sei que o Brasil está passando por uma fase de transformação muito séria e a gente não pode ficar muito agoniado com essas coisas, mas tem que ficar alerta para que essas coisas não fiquem também se demorando demasiado porque ninguém pode ficar esperando tempos indefinidos. E eu penso em ir, penso em voltar.

PG — O senhor tem uma avaliação política mais definida sobre o que acontece hoje a nível da política geral no Brasil?

HM — Olha, é muito cedo para dizer o que esse governo pode fazer. O Presidente, inesperadamente, subiu à presidência. Os problemas que foram criados por todo esse período que o Brasil esteve com os militares... Se bem que eles não fizeram só besteira. Não vamos imaginar que os inimigos só fazem besteira, isso não é verdade. Também fazem coisas boas e provavelmente fizeram algumas coisas que aí estão e que vão ficar. Mas nossas incertezas que houveram e que se agravaram depois, há muitas coisas que têm que ser corrigidas. Creio que a investigação, nesses últimos anos, estava relegada a um plano secundário, entre outras coisas. De modo que acho que tem muita coisa que precisa ser acertada pelo governo Sarney⁷, que não esperava ser o Presidente. Mas o Brasil não pode depender de um homem só, que seria o Tancredo. Também Tancredo não seria a salvação, pois não há um salvador. É uma situação que tem que ser vista no Brasil em função até da sua posição geográfica, das suas relações com os outros países. Temos que nos tornar independentes da dominância do capital americano. Ainda temos muito o que andar nesse sentido. O Brasil já tem hoje uma situação econômica bastante diferente do que era há 25, 30 anos atrás; não por causa dos militares, mas porque realmente apesar deles muita coisa foi criada, que hoje existe e que já existia antes. Muitas coisas foram feitas muito antes do regime militar. Acho que há três Brasis que são diferentes: o Brasil que fica a partir do Espírito Santo até o Sul; o Brasil do Nordeste, que é o outro; e o Brasil do Norte, que é também diferente (*rindo*). Esse Brasil que fica mais ao Sul — Rio de Janeiro, São Paulo, Minas — e que hoje é uma potência totalmente diferente do Nordeste e do Norte, está lutando para ver se sai da situação em que está, e acho que vai sair. Eu sou às vezes um pouco otimista, porque não aceito a ideia de que estamos derrotados, não. Acho que vamos para frente. Acho que o Brasil sai disso. Está saindo. Precisa de uma política diferente; em que se liberte um pouco dos Estados Unidos, e já tem

⁷ O depoente refere-se a José Sarney, vice-presidente da República, que assumiu a presidência após a morte de Tancredo Neves em abril de 1984.

capacidade para procurar outros mercados porque tem o que oferecer. Já está procurando. Esse momento eu acho especialmente difícil, porque nós temos uma desvalorização muito grande da moeda.

PG — E nessa busca de outras relações, quer dizer saindo da relação de dependência dos Estados Unidos, o senhor vê possibilidades, a curto e médio prazo, de que essas relações favoreçam o desenvolvimento da área científica, ou teriam pouca coisa a acrescentar?

HM — Acho que há sempre algo a acrescentar quando a gente procura relações científicas com outros países. Se há alguma coisa que é extremamente impessoal, quer dizer, que pertence a todos, é a atividade científica, a que se realiza em todos os países que são capazes de contribuir para ciência. A relação do Brasil com esses países deve ser necessária, mantida e incentivada. De modo que acho que temos que manter relações científicas mais estreitas com a União Soviética, e que não se mantém porque estamos um pouco sob o domínio dos americanos, que realmente têm uma atividade científica extraordinária. Mas seria útil que se mantivesse também com outras potências.